



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS/DCH
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE-MPED
CAMPUS IV - JACOBINA - BA



SÍRIA LIMA SAMPAIO

**CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS
TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA – BA)**

Jacobina - BA

2017

SÍRIA LIMA SAMPAIO

**CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS
TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA – BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, no âmbito da linha de Pesquisa I – Formação, Linguagem e Identidades, vinculada aos grupos de pesquisa, Cult-vi – Núcleo de Pesquisa e Difusão de Cultura Visual, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

Jacobina - BA

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Sampaio, Síría Lima
S192c Cultura visual, diferenças e representações identitárias dos
trabalhadores rurais do Tapuio (Jacobina – Ba) / Síría Lima
Sampaio
Jacobina - BA
157 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu
Senso / Programa de pós-graduação em educação e diversidade
da Universidade do Estado da Bahia, MPED, Departamento de
ciências humanas – Campus IV). Universidade do Estado da
Bahia, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

1. Cultura visual. 2. Representações identitárias. 3.
Diversidade. 4. Espaço rural. I. Título.

CDD – 301.16

FOLHA DE APROVAÇÃO

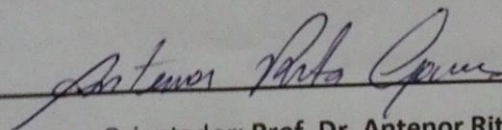
SÍRIA LIMA SAMPAIO

CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS
TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA - BA)

Dissertação defendida aos membros da banca examinadora, e ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, para obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade.

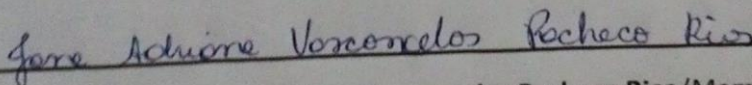
Dissertação defendida em: 18/07/2017

BANCA EXAMINADORA DE DEFESA



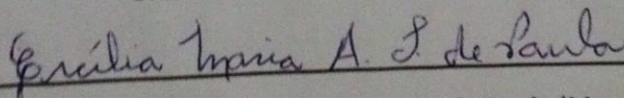
Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof^ª. Dr^ª. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios (Membro interno)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof^ª. Dr^ª. Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula (Membro externo)

Universidade de Maringá – UEM

Jacobina – BA

2017

Clara: *Tu já sabe ler?*

Menino: *Sei não! Mas sei ler as figura!*

**

Tonho: *O que é que tu tá fazeno acordado, Menino?*

Menino: *tô leno...*

Tonho: *E esse livro aí, é livro de que?*

Menino: *É livro de tudo*

Tonho: *Tá errado Menino*

Menino: *Tá errado o que?*

Tonho: *Tá de cabeça pra baixo*

Menino: *Tá não. Quer pegar aposta mais eu? É igual de um lado, e igual do outro. Tem diferença não. Tá veno: Tu que não entende nada de livro.*

(Falas dos personagens: Clara, Tonho e Menino, do filme Abril Despedaçado, de Walter Sales, 2001).



Figura 01 – Caminho próximo ao local das oficinas. Tapuio, Jacobina Bahia. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

*Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer
Êh, oô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!*

(Trecho da música, “Admirável Gado Novo”)
(Zé Ramalho)

Dedico esta pesquisa aos trabalhadores rurais do Tapuio.

AGRADECIMENTOS

Só agora, nesta etapa da escrita, que me dei conta que estou finalizando mais um ciclo em minha vida. Ciclo este, que me trouxe muitas aprendizagens, emoções, amores e desafios. Por conta disso, agradecerei a cada pessoa que esteve junto comigo nesta etapa tão importante:

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita sabedoria, e por me mostrar, mesmo que de modo subjetivo, que esteve/está presente em cada momento da minha vida.

Ao meu orientador, professor Dr. Antenor Rita Gomes, por cada orientação, por cada ensinamento, cada “puxão de orelha”, por me acalmar em momentos de ansiedade, por me receber sempre de braços abertos, dizendo que sou capaz, mesmo em momentos que sentia que não iria conseguir, e acima de tudo, por me ajudar a trilhar neste caminho, pois sem ele, esta pesquisa não teria tomado esta proporção;

A painho e mainha, Carlos e Conceição, pelo amor incondicional, em particular a minha mãe, por me acompanhar em cada etapa da pesquisa de campo, sempre me apoiando e ajudando no que fosse preciso; por ter mediado o contato inicial com os trabalhadores rurais, e em particular, pelos lanches que fazia todos os domingos para nos servir durante os intervalos de cada oficina;

Às minhas irmãs, Betânia e Nívia pelo carinho e apoio de sempre;

A minha prima/irmã Sandra, por estar presente em cada momento importante da minha vida e por sempre me dizer que sou capaz de alcançar os objetivos almejados.

A minha tia Zi, pelo companheirismo e ajuda prestada durante todo o período das oficinas, principalmente pela ajuda com a limpeza no local destinado às oficinas;

A professora Dr^a Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, pelas ricas e indispensáveis contribuições na qualificação, este momento foi o divisor de águas para o êxito da minha pesquisa.

Ao professor Dr. Paulo Brazão, pelas contribuições com o parecer na qualificação.

Aos professores do MPED: Dr^a Ana Lúcia Gomes, Dr. Antenor Rita, Dr^a Jane Adriana, Dr. Jerônimo Jorge, Dr^a Juliana Salvadori, Dr. Ricardo Amorim, e Dr^a Emanuela Dourado, por suas ricas contribuições para minha formação acadêmica e pessoal;

Aos colegas do MPED, pelas muitas aprendizagens compartilhadas e por cada momento de alegria que cada um deles, de modo particular, me proporcionou. Citando aqueles com os quais os vínculos se estenderam um pouco mais: Camila Heveline, pela amizade pessoal que construímos ao longo desta jornada e Laudicéia da Cruz. Assim, de modo igual, digo a todos: Muito obrigada por me ajudarem a trilhar este caminho junto com vocês!

Ao grupo de pesquisa Cult-vi, por cada momento oportuno a uma troca de conhecimento compartilhado.

Enfim, a cada pessoa que, de alguma forma, contribuiu para que este trabalho fosse realizado, o meu muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa se situa na concepção que as visualidades, a partir dos meios de comunicação de massa, assumiram na contemporaneidade e de que modo elas estão sendo mostradas. Teve como lócus da pesquisa a região do Tapuio, localizada na zona rural da cidade de Jacobina-Bahia. Os colaboradores desta pesquisa foram os trabalhadores rurais da referida localidade. Como questão norteadora, o estudo se propôs a investigar, por meio de oficinas, entrevistas narrativas e questionários visuais, de que forma estas visualidades representam a figura do trabalhador rural e de que maneira estes se representam diante destas visualidades. Os objetivos que alicerçaram este estudo, permearam em torno de identificar e descrever estas representações identitárias dos trabalhadores rurais que estão presentes nos elementos da cultura visual. A presente pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, seguindo estudos fenomenológicos. Como pressupostos metodológicos, o trabalho adotou o método da pesquisa etnográfica, como escolhas fundamentadas. Do ponto de vista teórico, o referido trabalho se pauta na teoria da Cultura Visual, Representações Identitárias, Diversidade e o Espaço Rural, à luz dos autores, como: Sardelich, Hernández, Martins e Tourinho, Hall, Silva, Rios, Gomes, Freire, dentre outros. Todo material pedagógico, bem como os registros utilizados durante toda a oficina, resultaram em proposições pedagógicas para educadores do campo, intitulada “LIÇÕES DO CAMPO – Breves Proposições sobre Ensinar e Aprender com as vivências de trabalhadores rurais”. Tais proposições terão como finalidade, auxiliar os educadores do campo com o material didático a ser direcionado ao público da zona rural. De modo geral, este estudo contribuirá, não só com a comunidade do Tapuio, mas sim, com todas às comunidades rurais, ou mesmo outros espaços que almejem trabalhar com tal temática, no sentido de considerar a relação entre os indivíduos e o contexto social e identitário, ponderando os limites das diversidades existentes, bem como oportunizar e desenvolver aprendizagens subjacentes às imagens.

Palavras-chave: Cultura Visual; Representações Identitárias; Diversidade; Espaço Rural.

ABSTRACT

This research is situated in the conception that the visualities, from the mass media, have assumed in the contemporaneity and in what way they are being shown. It had as locus of the research the region of the Tapuio, located in the rural zone of the city Jacobina - Bahia. The collaborators of this research were the rural workers of that locality. As a guiding question, the study aimed to investigate, through workshops, narrative interviews and visual questionnaires, how these visuals represent the figure of the rural worker and how they represent themselves in front of the visualities. The objectives that underpinned this study, permeated around identifying and describing these representations of rural workers are present in the elements of visual culture. The present research assumed a qualitative approach, following phenomenological studies. As methodological assumptions, the work adopted the method of ethnographic research, as well as underpinned choices. From the theoretical point of view, this work is based on the theory of Visual Culture, Identity Representations, Diversity and Rural Space, in the light of the authors, such as: Sardelich, Hernández, Martins e Tourinho, Hall, Silva, Rios, Gomes, Freire, among others. All pedagogical material, as well as the records used throughout the workshop, resulted in pedagogical proposals for educators in the field, entitled "LESSONS FROM THE FIELD - Brief Proposals about Teaching and Learning with the Lives of Rural Workers. Such proportions will have as purpose, to help the educators of the field with the didactic material being directed to the public of the rural zone. In general, this study will contribute, not only to Tapuio community, but to all rural communities, or even other spaces that aim to work with such a theme considering the relationship between the individuals and the social and identity context, pondering the limits of existing diversities, to opportunize and create learning underlying the images.

Keywords: Visual Culture; Identity Representations; Diversity; Rural Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Caminho próximo ao local das oficinas. Tapuio, Jacobina Bahia. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	05
Figura 02: Trabalhadores rurais fazendo atividade. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	65
Figura 03: Trabalhador rural arando a terra. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	66
Figura 04: Trabalhador capinando. Fotografia de Síría Lima Sampaio, 2016.....	67
Figura 05: Trabalhadora rural sentada na sala de sua casa. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	72
Figura 06: Trabalhadora rural fazendo vassouras. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	74
Figura 07: Trabalhador em primeiro dia de oficina. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	77
Figura 08: Trabalhadores rurais assistindo ao vídeo “Vida Maria”. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	84
Figura 09. Vaqueiro tangendo o gado com uma moto. Disponível no Google imagens, 2016.....	89
Figura 10. Avanços tecnológicos no espaço rural. Disponível no Google imagens, 2016.....	99
Figura 11: Cena do filme Abril despedaçado. Tonho e o pai indo à cidade. Disponível no Google imagens, 2016.....	108
Figura 12: Trabalhadora rural catando andu. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.....	113
Figura 13: Cena do filme Vidas Secas. Disponível no Google imagens, 2016.....	115
Figura 14: Cena da novela Êta Mundo Bom. Disponível no Google imagens, 2016.....	120
Figura 15. Maria no pilão. Cena do vídeo “Vida Maria”. Disponível no Google imagens, 2016.....	124
Figura 16: Trabalhadores rurais do Tapuio. Fotografia de Daniel Carvalho, 2016.....	133

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	15
1 INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO II	24
2 DIALOGANDO COM ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
2.1 CULTURA VISUAL: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS	24
2.2 CULTURA VISUAL E A RELAÇÃO COM OS ESTUDOS CULTURAIS	30
2.3 IDENTIDADE E DIFERENÇA	33
2.4 OS SUJEITOS DA ROÇA	37
CAPÍTULO III	45
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 ESCOLHAS FUNDAMENTADAS	45
3.2 OPERACIONALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE DADOS	50
CAPÍTULO IV	58
4 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE OS DADOS	58
4.1 DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO, A PARTIR DE ARTEFATOS DA CULTURA VISUAL	58
4.2 TRABALHADORES/AS RURAIS DA COMUNIDADE DO TAPUIO: CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DE CADA UM.	64
4.3 O TRABALHADOR RURAL E AS REPRESENTAÇÕES DE SI.....	78
4.3.1 Identidade Móvel: Visão/Consciência de Mudança.....	81

4.3.2 As Tecnologias Contemporâneas e o Campo: O que as Mídias Representam?.....	88
4.3.3 Trabalhador Rural como Sinônimo de Sofredor: Vergonha ou Orgulho em Ser da Roça?.....	101
4.3.4 Sensibilidade e Coragem do Trabalhador Rural: Lutas pela Sobrevivência.....	117
4.4 DO PRODUTO FINAL DA PESQUISA	131
5 ENCERRANDO A CONVERSA...	133
6 REFERÊNCIA.....	136
7 APÊNDICES	141
ROTEIRO DA OFICINA	142
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	151
QUESTIONÁRIO 1.....	155
QUESTIONÁRIO VISUAL – 1	156
QUESTIONÁRIO VISUAL – 2	157

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

“A educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes.”

(Brandão, 1985)

Ao presenciarmos a chegada do século XXI, notamos que este vivencia tempos onde as visualidades adquiriram força avassaladora e conquistaram um espaço que, tornaram-se objeto de estudo em diversos ambientes. Estas por sua vez, traduzem formas de compreensão do mundo ao nosso redor. Contudo, afirma-se que elementos da cultura visual estão presentes desde os primórdios, por questões de sobrevivência e para a socialização do homem.

Ao falarmos destas visualidades no contexto atual, afirmamos que as mesmas nos convidam e nos seduzem a todo instante. Logo, notamos que a cultura visual está por toda parte; um exemplo disso é quando estamos em uma fila de um caixa de um grande supermercado e olhamos ao nosso redor: vemos inúmeras imagens, a exemplo de outdoor, banner, propagandas televisivas, dentre outros, que têm por objetivo, prender nossa atenção e vender uma ideia, um produto, enquanto esperamos.

Na nossa sociedade, boa parte do que conhecemos, em relação ao conhecimento produzido, nos é apresentado através dos meios de informação e comunicação de massa, como afirma Sardelich (2006), quando diz que conhecimentos “também constroem imagens do mundo” (p. 203). São imagens que adquirem os mais diversificados sentidos e interesses, desde o entretenimento ao uso de cunho informativo.

Compreender o mundo através da cultura visual, significa introduzir-se no mundo cultural, considerando e explanando as visualidades, entendendo que elas são símbolos associados ao consumo, ao poder, ao saber, ao desejo e a emoção. Atualmente, as sociedades vivenciam a presença constante das imagens através dos meios de comunicação. Este acontecimento, que vem dominando o campo social por meio do rádio, do jornal, da revista, da televisão, do vídeo, do computador, da internet, do cinema, dentre outros. No entanto, a

compreensão que se faz das imagens é uma necessidade para o entendimento e decodificação destes signos tão difundidos na nossa vida cotidiana.

Saber interpretar a cultura visual é uma exigência da sociedade contemporânea, tendo em vista a grande quantidade de informações que nos são transmitidas por meio desta linguagem, pois a mesma tem um papel sedutor diante do indivíduo. Desse modo, pode-se afirmar que o uso da imagem tem função mediadora e possibilita aprendizagens ao indivíduo, pois esta é transversal, e constrói possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes, atendendo a diversidade nas práticas educativas, Gallo (2000).

Ainda, para nos referirmos as novas práticas da produção visual, desde os mais massivos até passíveis de acesso controlado, dos analógicos aos digitais, dos plugados aos móveis, notamos que estas deram origem a novos procedimentos perceptivos, a qual denominamos, cultura visual.

De acordo com Noth e Santaella (1998) as imagens podem percorrer o campo da cultura visual, tais como, os desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, as imagens cinematográficas, televisivas, dentre outras. Diferentemente do domínio imaterial, aquelas que representam as visões, fantasias, ou seja, representações mentais.

À luz da descrição feita por Noth e Santaella, segundo o campo das visualidades, afirmamos que estas nos possibilitam interpretações diversas; onde seus sentidos são sempre plurais. Uma fotografia, por exemplo, retrata a realidade e transmite beleza, ao mesmo tempo que transmite informação. Sobre isto, Sontag relata que,

A informação que as fotos podem dar começa a parecer muito importante naquele momento da história cultural em que todos se supõem com direito a algo chamado notícia. As fotos foram vistas como um modo de dar informações a pessoas que não têm facilidade para ler (2004, p. 32).

É importante lembrarmos, que mesmo vivenciando o frenético avanço nos meios de comunicação e informação oferecidos pela contemporaneidade, nem todas as pessoas têm acesso à leitura do texto escrito. Desse modo, a cultura visual permite as pessoas que não sabem ler a palavra escrita, a fazerem uma compreensão de uma nota de um jornal ou até compreender uma narrativa a partir das informações que o texto visual encerra. Para alguns leitores, uma imagem poderá apenas ilustrar a análise exposta em uma matéria, como de um

jornal, por exemplo, para outros, no entanto, a mesma poderá passar informações, ou mesmo, substituir a compreensão da leitura do texto escrito.

Mesmo coexistindo nesse cenário atual com tantos meios de comunicação e informação de massa a disposição de muitos, compreende-se que esta realidade não acontece em todos os espaços rurais com a mesma intensidade. Em se tratando de aspectos educacionais e representações identitárias, somos tentados a pensar como colaborar com estes trabalhadores. Entende-se a dificuldade que muitos moradores da zona rural encontram para terem acesso ao ensino formal. Todavia, sabe-se também, que a escola não é o único espaço capaz de produzir conhecimentos.

Outro aspecto também de interesse desta pesquisa foi identificar representações identitárias veiculadas pela cultura visual que estão presentes no cotidiano dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio.

Quando nos referimos aos processos identitários, concordamos com Bauman (1998) quando assegura que, a pós-modernidade é instituída por sujeitos envolvidos num intenso movimento de experimentação de identidades. Assegura ainda, que alguns fatores contribuíram diretamente para os sentimentos adquiridos pelos indivíduos pós-modernos, como por exemplo, a desordem do mundo estabelecida a partir de múltiplas identidades, comunidades, grupos sociais, novas forças políticas; bem como, desenfreada liberdade, inclusive a liberdade do capital; ou ainda, incertezas que permeiam as estruturas materiais, sociais e da atividade política. Estes novos paradigmas entram em paralelo com as estruturas fixas onde geram conflitos, inclusive no campo educacional, desde a formação docente até às práticas educativas.

Em diálogo com este pensamento, Hall (2006) acrescenta que existe uma crise que ronda o sujeito pós - moderno, pois estes indivíduos estão passando por uma “crise de identidade”. Este sujeito está enfrentando um processo de mudanças, agora, esta identidade encontra-se fragmentada e composta por várias identidades, muitas vezes contraditórias ou até mesmo não resolvidas. Hall argumenta ainda, que tais mudanças também podem ser associadas ao processo de globalização.

Sabemos que a diferença é um fator primordial em relação a identidade. No entanto, nos perguntamos como essa diferença é marcada em relação a identidade. Segundo Silva (2000) ela acontece por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

No que diz respeito às relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – ambas são constituídas, ao menos em parte, através de sistemas classificatórios que justapõem um princípio de diferença a uma população de uma forma que seja capaz de dividi-la em pelo menos dois grupos adversos.

Para falarmos dos interesses iniciais que motivaram esta pesquisa, destaco aqui, os de ordem pessoal. Por ser filha e neta de trabalhadores rurais, sinto-me à vontade para falar desse lugar, onde também me pertence. Meus pais nasceram e passaram boa parte de suas vidas morando na roça. Lá, aprenderam com seus próprios esforços, incentivo dado por seus pais, a sobreviverem em meio a um espaço tão diverso e cheio de tradições culturais. Passar minha infância em contato com a roça dos meus avós, indo em minhas férias escolares, me fez lembrar e me emocionar ao realizar esta pesquisa com os moradores da comunidade do Tapuio.

Tal estudo foi direcionado aos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, situada à 9 km da cidade de Jacobina, e desse modo, nos propomos a pensarmos como estes trabalhadores rurais se percebem diante das representações identitárias presentes na cultura visual? Além de entrevistas narrativas, a presente pesquisa contou com oficinas na própria comunidade. Durante estas oficinas, os trabalhadores tiveram contato com visualidades, como: telenovelas, filmes, vídeos, questionários visuais e fotografias, todos com a temática voltada para as representações identitárias dos trabalhadores rurais, e a partir de então, fizeram representações de si, diante destas visualidades.

Pensando nesse contexto, em que as imagens adquirem os mais diversificados sentidos e interesses, desde o entretenimento ao uso de cunho informativo, ou ainda, sobre a importância das representações identitárias dos trabalhadores rurais do Tapuio, a pesquisa tem como objetivos norteadores:

- a) Identificar os elementos da cultura visual que estão presentes no cotidiano dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio;
- b) Identificar representações identitárias de trabalhadores rurais, veiculadas pela cultura visual;
- c) Descrever/mapear as interpretações/reações dos trabalhadores aos artefatos da cultura visual que retratam os trabalhadores;
- d) Elencar as representações dos trabalhadores rurais do Tapuio - na relação com as representações visuais - sobre suas identidades.

Podemos afirmar que a educação, através da linguagem, e enquanto forma de ensino-aprendizagem, é obtida ao longo da vida de cada cidadão, como afirma Gomes (2012, p. 18) “é também pelo poder da linguagem que o conhecimento pode ser cotizado, acumulado e transmitido de geração para geração”. Existem três formas distintas de se adquirir este conhecimento quando fornecido pela educação: a educação escolar formal, aquela desenvolvida nas escolas; a educação considerada informal, conduzida pelos pais, parentes, amigos, entre outros contatos, ou seja, aquela que deriva de processos naturais e espontâneos; e por fim, a educação não-formal, onde incide quando há o desígnio de determinados sujeitos em proporcionar objetivos fora da instituição escolar.

Desse modo, afirmamos que a educação não-formal pode ser definida, como aquela que proporciona a aprendizagem dos conteúdos oferecidos pela escola formal em espaços como, comunidades mais carentes, por exemplo, ou em qualquer outro ambiente, onde as atividades possam ser desenvolvidas e onde aja êxito no ensino. Assim, “estas questões fazem com que a linguagem e os processos de aquisição/transmissão de conhecimento ganhem centralidade em qualquer gesto educacional” (GOMES, 2012, p. 18).

Muito se tem discutido a respeito da educação formal e seus modelos tradicionais que ainda circulam na sociedade atual. Porém, sabe-se da existência dos múltiplos processos de saberes, principalmente no âmbito educacional. As escolas formais seguem uma estrutura que prioriza e afirma que o conhecimento tem permanecido organizado e conduzido sobre um viés que segue uma estrutura, de modo sequencial e disciplinar.

Para adentrarmos nesse processo de hierarquização nos moldes da educação formal, temos que ter em mente, que esta segue uma linearidade onde o mais adequado tem sido a

sequência na estrutura disciplinar. Porém, onde se encaixariam as outras formas de aquisição de conhecimento aqui citadas? Nesse sentido, apontamos a importância da imagético, pois nos permite abordagens transversais em qualquer modelo de ensino. Partindo desse viés, “a linguagem do imagético, assim entendida, condensa e hibridiza saberes culturais numa perspectiva ‘caleidoscópica’ que reforça a possibilidade de organização de um currículo escolar transversal e não-disciplinar” (GOMES, 2012, p. 19).

Quando tratamos de uma educação que valoriza a interdisciplinaridade, caminhamos de encontro ao modelo posto pelos tradicionalistas do ensino formal. A ideia não é romper com outras disciplinas, mas sim possibilitar uma interação entre as mesmas, pois quando pensamos em um ensino não-formal, dentro de uma comunidade, por exemplo, temos que ter em mente que muitos ali, nunca tiveram contato com nenhum tipo de aprendizagem do ensino formal. Assim, “a interdisciplinaridade, portanto, não rompe com a fragmentação do conhecimento” (GOMES, 2012, p. 22).

Esta interdisciplinaridade aqui exposta, vem acompanhada das representações visuais, que por sua vez, são carregadas de sentidos e podem ser adicionadas como novos materiais pedagógicos nas diversificadas áreas do ensino. Dessa maneira,

[...] a imagem como recurso pedagógico não conhece fronteiras na produção de sentido e se conecta com as diversas áreas do conhecimento humano possibilitando a construção de um currículo não-disciplinar em que os sujeitos podem produzir conhecimentos contextualizados com a história e o contexto (GOMES, 2012, p. 28).

Desse modo, torna-se pertinente a fala do autor, quando este aponta a importância da imagem para os processos formativos e construtores de sentidos, bem como a pertinência do uso destas imagens nas mais diversificadas áreas do ensino, possibilitando dessa maneira, um currículo onde não atenda somente as formalidades propostas pelas disciplinas escolares, mas sim, possibilitar ao aluno a produção dos mais diversificados conhecimentos.

Para pensarmos numa educação que contemple as diversas áreas do ensino, bem como os diferentes espaços educacionais, a exemplo do ensino nas comunidades, tendo a imagem como elemento mediador destas práticas, temos que ter em mente que, as visualidades assumem o papel de construção dos sentidos, pois “não há como regular o sentido das imagens [...] todo dizer é aberto” (GOMES, p. 25), por este motivo, torna-se tão importante a produção do conhecimento contextualizado dos sujeitos.

Ainda referindo-se aos diversificados ambientes educacionais existentes, volto aqui, novamente, meu olhar às comunidades rurais, pois observamos que existe um distanciamento entre estas comunidades e o ensino escolar. Notamos também, que este distanciamento é fruto de um silenciamento, quase que constante, em que as comunidades atravessam. Sabe-se da carência e das dificuldades que tais moradores enfrentam para terem acesso aos estudos formais de ensino. Logo, torna-se evidente que, este é um dos principais fatores para termos um índice tão alto de moradores rurais que se encontram semianalfabetos, ou mesmo que não foram alfabetizados.

Os trabalhadores rurais do Tapuio, além de enfrentarem estas dificuldades acerca do ensino, atravessam outro aspecto negativo, a comunidade é bastante afastada das escolas e de toda a zona urbana. O único transporte é o animal, ainda assim, nem todos possuem, quando precisam resolver qualquer necessidade que seja fora da comunidade a qual residem, se obrigam a irem a pé até a cidade.

Existe ainda outro fator que assola a vida destes moradores da zona rural; carregam consigo o preconceito que a sociedade tem com o “ser da roça”. Sofrem por mal saberem assinar seus nomes, ou mesmo pelo vocabulário “inapropriado”, segundo a norma culta. Porém, vale ressaltar que tais moradores também carregam suas experiências de vida, seus ensinamentos passados de geração à geração, bem como sua bagagem cultural, que nos mostram a todo instante a importância social, identitária e principalmente cultural que o “ser da roça” tem. O fato deles não saberem ler a palavra escrita, não os impedem de fazerem a leitura de mundo que Paulo Freire tanto defende.

Nesse contexto, Rios (2015), afirma que “nesses espaços, a educação sempre foi silenciada e relegada a segundo plano. Neste silenciamento, produzido e incorporado às práticas e políticas educacionais, imprimiram-se as marcas, sobretudo, da negação ao direito à educação da população rural” (p. 25).

Entendemos que, ter realizado um trabalho com as representações identitárias dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, através de elementos da Cultura Visual, possibilitou trabalhar com todas as idades, gêneros e etnias. Pois, se faz necessário um trabalho de conscientização com as diversidades que compõem uma sociedade, a qual atravessa boa parte da produção cultural humana. Além disso, compreender a dimensão da

imagem em um espaço não-formal, pode colaborar com a produção de conhecimento de novos sentidos, possibilitando ao sujeito outro olhar diante das visualidades.

Quando nos referimos ao conhecimento produzido, em sua maioria, afirmamos que este nos é transmitido pelos meios de comunicação e também de informação. Pois, o conhecimento estabelece representações identitárias e visuais do mundo. Estas visualidades captam os mais diversificados interesses e sentidos, desde a informação ao entretenimento.

Contudo, entende-se a relevância desta pesquisa, na medida em que houve contribuições direcionadas ao conhecimento, bem como a percepção nas representações identitárias do trabalhadores rurais do Tapuio, não restringindo tais contribuições para outras comunidades rurais. Elementos da Cultura Visual foram indispensáveis para a mediação de tais ações em um contexto social. Além de entrevistas narrativas, a presente pesquisa realizou oficinas na própria comunidade. Desse modo, vale salientar, que conviver e compreender a Cultura Visual, perpassa o conhecimento funcional da linguagem, visto que, trata-se de concepções culturais.

Assim, entendemos que outros espaços também são destinados para o processo de ensino/aprendizagem dos conhecimentos, pois diversos ambientes, a exemplo das comunidades rurais, são propícios a esta prática. Outro fator relevante é a dinamicidade e autonomia que estes espaços nos possibilitam. Desse modo, o trabalho contribuiu para as aprendizagens subjacentes às imagens, pois são elas que integram as massas.

Esta pesquisa encontra-se dividida em quatro capítulos, a saber: o primeiro capítulo ficou responsável em apresentar e pontuar aspectos relevantes da pesquisa, além do interesse e dos objetivos que nortearam esta pesquisa, apresentados na introdução; o segundo ficou destinado aos pressupostos teóricos, intitulado “DIALOGANDO COM ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS”, dividido em quatro tópicos: Cultura Visual: considerações históricas e educacionais; Cultura Visual e a relação com os estudos culturais; Identidade e Diferença; e Os sujeitos da roça. O terceiro capítulo apresenta os pressupostos metodológicos, dividido em dois tópicos: Escolhas Fundamentadas; Operacionalização e construção de dados. No quarto e último capítulo, o intitulamos: “DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO, A PARTIR DE ARTEFATOS DA CULTURA VISUAL”, responsável pela sistematização e reflexão dos

dados. No próximo tópico, TRABALHADOR/AS RURAIS DA COMUNIDADE DO TAPUIO: conhecendo um pouco a história de cada um, o leitor terá a oportunidade de conhecer cada trabalhador rural que contribuiu para o resultado desta pesquisa. Com o tópico, “O TRABALHADOR RURAL E AS REPRESENTAÇÕES DE SI”, pudemos apresentar, após a imersão em campo, e a partir da análise dos instrumentos da pesquisa, quatro categorias que foram responsáveis pelos processos identitários de cada trabalhador rural: IDENTIDADE MÓVEL: VISÃO/CONSCIÊNCIA DE MUDANÇA; AS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E O CAMPO: O QUE AS MÍDIAS REPRESENTAM?; TRABALHADOR RURAL COMO SINÔNIMO DE SOFREDOR: VERGONHA OU ORGULHO EM SER DA ROÇA?; e SENSIBILIDADE E CORAGEM DO TRABALHADOR RURAL: LUTAS PELA SOBREVIVÊNCIA. Após esta divisão, apresento proposições pedagógicas para profissionais da educação que desejarem atuar em escolas no e do campo, bem como, quem almejar utilizar tal material. Para finalizar, apresento minhas impressões nas considerações finais, intitulada, “ENCERRANDO A CONVERSA.”

CAPÍTULO II

2 DIALOGANDO COM ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 CULTURA VISUAL: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS

Se pararmos para analisar, as imagens estão no convívio humano desde a pré-história. Antes mesmo de terem contato com a linguagem verbal ou escrita, o homem se comunicava através das imagens. Há milhares de anos, os homens pré-históricos já se manifestavam artisticamente por meio das visualidades, capazes de produzirem obras de arte ao mesmo tempo que se comunicavam. A arte rupestre, por exemplo, é composta por representações gráficas (desenhos, símbolos, sinais), feitas em paredes de cavernas ou nas superfícies de rochas, pelos homens da época. Estes registros são de fundamental importância para o estudo da Pré-história, pois fornecem dados e informações para o entendimento e desenvolvimento cultural desta época.

O termo arte rupestre é utilizado para indicar as inúmeras pinturas encontradas no interior de cavernas pré-históricas espalhadas por todo mundo. No entanto, nos questionamos, será que os exploradores destas cavernas faziam estes desenhos com a intenção exclusivamente de fazer arte? Estudos apontam estas imagens deixadas pelos nossos antepassados, foram criadas como algo, prioritariamente, utilitárias. Desse modo, é aceitável pensarmos que nossos antepassados não adentrariam cavernas tão intransitáveis com o simples propósito de decora-las.

Várias imagens foram deixadas há milhares de anos, como, animais, fogueiras, pinturas que se aproximam da imagem humana, dentre outras. Notamos a importância e o poder de comunicação que as visualidades possuem.

Antes de adentrarmos no termo propriamente dito da Cultura Visual, faremos um esboço de sua origem e de como a mesma chegou a esta nomenclatura. Na Europa Ocidental, o termo Belas-Artes surge nas academias de Arte, ou nas escolas de Belas-Artes,

configurando-se como unívoco da arte acadêmica no período da Renascença Italiana. Em meados do século XIX, proveniente da aproximação entre artesãos e artistas, este termo começa a perder forças. Nesse mesmo período, dar-se-á início aos estudos acadêmicos no campo da arte no Brasil, por influências da chegada da Missão Artística Francesa (DIAS, 2011).

Com o surgimento do termo Artes Plásticas, cai-se em desuso o vocabulário Belas-Artes, dando lugar para esse novo termo, que por sua vez, associa-se não apenas a Estética, mas também na flexibilidade dos materiais; tendo ainda, a autonomia em questionar sobre o conceito do Belo, bem como, a liberdade, através da arte, de transitar por caminhos diversos, principalmente nos estudos, sem se preocupar com os padrões impostos pela sociedade. O termo Artes Plásticas está intricadamente ligada à Arte Moderna, movimento responsável não apenas pela pintura, esculturas ou desenhos, como também por abarcar uma arte conceitual, bem como as inúmeras expressões que não eram explícitas nas Belas-Artes.

No Brasil, em meados do século XX, mais especificamente nos anos 1990, com os progressos tecnológicos, surge o termo Artes Visuais, que por sua vez, vem entrelaçado à visão. Segundo Dias (2011), com o aparecimento deste termo, agora não apenas englobaria as inúmeras expressões, mas também o território das visualidades, da comunicação visual, da tecnologia digital, dentre outros. Com este termo inserido no cenário atual, muitas universidades o incorporam em suas práticas de ensino, pois possibilitam outras expressões artísticas.

Assim, na década de 80, nos Estados Unidos, surge o termo cultura visual, este por sua vez, foi designado ao trabalho diretamente com as imagens, tendo a capacidade de influenciar o indivíduo, bem como sua maneira de pensar e ver o mundo. Desse modo, o termo cultura visual “vai bem além das categorias da história da arte tradicional e que já não pode ser estudado com os mesmos conceitos que antes eram utilizados, como por exemplo, para a pintura, escultura, e arquitetura” (DIAS, 2011, p. 50). No entanto, afirmamos que a cultura visual é inclusiva, pois congrega tanto as belas-artes, bem como uma gama de imagens “vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzida pelas culturas humanas” (MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 21).

Quando nos referimos a contemporaneidade, notamos que a grande população em massa, vive com a presença constante das mais variadas representações visuais, desde a televisão, rádios, telefones fixos e aparelhos móveis, ao cinema, teatro, jornais, dentre outros dispositivos visuais, que “representam ideias e ajudam os seres humanos a verem e a serem vistos” (TAVIN, *apud* MARTINS e TOURINHO 2012, p. 225). Desse modo, “tentar compreender esta condição cultural, suas manifestações materiais e simbólicas e o efeito que ela exerce, sobre nossas identidades individuais e coletivas, constitui o projeto da *cultura visual*” (TAVIN, *apud* MARTINS e TOURINHO 2012, p. 225).

Vivemos em uma cultura onde as visualidades nos convidam e nos atraem a todo momento e que nos possibilitam interpretações diversas. Poderíamos aqui, usar como exemplo, as fotografias, que também são responsáveis por transmitir informações, pois elas funcionam como um meio independente. Para tal afirmação, Sontag explica que:

Ao ensinar-nos um novo código visual, as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e uma ética da visão. O resultado mais significativo da actividade fotográfica é dar-nos a sensação de que a nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens (1986, p. 13).

Partindo da afirmação de Susan Sontag é possível percebermos a importância da imagem fotográfica e do discurso presente nelas, assim como a percepção de dominar o mundo através das imagens, nesse caso, das fotográficas. Para muitos leitores, principalmente para aqueles bem preparados e informados, “uma foto poderia apenas ilustrar a análise contida em uma matéria” (SONTAG, 2004, p. 32) de um jornal. Porém, esta mesma imagem, pode passar informações para as pessoas que não têm a mesma compreensão crítica da leitura. Hoje em dia, as imagens fotográficas estão de tal modo difundidas que, por vezes, nem nos atentamos da sua presença.

Retomando ao conceito do termo cultura visual, afirmamos que esta, “é um conjunto de proposições intelectuais em torno das práticas visuais na vida cotidiana” (HERNANDEZ, 2006, p. 21). Ainda, asseguramos que a Cultura Visual tem que ser levada em conta não apenas questões sobre o que se vê, mas também dos sujeitos que veem. Assim, esta pode ser definida como uma forma de discurso, um espaço que vai além das disciplinas e se estabelece em um lugar de verificação sobre múltiplos aspectos das visualidades.

Outras explicações definem que a cultura visual, pode ser compreendida como uma condição cultural, na medida que o conhecimento humano é densamente afetado por imagens, bem como distintas técnicas do ver, “mostrar e retratar”. Ou mesmo, um “conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos.” Ou ainda, “um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais em uma cultura.” (TAVIN, *apud*, MARTINS e TOURINHO, 2012, p. 226).

Logo, afirma-se que com o surgimento da cultura visual, criam-se também novos entendimentos pedagógicos referentes a educação da Cultura Visual, que por sua vez, proporciona destaque nas “múltiplas representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes que desenvolvam cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça” (DIAS, 2011, p. 54).

Partindo desse viés, observamos que as definições aqui citadas estão entrelaçadas, e referem-se também ao modo com que a cultura visual lida com o processo da construção das identidades, através de um mundo visualmente mediado. Assim, ela aborda as imagens para além de seu aspecto estético, na medida em que procura, também, perceber o seu papel social existente.

Dentro do vasto campo da cultura visual, apontamos aqui o uso das novas tecnologias. Durante certo tempo, parte da população criou determinada resistência com a sua chegada. Nos reportando ao campo do ensino, citamos a resistência de alguns docentes em fazerem uso de determinadas tecnologias como material de apoio didático em sala de aula. Presume-se que o motivo por parte de alguns, seja o fato de não dominarem seu manuseio, ou mesmo por opção em utilizarem os métodos tradicionais.

A este fato, atribui-se uma preocupação que circula em torno desses sujeitos (professor-aluno) que estão imersos nesta era digital, principalmente para o professor, pois o mesmo não é considerado um “nativo digital”, sendo constantemente desafiado pelos avanços tecnológicos. Porém, mesmo diante dessa “resistência” por parte de alguns professores, sabemos da importância de inserir os mais variados meios de linguagens através das representações visuais. Para tanto, Gomes afirma que,

Numa rede de conhecimento – para a qual a rede mundial de computadores é a grande metáfora – a disciplinarização e a hierarquização é forçada a abrir espaço

para as conexões, as porosidades e as hibridações. Nestas circunstâncias, em que a função comunicativa da linguagem impera sobre as normas, a linguagem ordinária extrapola a esfera do verbal e tem na imagem uma potente forma de linguagem que se integra ao todo comunicativo e inaugura inusitados modos de dizer e de pensar (2012, p. 19).

No entanto, esta realidade ainda é presente nos dias atuais, pois, alguns professores compreendem que os meios de comunicação adquirem nos espaços escolares, a função ilustrativa e para deixarem a sala de aula menos entediante; realidade também presente com a compreensão de outras visualidades, principalmente nos livros didáticos. Vale ressaltar que, a utilização destas imagens apenas como suporte para a interpretação de textos escritos, torna a sua importância secundária frente aos textos verbais, podendo singularizar o potencial crítico e criativo do aluno. Para dialogar sobre tal pensamento, Sardelich (2006) esclarece que é nesse sentido que se pondera a produção de imagens como um desses mecanismos educativos presentes nas esferas socioculturais. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento. Pois, “a cultura visual analisa as relações existentes entre sociedade, indivíduo e imagens” (TAVIN, *apud* MARTINS e TOURINHO, 2012, p. 225).

Ao tratarmos da Cultura Visual atrelada às novas tecnologias, bem como suas decorrências sociais nas escolas, situada no trabalho pedagógico, torna-se indispensável delinear um paralelo entre três aspectos: a) a experiência de vida do leitor definida pela sua cultura, valores, questões identitárias e contato com estas tecnologias; b) a compreensão de que, analisar imagens, como representações visuais, solicita um preparado processo de interpretação, que demanda distantes aptidões cognitivas; c) e por fim, ter a consciência de que novas aprendizagens e novos sentidos são construídos e materializados na medida em que as imagens são inseridas na prática docente, não apenas como suporte ou ilustração para o conteúdo, mas como objeto de estudo, apropriado para trazer ao âmbito escolar e cotidiano, as reproduções visuais que muito dizem e compreendem a vida daqueles que convivem em determinado tempo e espaço social.

Mesmo existindo um distanciamento com o ensino e os artefatos da cultura visual, este cenário vem passando por novas transformações, onde os alunos, quando nos referimos ao ambiente formal escolar, assumindo uma nova postura, se distanciam do ensino tradicional, onde buscam a interação com a contemporaneidade, que por sua vez, veio entrelaçada às novas tecnologias, pois “o ato de aprender tem sido decisivo para a existência e continuidade

da espécie humana na Terra” (GOMES, 2012, p. 1). Assim, as autoras Alves, *et al* (2015) afirmam que o atual contexto social, nos apresenta uma velocidade das inovações tecnológicas, tendo em vista que, estas seguramente influenciam a própria língua, “como um rio em constante movimento”, onde as águas são sempre revigoradas pelas transformações existentes através da cultura e da sociedade.

Os princípios de comunicação social têm força avassaladora diante da grande massa da população, na concepção de fazer ver e fazer crer. O mercado cultural e as mídias comerciais que apresentam sua eficácia mobilizadora pelo aumento tecnológico, cada vez mais, ampliam inovadores recursos e táticas que tornam a comunicação cada vez mais dinâmica, eficaz e atrativa.

Desse modo, afirmamos que a linguagem imagética, seja ela através da representação de sentidos por meio de uma fotografia, ou mesmo pelas novas tecnologias, é aberta e permissível a diversas interpretações e em diversos ambientes. Ela é uma representação socialmente compartilhada, pois transmite informações e mensagens de maneira transversal, a mesma cria um leque de significados, pois a imagem é polissêmica, isso é, pode ter diversos significados que possibilitam inúmeras e diversificadas formas de aprendizagens.

No entanto, trabalhar com a cultura visual, nos diversificados ambientes de ensino, nos possibilita a compreensão da pluralidade de sentidos que estas apresentam, onde cada vez mais, adentra no cenário contemporâneo, respeitando suas diversidades e valorizando o processo cultural. Desse modo, para falarmos do termo cultura visual, faz-se necessário compreender que, o processo de aquisição do conhecimento não se restringe ao ambiente escolar formal, com uso do livro didático, ela vai além deste tradicionalismo. Pois, a imagem sendo algo plural, dinâmica e transversal, perpassa a compreensão abordada por muitos, onde se resume a decodificação de símbolos. Ou seja, a imagem é um campo transdisciplinar que abrange diversas áreas respectivas ao sistema de interpretação de cada cultura.

2.2 CULTURA VISUAL E A RELAÇÃO COM OS ESTUDOS CULTURAIS

Sobre a compreensão das imagens, mais estritamente, no que se refere a educação, sabemos que existem pelo menos duas maneiras de interpretá-las, são elas: na perspectiva semiótica; e na perspectiva dos estudos culturais. Por razões de aproximações teóricas, optamos pela perspectiva dos estudos culturais.

Ao tratarmos da concepção crítica das imagens nas práticas comunicativas, segundo o viés da semiótica, asseguramos que sua compreensão não é a mesma em relação ao texto escrito, de modo que, nos fazem compreender que estas imagens nem sempre são consideradas como textos, mas sim, como uma ilustração nos livros didáticos, por exemplo. Além disso, torna-se corriqueiro nas atividades de cunho pedagógico, afirmarmos que muitos docentes dão preferência ao texto escrito, ao invés da compreensão crítica acerca da Cultura Visual. Notamos ainda, que isto gera um silenciamento das possibilidades de aprendizagens, bem como na construção de sentidos diversos e potencialidades discursivas dos elementos visuais.

Ainda no viés da abordagem semiótica, a imagem é analisada sob o ponto de vista da significação, em detrimento da expressão da emoção, prazer estético ou relações com o contexto que essa imagem possa estabelecer. Esta por sua vez, é compreendida como uma manifestação através dos signos. Nessa concepção, notamos que a imagem é esclarecida como signo que incorpora múltiplos códigos e sua leitura exige o conhecimento e compreensão desses códigos.

Desse modo, a observação da imagem com abordagem semiótica, propõe que as probabilidades de produção de sentido estejam intrinsecamente conexas com os significados ou interpretações. Contudo, Joly (1996, p. 30) afirma que “um signo é um signo apenas quando exprime idéias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa”. Essa abordagem fortalece as relações de interdependência entre significante e significado, valorizando assim, as estruturas preparadas através das quais os significados podem ser alcançados.

Em um ponto de vista pós-estruturalista, afirma o então filósofo Michel Foucault (2000), que analisar as imagens não se limita à uma prática de significação ou mera descrição do objeto avaliado. Expressa ainda, que ao analisar uma imagem, se faz necessário a elaboração de uma pluralidade de relações que permitam pensar sobre questões históricas e sociais. A observação sugerida por Foucault distingue a imagem como instituída por outras imagens, assim:

A imagem seria uma porta (ou uma ponte) para outras imagens, uma espécie de trajeto a ser percorrido por aquele que olha. A ela cabe suscitar um acontecimento que transmita e magnifique o outro, que se combine com ele e produza, para todos aqueles que vierem a olhá-lo e para cada olhar singular pousado sobre ele, uma série ilimitada de novas passagens. O que importa, nesse caso, é a complexidade presente nas imagens, a relação entre o visível e o invisível, o pensar as coisas para além da representação, ou seja, “o acontecimento que ocorreu, e que continua incessantemente a ocorrer sobre a imagem” (p. 351).

A colocação de Foucault diz respeito a independência entre imagem e discurso, bem como, a precisão de possuir estruturas rígidas indicadas pelo conceito estruturalista de representação da imagem. O autor diz ainda, que o enunciado por si só, jamais será detentor dos aspectos visíveis da imagem, e vice-versa.

Há uma larga autonomia da imagem no que se refere ao enunciado, a qual independe do sujeito que a analisa, tendo em vista que não são fixas as interpretações da imagem, pois elas sempre oportunizam a construção de leituras, interpretações e diversos sentidos inesgotáveis. Desse modo, uma imagem não precisa de uma relação de obrigatoriedade ou de dependência ao texto, o que enriquece e valoriza o seu conteúdo. Assim, o grande valor da análise da imagem sob a observação apontada por Foucault é o enredamento presente nas imagens, a relação constituída entre o que é visível com o invisível, ou seja, a Cultura Visual é uma fonte inesgotável de sentidos. A respeito disso, Foucault (2001) relata que,

Como reaprender não simplesmente a decifrar ou a alterar as imagens que nos são impostas, mas a fabricá-las de todas as maneiras? Não apenas fazendo outros filmes ou melhores fotos, não simplesmente encontrando o figurativo na pintura, mas pondo as imagens em circulação, fazendo-as transitar, disfarçá-las, deformá-las, incandescê-las, congelá-las, multiplicá-las? Banir o tédio da Escrita, suprimir os privilégios do significante, dispensar o formalismo da não-imagem. Degelar os conteúdos, e agir, com todo conhecimento e prazer, nos, com, contra os poderes da imagem. (p. 349-350).

Na visão exposta por Foucault, o fato de interpretar imagens ocasiona em si, uma sugestão bem mais extensa que a de leitura de imagens, baseada no formalismo semiótico. Desse modo, abranger as imagens no viés dessa discussão é acolher a capacidade que as

imagens não podem ser limitadas a meras interpretações ou significações, pois estas, sendo independentes são também inesgotáveis, havendo sempre outras possibilidades, significados distintos, que nunca poderão compreender o seu potencial inesgotável de construção de sentidos.

Assim, afirmamos que “as imagens são como as demais realidades culturais: são lugares e ações mediadoras de sentidos. São construtores sócio-comunicativos que participam do largo trabalho de significação e semiotização que compõe toda e qualquer formação cultural” (GOMES, 2012, p. 29).

Para falarmos das visualidades acerca dos estudos culturais, afirmamos que estas “enquanto área de estudo, busca analisar e interpretar a riqueza de experiências visuais (multimediadas) em uma dada cultura, bem como suas práticas visuais: a interação entre observadores e aquilo que é observado.” (TAVIN, apud, MARTINS e TOURINHO, 2009, p. 226) Dessa maneira, a Cultura Visual é entendida como “um conjunto de proposições intelectuais em torno das práticas visuais na vida cotidiana” (HERNANDEZ, 2006, p. 21).

Nas palavras de Santos (2006) observa-se que “todo conhecimento é local e total”. Sua ideia proporciona que, existe uma vastidão de outras formas de produção de conhecimento além do científico e disciplinar, afirma ainda, que as áreas do saber ao se puserem num movimento de convergência de concepções, podem dar respostas a enigmas sociais, ambientais dentre outros, existentes no mundo contemporâneo em escala global e identificados no plano local.

A respeito desta vastidão nas formas de produção de conhecimento citado por Santos, notamos que existe uma necessidade de se reinventar uma educação escolar que possa proporcionar espaços e tempos de ensino aprendizagem significativos e desafiantes, para os contextos sociopolíticos e culturais atuais. Assim, afirmamos que não há educação “desculturizada”, ou seja, que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa.

Quando nos referimos a processos culturais, onde na visão de Candau (2008), nenhuma é absoluta ou completa, pois necessitam estabelecer diálogos interculturais sobre preocupações convergentes; observamos que a escola tem se mostrado com um caráter

padronizador, homogeneizador e monocultural. Notamos ainda que, a escola tem dificuldades para lidar com as diferenças e a pluralidade, tendendo a silenciá-las e neutralizá-las. Esta dificuldade pode estar atrelada ao fato de o multiculturalismo ter surgido a partir das lutas de grupos sociais que foram/são discriminados e excluídos da sociedade, e não nos espaços acadêmicos.

Sobre esses processos culturais, referindo-se a educação, notamos que envolve teorias nas práticas e nas políticas, que por sua vez, lutam contra a opressão e a discriminação a que determinados grupos minoritários incluem. Assim, Moreira e Candau (2013) apontam procedimentos metodológicos com relações que abordem no atual cenário educacional, temas que envolvam questões de raça, gênero, sexualidade, religião, dentre outras questões. São eles: a inter-relação com os diversos grupos culturais; permanente renovação das culturas; processos de hibridização das culturas; ou ainda, vinculação entre questões de diferença e de desigualdade.

A luz do pensamento de autores como, Martins e Reis (2004, p. 8), o contexto também não conclui a produção do conhecimento e nem a realidade se diminui a ele, desse modo, o “contexto não deve se fechar como uma “ilha”, isolada do mundo, das coisas e dos demais saberes e conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo da sua trajetória histórica”. Ao contrário, ele é o começo do aprofundamento e da renovação dos conhecimentos e saberes distintos. Contudo, o contexto não se restringe ao espaço físico, tão pouco as imagens que não podem se limitar a uma única compreensão, pois estas são ricas em sentidos e em sua contextualização.

2.3 IDENTIDADE E DIFERENÇA

Olhando de imediato, definir o termo identidade nos parece uma tarefa fácil. Neste pensamento, Silva (2000) diz que identidade pode ser entendida como: ser brasileiro, hétero, jovem, ser homem, ser mulher. Idealizada esta maneira, a identidade caracteriza-se como

“autocontida” e “autossuficiente”, do mesmo modo que a diferença, considerada como uma entidade autônoma. No entanto, ambas, meramente existem e encontram-se intrincadas em um mundo imaginário, completamente homogêneo, em que as pessoas repartissem da mesma identidade, de modo que as afirmações sobre estas não teriam sentido. No que diz respeito a isto, tanto a diferença quanto a identidade, ambas são produzidas pelo mundo cultural e social.

Quando pensamos nas identidades por meio do viés político, histórico e discursivo que se constituem através das relações de poder que são instituídas nos grupos sociais, afirmamos que estas identidades não podem ser compreendidas de maneira longitudinal dos seus contextos culturais e sociais que são produzidos. Deste modo, compreendemos que ela é produto da relação do indivíduo com a sua cultura, transformando-as assim, em uma criação de caráter inconstante (HALL, 1998). Com relação a isto, Hall complementa que a identidade cria a diferença que constitui as relações de poder. Assim, a identidade e a diferença estão “[...] em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar presença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Nesse sentido, Silva (2000) assegura que a diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais. As identidades são marcadas por meio da diferença. Esta marcação ocorre, tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de exclusão social. A identidade não é o oposto da diferença, ela depende da diferença.

No entanto, quando nos referimos às relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – afirmamos que estas são estabelecidas, não em sua totalidade, por meio de sistemas classificatórios que justapõem um princípio de diferença a uma população de tal forma que tenha a capacidade de dividi-la em dois grupos adversos.

Silva (2000) afirma ainda que, a cultura fornece sistemas classificatórios que se solidificam através da marcação da diferença entre as categorias, constituindo fronteiras simbólicas entre o que está ou não compreendido. Os sistemas classificatórios são construídos em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas.

Ainda com relação a cultura, quando referida a forma do ritual, do símbolo e da classificação, é considerada fundamental à produção do significado e da reprodução das relações sociais. Esses rituais se alargam à todos os aspectos da vida cotidiana, a exemplo: preparativos de alimentos, limpeza, o desfazer-se das coisas, enfim, desde a fala até a comida.

Para tratarmos deste aspecto, a comida, como aspecto atribuídos ao poder simbólico, afirmamos que esta não deve ser apreciada exclusivamente como refeição, mas também como algo positivo. Neste sentido, Silva (2000) afirma que a comida é carregadora de significados simbólicos e pode agir como significante. Sobrepe ainda, que o ato de cozinhar concebe a típica variação da natureza no que se refere a cultura. No entanto, a classificação simbólica está, intimamente relacionada à ordem social.

As identidades são estabelecidas mais habitualmente sob a forma de oposições binárias, de modo negativo, muitas vezes por meio da exclusão ou da marginalização de pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros”. Em contra partida, ela pode ser exaltada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, tornando-se um cenário enriquecedor, a exemplos dos mais distintos movimentos sociais.

Para falarmos dos mais distintos posicionamentos sociais, notamos que esta diversidade em culturas compreende questões acerca da identidade e da diferença, bem como, permite uma tentativa de reduzir a exclusão social tanto no âmbito escolar, como em qualquer outro espaço. Na esfera educacional, esta diversidade se caracteriza como um ambiente propício para se tratar de diferenças e, em oposição às práticas educativas que são responsáveis em selecionar estratégias de aprendizagem que, priorizam a homogeneidade.

Vale ressaltar que, nesse sentido, se faz necessário entendermos que identidade e diferença não se contrapõem, pelo contrário, são inseparáveis. É cabível assegurar ainda, que a diferença é um produto originário da identidade, de modo que, existem múltiplas identidades. Elas só se apresentam como tal, quando se distinguem umas das outras, através das diferenças existentes na sua composição. No entanto, Silva (2000) considera a diferença como um processo através do qual, tanto a identidade quanto a própria diferença são produzidas.

O autor assegura ainda, que a identidade e a diferença são interdependentes e possuem como característica fundamental a implicação de ações de criação linguística. Estas por sua vez, são compreensões sociais e culturais que necessitam ser produzidas invariavelmente, pois são produções feitas por nós. Desse modo, afirmamos que é exclusivamente através de atos de fala que estabelecemos a identidade e a diferença como tais.

A relação entre desigualdade e diversidade tem ganhado um lugar de maior destaque no debate contemporâneo. Sobre essa temática, nos alertamos para o fato de que o debate sobre a diversidade, se distingue nacional e internacionalmente, da maneira em que o seu período necessita. Destacamos aqui os principais motivos que provocam ou estabelecem a discussão sobre determinados grupos, são estes: identidades culturais, espaciais e territoriais, discriminação, imigração, gênero, sexualidade, raça, etnia, religião, língua, espaços/territórios; são os principais fatores e que desencadearam um processo de mobilização e debates sobre a diversidade, sendo que, em alguns destes contextos, eles estão embrincados, ou mesmo interligados.

A diversidade, entendida muitas vezes como construção histórica, política, cultural e social das diferenças, concretiza-se num espaço entre às relações de poder e ao aumento das desigualdades, bem como da crise econômica que vigora tanto no contexto nacional como internacional. Vale ressaltar que nessa disputa, as consequências da desigualdade socioeconômica diante de toda a sociedade e, em particular, sobre os coletivos sociais, são considerados os mais distintos.

A todo o momento, ouvimos, nos mais diversificados ambientes, pessoas assegurarem que a sociedade brasileira é desigual, ou pior, que ela é excludente. Mas, de fato, raros são aqueles que param para analisar o porquê disso acontecer, ou ainda, por que a sociedade brasileira se caracteriza como sendo tão desigual e excludente. Esta afirmação pode ser aprofundada por vivermos em um modo de produção totalmente capitalista, onde gera em si as desigualdades entre os grupos e classes sociais.

Bauman (1998) afirma que, a pós-modernidade é constituída por sujeitos que estão imersos numa movimentação de experimentos identitários. Relata ainda, que a desordem do mundo estabelecida a partir de inúmeras identidades, distintas comunidades, diferentes grupos sociais, novas forças políticas; como também, a expressiva liberdade, principalmente a

liberdade do capital; ou ainda, improbabilidades que circundam as estruturas materiais, sociais e política, são alguns dos fatores que contribuiriam diretamente para os sentimentos adquiridos pelos indivíduos pós-modernos. Estes novos paradigmas entram em paralelo com as estruturas fixas onde geram conflitos, no campo social, como educacional.

Quando nos referimos a estas questões de pertencimento, ou um não pertencimento, de uma determinada situação que envolva, principalmente, questões de afirmações identitárias, quem somos, ou se pertencemos aquele lugar, como me reconheço enquanto ser, concordamos com as palavras de Bhabha:

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? São perguntas clássicas, clichês que sugestionam o desafio de provocar um autoconhecimento, ou mesmo, o reconhecimento do ‘outro’ que circunda a nossa volta. Também servem para criar um sentimento de pertencimento a um grupo. Ou seria a múltiplos grupos? Visto que embarcamos na locomotiva pós-modernista, transitando, cruzando e constituindo complexas diferenças e identidades, num movimento exploratório (2013, p. 19).

Ao abordamos esta questão de identidade do indivíduo, observamos que existe um cenário de silenciamento para com a educação nos espaços rurais, onde tornou-se “residual” a partir do início do século XX, com o intuito de apaziguar “as tensões sociais decorrentes do êxito rural, estando a serviço dos interesses políticos e econômicos da época” (RIOS 2015, p. 25). Este cenário começa a mudar no final da década do mesmo século, onde uma nova concepção de educação começa a ser elaborada, como resultado de reivindicações dos segmentos sociais organizados, período de muitas lutas e embates. Porém, está muito longe da educação do campo ser um modelo admirável.

2.4 OS SUJEITOS DA ROÇA

Mesmo os mais diversificados públicos tendo dado um grande salto contra o modo hierárquico de produção enfiado no país, ou em busca de seus direitos, ainda é grande a resistência com relação a diversidade existente. Observemos os seguintes questionamentos: são inúmeros os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais que ainda fazem parte da vida do povo (trabalhador) brasileiro. Para citarmos aqui alguns exemplos, trazemos que, a educação de qualidade é privilégio de poucos, o analfabetismo atinge índices lastimáveis em

pleno século XXI; ou mesmo que, as injustiças socioeconômicas ainda são desenfreadas em todo o país. Outro aspecto em questão a ser analisado é o silenciamento da sociedade com moradores da zona rural. É triste reconhecermos que muitos estão inclusos neste índice de analfabetismo citado a cima.

Quando fazemos referência ao termo “rural”, entendemos que este se refere a um espaço que não seja urbano, um espaço destinado ao plantio, agricultura, agropecuária, a lida com o gado, quando localizado em regiões do nordeste, atribuído a seca e miséria. Porém, a roça é lugar de conhecimento, onde envolve ações de pertencimento, questões identitárias, saberes múltiplos, e acima de tudo, o espaço rural é um espaço de diversidade.

No que tange à compreensão da diversidade entre as culturas, em especial nas práticas pedagógicas cotidianas, ou mesmo no universo acadêmico, Silva (2000) nos esclarece que há uma tendência em arquitetar o termo atrelado aos conceitos e práticas de tolerância, respeito à diversidade e à diferença, eliminando do debate a crítica política da identidade e da diferença. Deste modo, torna-se indispensável trazer para o centro dos debates acadêmicos a provocação de se compreender de que maneira se estabeleceria uma pedagogia e um currículo que, para além da diversidade, tivesse um olhar crítico e sensível para problematizar a diferença.

Para tratarmos de aspectos que envolvam a diversidade, priorizaremos aqui o espaço rural. Assim, “a roça é um espaço de diversidade” (RIOS, 2015, p. 66), diversidade esta que envolve pessoas, tempos, gerações, linguagens, raças, e acima de tudo, aprendizagens. O sujeito da roça constrói seus saberes a partir de um processo identitário, ético e moral, características presentes que marcam a formação familiar deste povo. Muitos destes sujeitos sobrevivem do que plantam, e é deste plantio que sustentam suas famílias. Papel destinado, na maioria das vezes, para o homem, característica patriarcal existente em boa parte das culturas, que utiliza-se da “lavoura e da pecuária para a própria subsistência” (p. 47), assumindo assim, o papel de provedor.

No entanto, em meio a toda esta diversidade no espaço rural, onde pais e mães assumem tarefas, o mesmo acontece com a infância de quem mora na roça.

A infância na roça é marcada pelo trabalho. Desde cedo os pequenos e pequenas são carregados para a “lida”. Algumas apenas ficam perto, olhando por outros menores, enquanto os pais trabalham; outros desde cedo arrancam toco, cavam as covas para o

plantio, semeiam, prende gado, dão comida aos animais, entre outros serviços. (RIOS, 2011, p. 65)

Notamos com a fala da autora, que este espaço diverso carrega consigo, marcas que para muitos, pode refletir no futuro e na formação identitária deste povo. Compreendemos também que a vida de moradores da roça não é algo simples. As crianças por exemplo, brincam, muitas vezes, entre um intervalo e outro de seus a fazeres, ou mesmo durante a ingenuidade nos trabalhos destinados a eles. Assim, a autora afirma ainda:

Ter estudo, “ter leitura” são posses difíceis para aqueles que nasceram e se criaram na roça, assim como trabalhar e estudar ao mesmo tempo, capinar e escrever, ler e colher, sol, chuva, telha, cadeira; rimas difíceis de serem estabelecidas em uma poética da diferença produzida no cotidiano de alunos e alunas da roça. (RIOS, 2011, p. 91)

Do ponto de vista social, o “ser da roça”, para alguns, “significa ser inferior, ignorante, pertencer a um grupo inferiorizado, possuir outra linguagem e, acima de tudo, ser diferente” (RIOS, 2011, p. 14), um estereótipo construído negativamente “por meio da exclusão e da marginalização, fruto de todo um processo histórico construído também pela própria escola” (p. 14). Este discurso reproduzido emite ecos que deixam marcas profundas no reconhecimento identitário do indivíduo. Logo, afirmamos que este “ser da roça” possui múltiplas identidades, pois a roça é um lugar de diversidade.

Sobre este aspecto da identidade, Hall (2006) afirma que existe uma crise que cerca o sujeito pós - moderno, quando afirma que estes indivíduos estão passando por uma “crise de identidade”. Este sujeito está enfrentando um processo de mudanças, que por sua vez, não possui uma única identidade, agora ela encontra-se fragmentada e composta não só por uma, mas por várias identidades, muitas vezes contraditórias ou até mesmo não resolvidas. Hall argumenta ainda, que tais mudanças também podem ser associadas ao processo de globalização. Diferentemente do sujeito do Iluminismo, ou das “velhas identidades” que por um longo período da história firmaram o mundo social.

Como bem descreve o referido autor, aquele sujeito centrado, unificado, dotado de razões, que nascia e permanecia o mesmo, onde o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Porém, o tempo foi passando e aos poucos modificando, e com ele também o sujeito. Desse modo, Hall lança o questionamento: Será que tantas modificações, tomadas em conjunto, se não é a própria modernidade quem está mudando. Assim como, não só o homem, mas o meio em que ele vive, pois a sociedade está em processo constante de mudanças.

Dialogando com este pensamento, Hall (2006) salienta ainda que,

Identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (p. 13).

Pensando por este viés das múltiplas identidades, observamos que o homem da zona rural, na sua maioria, os mais jovens, passam também por crises identitárias, pois convivem com o constante preconceito social, fazendo com que estes, muitas vezes neguem suas identidades enquanto seres moradores da roça. Observa-se que a construção da identidade do “ser da roça” é a diversidade cultural, a qual este sujeito está inserido. Para contemplar este pensamento, Rios (2011) afirma que, “a diversidade linguística, a aproximação do saber da terra, do gado, do feijão e da mandioca, as dificuldades com a escrita (...) entre outros fatores, constituíam sua identidade do ‘ser da roça’” (p. 14).

Para falarmos da contemporaneidade, nos deparamos com uma realidade que passa diante de nossos olhos, onde muitas vezes não enxergamos, ou mesmo, não fazemos questão de enxerga-las: Será que podemos afirmar com precisão, que todos os seres humanos encontram-se em níveis de igualdade, no que tange os avanços tecnológicos? Ouvimos frases como, por exemplo, é inadmissível estarmos em pleno século XXI, e encontramos pessoas que não utilizam redes sociais, ou comentários semelhantes. Porém, o que podemos dizer de pessoas que vivem na roça, onde receberam energia elétrica há pouco tempo? Ou ainda, pessoas que cresceram nesses ambientes que não frequentaram sequer uma escola?

Temos que partir do pressuposto, de que muitos destes moradores não têm ou não tiveram contato algum com as escolas, nem com qualquer tipo de ensino. Esta realidade torna-se preocupante, mesmo estando no século XXI, onde é conhecido como a “era digital”, onde presenciamos constantemente, crianças que dominam certos aparatos digitais, antes mesmo de aprenderem a ler e a escrever.

Para dialogarmos com estas visualidades no contexto atual, afirmamos que as mesmas vêm acompanhadas com um frenético avanço em relação, principalmente, aos meios de comunicação digital, que são utilizados através das redes de internet fixas e móveis, como por exemplo, o aparelho celular, tablets, notebooks, dentre outros. Para tratar deste avanço, Barbero (1999) afirma que,

Estamos diante de uma geração que aprendeu a falar inglês diante da imagem da televisão captada por uma antena parabólica, e não na escola, que tem forte simpatia pela linguagem das novas tecnologias e que se sente mais à vontade escrevendo no computador do que numa folha de papel (p. 19).

Observemos que o autor faz referência a um avanço tecnológico que iniciou no final da década de 90, e mesmo naquele período, os alunos já se apropriavam dos aparatos digitais para benefício próprio. Como foi o caso citado por Barbero, ao afirmar que jovens aprendem outros idiomas em casa, com o uso de uma televisão, e não na escola que é o ambiente dito como reservado para tal finalidade. São as novas formas de fazer cultura e de se fazer conhecimento na contemporaneidade.

Este cenário citado por Barbero, tomou fôlego e deu um salto considerável no contexto atual. Acontece que, ao invés da televisão captada por uma antena parabólica, a nova geração utiliza a internet. Esta por sua vez, também para benefício próprio. Os jogos, por exemplo, estão sendo muito utilizados, principalmente pelos mais jovens, como forma de motivação para aprenderem outro idioma, tendo em vista que a maioria não é nacional, conseqüentemente, o idioma não é o português, forçando-os assim, a compreenderem e a tentarem “traduzir” para continuarem jogando. Em contra partida, notamos que a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado na zona rural. Mesmo alguns ainda não sabendo ler nem escrever, interagem com o mundo “lá fora” através de imagens captadas por uma televisão. Porém, a mídia comercial não está ali posta apenas para entreter os telespectadores, mas sim, para vender imagens, pois “a mensagem principal da televisão é consumir – felicidade é alcançada por meio da aquisição de bens de uso de serviços comerciais” (MARTINS e TOURNINHO, 2011, p. 19).

Pois bem. Notamos que, em meio a tanto avanço conquistado pelo sujeito pós-moderno, não é incomum nos depararmos em pleno século XXI, com seres humanos que não sabem, por exemplo, fazerem uma ligação em um celular móvel, ou mesmo, assinarem seus próprios nomes.

Quando nos referimos a tais sujeitos, tomemos como exemplo, os trabalhadores rurais, mais especificamente os moradores da comunidade do Tapuio – os sujeitos desta pesquisa – afirmamos que a maioria destes, quase por unanimidade, é semianalfabeto ou mesmo não alfabetizados. Todos são de origem humilde e não tiveram acesso às escolas, ou mesmo ao

ensino. Tal realidade, é presente em muitas comunidades por todo país. Por conta do exposto, podemos afirmar que tais sujeitos são excluídos, ou mesmo invisibilizados pela sociedade?

Não podemos esquecer que todo ser humano tem a capacidade de aprender, ou mesmo transmitir conhecimentos, independentemente de suas origens ou posição social, basta alguém direcionar o olhar para estes sujeitos “excluídos” pela própria sociedade, a qual fazem parte. Os moradores da zona rural, mesmo aqueles que não frequentaram uma escola, possuem saberes que carregam ao longo de suas jornadas. Assim, Rios (2011) afirma que,

Matizados por nuances significativas, o ser que fala carrega em si toda uma construção identitária: da roça, da cidade, daqui, dali, de acolá, de um entre-lugar, de um não-lugar ou de todos os lugares juntos. Do lugar onde o sujeito fala representa uma construção de vozes as quais autorizam a dizer quem ele é naquele tempo e espaço específico (p. 13).

O sujeito carrega consigo, marcas que o caracterizam diante de uma sociedade, de modo que os fazem assumir uma determinada identidade. No entanto, o que faz este sujeito afirmar-se enquanto sendo morador da roça, por exemplo, é o tempo e o espaço ao qual está falando, o mesmo aconteceria com um morador da zona urbana, pois o sujeito assume tal identidade, a partir do lugar que ele encontra-se momentaneamente. São processos que estão embrincados com as instabilidades identitárias que estão entrelaçadas aos sujeitos pós-modernos.

Tomando como referência ao exposto, em sua maioria, os moradores da comunidade do Tapuio, adotam suas identidades como seres da roça. Assumem os trabalhos laborais do dia-a-dia e se reconhecem como seres que não tiveram a oportunidade do estudo, por residirem na zona rural e terem consciência do quanto a roça exige para quem sobrevive nela/dela. Além do trabalho braçal, estes moradores fazem parte da Associação dos Produtores de Tapuio, onde participam de reuniões e encontros de interesse coletivo. A associação foi fundada em 20 de julho de 1998, sem fins lucrativos, tendo como objetivo a prestação de quaisquer serviços que possam contribuir para o fornecimento e racionalização das atividades agrícolas, e a defesa das atividades econômicas, sociais, e culturais de seus associados. Este ainda é um dos poucos contatos que estes trabalhadores têm com interesses que não sejam o trabalho pesado com a enxada ou a labuta do dia-a-dia. Mesmo aqueles que mal conseguem assinar seus nomes na ata de reunião, ou ainda, aqueles que colocam seu dedo

em uma tinta no lugar de uma assinatura com caneta, estão ali buscando seus direitos e participando da vida em sociedade por meio da cultura que os envolvem no dia-a-dia.

Freire (1979) nos chama atenção para a seriedade dos saberes culturais para a formação identitária e a construção de saberes de cada um. O conhecimento não tem por obrigação de ser adquirido exclusivamente em um ambiente escolar, ou mesmo, não preciso residir na zona urbana para adquirir conhecimentos. O homem da zona rural é carregado de saberes e experiências. Assim:

A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos. (...) A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos. Se num grupo de camponeses conversamos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós (FREIRE, 1979, p. 14).

Notamos que estas pessoas citadas por Freire são ricas em conhecimentos que foram adquiridos ao longo de sua existência enquanto ser. São saberes adquiridos através de experiências culturais, históricas e identitárias. O mesmo acontece com os trabalhadores rurais do Tapuio que, por exemplo, sabem qual a melhor lua para o plantio, quais medicamentos corretos utilizar para cada ocasião, ou mesmo se orientar no tempo através do sol, dentre outros saberes. São experiências de vida que os tornam grandiosos culturalmente e a afirmação identitária de cada um.

Desse modo, “não podemos nos colocar na posição de ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo.” (FREIRE, 1979, p. 15). Assim como afirma o referido autor, não existe uma posição superior entre quem ensina e quem aprende, mas sim, uma troca de saberes, principalmente em assuntos que envolvam aspectos culturais, sociais e históricos. No entanto, o ser humano é sujeito da educação e não um elemento da mesma. Logo, ele deve se posicionar criticamente em seu espaço social e histórico.

O público aqui mencionado – os trabalhadores rurais do Tapuio - foi escolhido, por não existir dentro da própria comunidade, um estudo educacional direcionado à estes trabalhadores rurais, tendo em vista que a comunidade fica localizada à 9km da sede da cidade de Jacobina, dificultando assim, o acesso a zona urbana. Nota-se ainda, que há um silenciamento que atinge diretamente a relação destes trabalhadores com o ensino e a vida em sociedade, envolvendo aspectos identitários e culturais de cada um.

Assim, o propósito deste trabalho foi entendermos como os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio se percebem diante das representações identitárias presentes na Cultura Visual, colaborando também no processo das práticas de leitura e escrita destes sujeitos.

CAPÍTULO III

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

3.1 ESCOLHAS FUNDAMENTADAS

Pensando em atender aos questionamentos de como a cultural visual representa as diferenças e as identidades dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, ou ainda, como os mesmos se percebem diante das representações identitárias presentes nas visualidades, esta pesquisa apresentou uma abordagem de cunho qualitativo, à medida que, o método utilizado constituiu-se em uma pesquisa etnográfica. Pensando em atender outras demandas, a exemplo, trabalhadores rurais que não foram alfabetizados, oportunizamos à eles, oficinas que envolveram práticas de leitura e escrita, em diálogo com as representações visuais da diversidade.

A abordagem qualitativa é amparada por aquilo que não pode ser mensurável, porquanto, a realidade e o sujeito são elementos inseparáveis. Com isso, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais minúcias não podem ser traduzidas em números quantificáveis.

Antes de adentrarmos no conceito da pesquisa qualitativa, versaremos no aspecto sobre considerações acerca da pesquisa científica e abordagens a respeito da própria pesquisa.

Segundo Tartuce (2006) o exercício principal da metodologia é a pesquisa. Outrossim, o conhecimento humano individualiza-se pela relação instituída entre o sujeito e o objeto, relação considerada como associadas. Igualmente, a inquietação singela da realidade habitual é considerada como um conhecimento tido de maneira popular ou mesmo baseado na experiência, de modo que, por sua vez, o estudo enraizado e sistemático da realidade harmoniza-se na noção científica.

Mas afinal, o que podemos definir como pesquisa? Para tal conceito, Gil esclarece que a pesquisa é definida,

[...] como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (2007, p. 17).

Partindo do pressuposto, podemos afirmar que só se principia de fato uma pesquisa, se houver um problema, inquietações, questionamentos para os quais se comprometemos a buscar respostas. Assim, pesquisar é sair a procura de respostas para alguma coisa. Os motivos pelos quais levam à concretização de uma pesquisa científica, podem ser congregadas por inúmeras razões; que envolvam o lado intelectual (desejo de pesquisar pela própria exultação do apreciar) ou mesmo, por razões práticas (desejo de conhecer com interesses a fazer algo de maneira mais satisfatória).

Fazendo uma retrospectiva sobre a origem da pesquisa qualitativa, segundo André (1995), esta surgiu no final do século XIX, com os cientistas sociais que deram o pontapé inicial em suas investigações, a partir de abordagens das ciências físicas e naturais, que por sua vez, se firmavam numa perspectiva de conhecimentos positivistas. Para justificar que os estudos que dizem respeito aos fenômenos sociais e humanos são complexos, Dilthey se responsabilizou em iniciar tais estudos, se preocupando em investigar uma metodologia inovadora, ou seja, a pesquisa qualitativa.

Nos dias atuais, podemos afirmar que a pesquisa qualitativa vem ocupando um lugar significativo dentre as mais variadas possibilidades de se estudar os fenômenos que submergem os seres humanos e suas envolvidas relações sociais, constituídas nos mais diversificados ambientes. Esta abordagem tem se afirmado como propícia probabilidade de investigação em pesquisas realizadas, principalmente na área da educação, a qual foi realizada na comunidade no Tapuio, pois quando adotamos o viés da abordagem qualitativa opomo-nos a hipótese que caracteriza um modelo único de pesquisa aplicada para todos os conhecimentos.

Desse modo, afirmamos que o foco da pesquisa qualitativa “deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações” (ANDRÉ, 1995, p. 17).

Assim, para obtermos abrangência numa abordagem qualitativa, faz-se necessário que esta permaneça em um determinado contexto.

Pensando no viés da abordagem qualitativa, para dialogar com o pensamento de André (1995), os estudiosos, Silveira e Córdova afirmam que,

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (2011, p. 31).

Para identificarmos a pesquisa qualitativa, algumas características básicas se fazem necessárias: assim, apontamos que um fenômeno pode ter uma melhor compreensão numa totalidade em que, advém e do qual é parte, necessitando ser considerado num aspecto agregado. Para isso, é de responsabilidade do pesquisador ir à campo, na tentativa de identificar o fenômeno em estudo, partindo da perspectiva dos sujeitos nele intrincados, ponderando tudo aquilo que for proeminente, sem se preocupar com os números, mas sim, com as necessidades existentes do coletivo. Para que se compreenda a dinâmica do fenômeno, inúmeros tipos de dados são coletados e considerados.

Ainda na visão de Silveira e Córdova (2011), os pesquisadores que se apropriam dos métodos da pesquisa qualitativa procuram esclarecer a razão, o motivo, ou existência das coisas, demonstrando possíveis soluções mais apropriadas a serem feitas. Em contra partida, não quantificam estes valores nem as trocas simbólicas, ou mesmo não se interferem à prova de fatos, pois a análise dos dados são de influência mútua e se valem de diferentes abordagens.

Para dialogar com este pensamento, Minayo (2001), afirma que a pesquisa qualitativa trabalha numa perspectiva que aborda uma natureza de significados, valores, razões, crenças e atitudes, correspondendo a um local mais intenso das relações, dos processos e dos fenômenos.

Quando adotamos o viés da abordagem qualitativa opomo-nos a hipótese que caracteriza um modelo único de pesquisa aplicado para todos os conhecimentos. Ainda sobre esta abordagem, Silva e Menezes, afirmam que,

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (2000, p. 20).

No entanto, algumas precauções se fazem necessárias ao utilizar o método da pesquisa qualitativa, tais como: o envolvimento do pesquisador com a situação pesquisada, ou mesmo com os sujeitos pesquisados; o pesquisador já ir à campo com a certeza da relação dos dados; demasiada confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; dentre outras preocupações.

Para falarmos sobre o tipo de pesquisa a qual foi adotada para a execução desta pesquisa, apontaremos a pesquisa etnográfica, que por sua vez, resume-se na definição de culturas, ou mesmo de determinados grupos de pessoas que de alguma forma, são compreendidas como portadoras de um certo grau de unidade cultural. Assim, segundo a definição feita por André (1995) “a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente, etnografia significa ‘descrição cultural’” (p. 27).

Desse modo, a pesquisa etnográfica tem suas raízes na Antropologia, de modo que, em 1922, Malinowski (1976) realizou a publicação da obra “*Os argonautas do pacífico ocidental*”, estabelecendo uma tradição na ciência através da pesquisa etnográfica. Esta por sua vez, exigia do pesquisador uma percepção ou olhar atento, um desnudar de crenças e valores prévios para perceber o outro, no intuito de entrelaçar o referido tipo de pesquisa com a questão conceitual da alteridade.

Em meados dos anos 70 do século XX, as pesquisas etnográficas ganham espaço na área educacional, pois até então, ela estava restrita para áreas da Antropologia e da Sociologia. Sua popularidade, no entanto, ocorre na década de 1980, chegando a ser considerada modismo para os pesquisadores em educação. (LUDKE; ANDRÉ, 2014).

No entanto, André (2008) destaca a importância dos estudos etnográficos para a área educacional como uma adaptação da etnografia, o que a autora denomina de estudo de caso do tipo etnográfico. Inclusive, a autora esclarece os interesses distintos na etnografia e no estudo do tipo etnográfico. Assim, a etnografia busca uma descrição densa da cultura,

práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados de determinado grupo social, aos pesquisadores da educação a preocupação central está no processo educativo.

Requisitos sugeridos por Wolcott (1975) como, por exemplo, uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas, os usos de amplas categorias sociais na análise de dados são adequados para estudos antropológicos, mas não necessariamente para a área de educação. O que se tem feito, de fato, é uma adaptação da etnografia a educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (ANDRÉ, 2008, p. 25).

Alguns aspectos são imprescindíveis para que a pesquisa em educação possa ser caracterizada como do tipo etnográfico. A princípio, necessita contemplar o início da relativização, na medida em que o pesquisador deve manter certo distanciamento da realidade investigada, com intuito de melhor compreender os modos de pensar, sentir, agir, crenças e valores dos sujeitos empíricos. A autora ressalta ainda, que há também de acontecer um duplo movimento: vislumbrar o familiar como estranho, bem como de enxergar o estranho como familiar. Movimento oriundo da metodologia com ênfase na observação participante porque esta possibilitará “aproximação aos sistemas de significados culturais dos sujeitos pesquisados e afastamento tático do pesquisador para refletir e analisar a situação” (ANDRÉ, 2008, p. 26).

Na pesquisa etnográfica, uma das principais características é o pesquisador como instrumento fundamental na coleta e análise dos dados da pesquisa. Desse modo,

O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho (ANDRÉ, 1995, p. 28-29).

Outra característica importante na pesquisa etnográfica é a ênfase no que está ocorrendo durante a pesquisa, sem se preocupar necessariamente com os resultados finais, característica que complementa outro ponto importante neste tipo de pesquisa que é a inquietação com o significado “com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que os cerca” (ANDRÉ, 1995, p. 29).

Outra característica apontada por André (1995) é o envolvimento com o campo, pois o pesquisador tem contato com as pessoas, com determinadas situações, com determinadas localidades, de modo que, mantém um contato direto com os sujeitos da pesquisa que são observados de maneira natural, fazendo com que a pesquisa seja entendida como naturalista.

Não se pode prever o tempo em que o pesquisador fará este contato direto com o campo da pesquisa, podendo durar semanas, meses ou mesmo anos, dependendo assim da disponibilidade do pesquisador, aceitação dos sujeitos que serão envolvidos na pesquisa, experiência em campo, número de pessoas envolvidas, dentre outros aspectos.

A indução e a descrição são características que também marcam e valorizam a pesquisa etnográfica, de modo que o pesquisador tem em mãos uma grande quantidade de materiais descritivos, que podem ser: depoimentos, diálogos, o ambiente, as pessoas envolvidas na pesquisa. “Estes dados são reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais” (ANDRÉ, 1995, p. 29).

Outras possibilidades durante uma pesquisa etnográfica é que ela não precisa partir das testagens do pesquisador, mas sim tem a possibilidade de formulação de hipóteses, conceitos e teorias, permitindo-o a ser flexível e acessível durante o seu trabalho de campo. Em tese, “o que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (ANDRÉ, 1995, p. 30).

3.2 OPERACIONALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE DADOS

Pensar o caminho a trilhar, com a finalidade de atender os objetivos apresentados neste projeto de pesquisa, nos conduziu a realizar um minucioso delineamento, que estivesse embasado no intervalo entre a temática apresentada, os objetivos, bem como a questão que norteou este trabalho.

Pensando em atender estas questões, foi realizada uma oficina, intitulada “**Lendo e Escrevendo por meio das Imagens**”, tendo como público alvo os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio. Os critérios de seleção para participar desta oficina foram: ser trabalhador rural, residir na referida comunidade, não ter sido alfabetizado ou não terem concluído seus estudos primários. Este processo seletivo foi adotado, uma vez que, foram abordados temas que envolveram a figura do trabalhador rural, em diálogo com elementos

da Cultura Visual da diversidade, assim, foi possível identificar representações identitárias de cada um deles, e ainda, proporcionar a cada um deles, práticas de leitura e escrita.

A comunidade do Tapuio foi escolhida como lócus para esta pesquisa, pois além de interesses de ordem pessoal, esta fica localizada à 9km da sede da cidade de Jacobina, uma distância considerável para se locomoverem até a cidade, no intuito de buscarem conhecimentos em ambientes de ensino. Inicialmente, as oficinas aconteceram com 09 trabalhadores rurais, sendo, 5 (cinco) homens e 4 (cinco) mulheres, na faixa etária entre 25 a 62 anos.

Esta oficina oportunizou aos referidos trabalhadores rurais conviverem e terem acesso ao processo de ensino/aprendizagem, tendo em vista que muitos deles, se quer frequentaram um espaço formal de ensino. Segundo a LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, determina em seu art. 1º, que,

A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Logo, a LDB afirma que os sujeitos podem conviver com o processo de ensino/aprendizagem por outro viés que não seja exclusivamente os espaços formais de ensino; são eles, na vida em família, no trabalho, na escola, nas organizações sociais, por meio de sua cultura, dentre outros. Reconhece, no entanto, que a escola e os espaços extraescolares estão aptos a contribuir para as aprendizagens do exercício da cidadania.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa de campo, os trabalhadores rurais do Tapuio, acabam sendo “invisibilizados” pela sociedade, no que dizem respeito a espaços destinados à educação. Assim, a oficina os oportunizou, através de uma educação de ensino não-escolar, a terem contato com artefatos da Cultura Visual, de modo que, estão embrincados em processos de representações identitárias, bem como, desenvolvendo práticas de leitura e escrita.

Desse modo, o que se pode inferir, então, é que um trabalho na perspectiva da pesquisa etnográfica, não foi algo limitado à mera satisfação de uma curiosidade epistemológica, que se toma em organizar conceitos sistematizados para descrever/explicar/analisar teoricamente a realidade, de modo a descrever de maneira densa a

cultura, práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados de determinado grupo social, neste caso, a comunidade dos trabalhadores rurais do Tapuío.

A pesquisa baseou-se na abordagem fenomenológica, pois esta é responsável pelo estudo da essência das coisas. Tal abordagem tem como principal objeto de investigação o fenômeno, e como fundamental instrumento de conhecimento, o método adota a intuição. Tal intuição pode ser percebida como uma visão intelectual do objeto do conhecimento dos eventos e dos fatos da realidade, na maneira que, a visão constitui um modo de consciência na medida em que algo se dá originariamente. Na visão de Cappi (2004, p. 8), a fenomenologia “é um rigoroso olhar metodológico a respeito do real, é uma opção radical de percepção”, e tem como finalidade o anseio de desvendar significados, instituir valores e adquirir responsabilidades.

Assim, a abordagem fenomenológica responsabiliza-se em desmistificar o fenômeno, para além da aparência, como esclarece Forghieri (1993, *apud* COLTRO *et al* 2000), assegurando-se não aos acontecimentos propriamente ditos, mas sim aos seus significativos. A pesquisa científica que adota como abordagem a fenomenologia, nasce da concepção do viver e não de significações ou conceitos impostos, mas sim, de uma concepção direcionada aos significados do notar da confrontação com o mundo e seus valores, crenças, ações conjuntas, aspectos que os seres humanos disponibilizam em seu ambiente de convívio.

De acordo com Petrelli (2004), os estudos fenomenológicos ofertam-nos “uma verdade, em partes e em momentos, e nunca na sua transparência total, pois é a dúvida, e não a certeza, que nos motiva à busca incessante da verdade” (p. 12).

Logo, os estudos fenomenológicos procuram o conhecimento das essências. Assim, o estudioso Husserl (1965) sugere um retorno a um ponto de partida que seja, verdadeiramente, o primeiro, ou seja, um retorno às origens, tendo como elemento a própria realidade.

Como um dos instrumentos da pesquisa, adotou-se a observação, pois “[...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (MARCONI & LAKATOS, 1999, p. 90). Torna-se uma pesquisa considerada científica, quando esta é planejada sistematicamente; é registrada metodicamente; está sujeita a averiguações e controles sobre a validade e segurança.

A observação é uma técnica de produção de dados que tem a finalidade obter informações, de modo a utilizar os sentidos no alcance de determinados aspectos que envolvem a realidade. Esta por sua vez, não versa-se unicamente em ver e ouvir, mas também em analisar fatos ou ferramentas que se almeja estudar. Este instrumento auxilia o pesquisador a identificar e a conseguir bons resultados a respeito de objetivos sobre os quais os sujeitos envolvidos na pesquisa não têm consciência, mas que norteiam seu comportamento.

Para executar as observações, utiliza-se o instrumento da observação participante, que por sua vez, versa-se na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Em linhas gerais, são apontadas duas formas: Natural - o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; ou a observação artificial, onde o observador preocupa-se e integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações; esta por sua, foi a opção desenvolvida durante a pesquisa de campo.

Em síntese, segundo André (1995) este tipo de observação é compreendida como participante, pois “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (p. 28).

As formas de observação podem ser: Sistemática: baseada em critérios científicos, esboçada e controlada; Não Sistemática: observações diárias sem critérios científicos; Estruturada: sistema diferenciado de categorias, alto grau de confiabilidade; e a Não Estruturada: categorias gerais e abertas; liberdade de observação. Todas essas observações foram anotadas em um diário de bordo, instrumento responsável pelo registro das etapas, como, anotações, rascunhos, e qualquer ideia que foi surgindo no decorrer da pesquisa de campo.

Outro instrumento utilizado na presente pesquisa foi a entrevista narrativa, que segundo Marconi & Lakatos (1999) é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (p. 94).

Em diálogo com os autores acima, apontamos aqui como benefícios deste instrumento de pesquisa que, “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a

captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

Assim, a entrevista conduzida em pesquisa é um tipo de comunicação entre um determinado pesquisador que almeja adquirir informações sobre fenômenos e indivíduos que apreendam essas informações e possam emití-las.

Desta maneira, o entrevistado dialoga sobre o tema sugerido com apoio nas informações que ele adquire e que na verdade estas são a exata razão das entrevistas. Assim, a entrevista é um encontro entre duas pessoas, com a finalidade de que uma delas consiga subsídios a respeito de determinado contexto, mediante um diálogo de natureza profissional ou pessoal.

Apontaremos aqui como algumas vantagens da entrevista: pode ser utilizada com todo tipo de sujeito (alfabetizados ou não); Pode ser flexível, uma vez que o entrevistador pode repetir perguntas; reformular e assim, garantir que a resposta foi bem compreendida; Permite conseguir dados que não são localizados em fontes documentais; bem como, sua eficácia na precisão das informações.

O tipo de entrevista utilizada nesta pesquisa foi a narrativa, uma vez que esta é caracterizada como uma ferramenta não estruturada, que visa aspectos particulares, sobre histórias de vida. Esse tipo de entrevista tem como propósito instigar o sujeito entrevistado a narrar fatos importantes que aconteceram em sua vida e no contexto social.

O entrevistador não deve ser tendencioso durante a entrevista, a influência deve ser a mínima possível, pois a ideia é reconstruir acontecimentos a partir dos fatos narrados pelos entrevistados, de acordo com o seu ponto de vista, pois estes por sua vez, narrarão fatos de seu cotidiano. Outro fato importante é o cuidado que o entrevistado deve ter, em utilizar apenas a linguagem que normalmente o entrevistado faz uso, sem impor outra forma, tendo em vista que o método implica na espontaneidade.

Desse modo, Bauer e Gaskell (2002) afirmam que “o contar histórias parece seguir regras universais que guiam o processo de produção da história” (p. 94). Os autores nos apontam ainda, três principais características autogeradoras: A textura detalhada, este refere-se a riqueza de detalhes para a eficácia da transcrição entre um fato ou outro; Fixação da

relevância: Aqui o entrevistado se preocupa em os acontecimentos de maior relevância, tendo como base, suas expectativas de mundo; E por fim, fechamento da *Gestalt*, as histórias terão que ter um começo, um meio e um fim.

Segundo a afirmação dos referidos autores, “a entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa” (p. 95) e por sua vez, critica o modo de perguntas-respostas, uma vez que, entrevistas que seguem este padrão, acabam sendo tendenciosas com as perguntas, os entrevistadores que optam pelos temas, ou mesmo fazendo uso de suas linguagens próprias, características que fogem a espontaneidade e liberdade das entrevistas narrativas. Assim,

Para se conseguir uma versão menos imposta e por isso mais "válida" da perspectiva do informante, a influência do entrevistador deve ser mínima e um ambiente deve ser preparado para se conseguir esta minimização da influência do entrevistador. As regras de execução da EN restringem o entrevistador (BAUER e GASTELL, 2002, p. 95).

Os autores afirmam ainda, que a entrevista narrativa, no intuito de desviar-se da estrutura prévia, acaba indo mais adiante que qualquer outro método. Este é considerado, segundo os autores, o método mais eficiente para evitar entrevistas que tomam como base, pergunta-resposta. Esta por sua vez, utiliza a especificidade na comunicação diária, o modo de contar e ouvir história, para dessa forma, alcançar este objetivo.

Desse modo, podemos afirmar que as entrevistas narrativas, são consideradas como reproduções ou interpretações do mundo e, conseqüentemente, não estão postas a comprovação, pois propagam a verdade do ponto de vista de um determinado tempo, ambiente, de um específico contexto social, político e histórico.

Mesmo sabendo que os questionários estruturados acabam sendo tendenciosos, durante a imersão em campo, antes de iniciar propriamente as oficinas, foi necessário fazer uma investigação por meio deste questionário, no intuito de investigar quais meios de comunicação estes trabalhadores rurais mais tinham contato, pois, como iríamos trabalhar com artefatos da cultura visual, isto foi de fundamental importância para a escolha dos artefatos trabalhados durante toda a pesquisa.

Outro tipo de questionário trabalhado durante as oficinas foram questionários visuais¹, com a estrutura elaborada por mim, que também me ajudaram a encontrar características identitárias de cada trabalhador rural. Bem como, proporcionar a cada um deles, uma visão crítica acerca das imagens apresentadas.

Para registrar cada momento vivenciado durante esta pesquisa, utilizou-se o diário de campo. Este instrumento é uma técnica eficaz na pesquisa de campo e na observação participante. Nele, observações do dia-a-dia devem ser registradas; sentimentos vivenciados pelo pesquisador no relacionamento com seus pesquisados.

Assim, segue abaixo a ordem cronológica da execução das oficinas:

As oficinas aconteceram na própria comunidade do Tapuio, na casa da presidente da associação. Logo, faz-se necessário apresentar a metodologia utilizada para esta pesquisa, durante a imersão em campo:

1ª Etapa:

Dia 29/05/2016 aconteceu o primeiro contato com os trabalhadores rurais, para apresentar as propostas que pretendia trabalhar com eles. Faz-se necessário reforçar que, por ser um público não alfabetizado, à medida que fui lendo, também fui explicando, minuciosamente, toda proposta, para que não deixasse margem para nenhuma dúvida. Dia 10/07/2016 aconteceu o segundo contato, pois nem todos estavam presentes no primeiro. Assim, repetir todas as informações aos presentes.

2ª Etapa:

- a) 21/08/2016, fui até o Tapuio marcar com cada trabalhador rural, o melhor dia para as entrevistas narrativas. Algumas aconteceram nesta mesma semana, as outras finalizaram na semana seguinte.
- b) 04/09/2016 Primeiro dia de oficina. A partir de então, todos os domingos aconteciam os encontros semanais na comunidade do Tapuio com as oficinas, intituladas “**Lendo e Escrevendo por meio das Imagens**” (ver projeto e

¹ Este questionário será melhor explicado, no capítulo responsável pela análise dos dados.

sequência didática, em anexo), com os trabalhadores rurais, com duração de 3 meses, perfazendo um total de 50 horas.

c) Após a realização das oficinas e das entrevista narrativas, os dados e resultados da pesquisa de campo, registrados em um diário de campo, bem como fotografias e filmagens feitas durante esta pesquisa com os trabalhadores rurais, que serviram de registros, foram sistematizados na presente dissertação que foi entregue e apresentada ao final do curso do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, pela Universidade do Estado da Bahia.

d) As fotografias, transcrições das filmagens, gravações, entrevistas narrativas e o material pedagógico utilizados durante toda a oficina, resultaram em proposições pedagógicas para educadores do campo, intitulada “LIÇÕES DO CAMPO – Breves Proposições sobre Ensinar e Aprender com as vivências de trabalhadores rurais”. O meio de acesso a este material é impresso.

CAPÍTULO IV

4 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE OS DADOS

4.1 DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO, A PARTIR DE ARTEFATOS DA CULTURA VISUAL

O presente trabalho se propôs a investigar, como os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio se percebem diante das representações identitárias, presentes na Cultura Visual.

Visando identificar os elementos da cultura visual que estão presentes no cotidiano dos trabalhadores, bem como as representações identitárias presentes nestas produções culturais, nos incumbimos de descrever/mapear as interpretações/reações dos trabalhadores sobre os artefatos da cultura visual, ou seja, elencar as representações destes, sobre si, na relação com os artefatos visuais.

A comunidade do Tapuio, situada a 9 km da Cidade de Jacobina fica localizada numa grota fechada, ainda com mata virgem em algumas partes do seu território, coberta por folhagens verdes, rodeada por serras que dão vida e beleza àquela região. No passado, a colheita do côco babaçu deu o sustento de muitas famílias. Mesmo com a colheita reduzida, ainda é comum o côco na região do Tapuio. Atualmente, a referida zona rural é bem servida do plantio de fruteiras, como manga, principalmente manga espada², banana, côco verde, laranjas, dentre outras frutas, que tanto nutrem e servem para o consumo da comunidade, quanto para a renda familiar.

A região interiorana do Tapuio, tem cerca de 20 famílias que residem em tempo integral e vivem do labor rural. Nas últimas décadas, o Tapuio tem atraído moradores da

² É a espécie de manga mais consumida nesta região, devido à facilidade de produção e baixo custo.

cidade de Jacobina, que dividem o tempo entre o trabalho da cidade, com lazer do final de semana, (ou mesmo meio de semana), e a tranquilidade que a roça pode lhes oferecer.

Destes trabalhadores que moram no Tapuio, a maioria nunca frequentou um espaço escolar, muitos memorizaram apenas a escrita de seus nomes, ou ainda, aqueles que sujam o dedo na tinta e colocam no lugar de suas assinaturas. Sabe-se da dificuldade que estes moradores enfrentam com relação ao acesso aos ambientes de estudo, justifica-se com dois motivos: uma, por não haver uma escola próxima a referida comunidade, outra, muitos são obrigados a optarem pelo trabalho braçal na roça, no intuito de sustentarem suas famílias, ao invés de estudarem. Realidade presente em muitas comunidades brasileiras.

É sabido que, aspectos que envolvem questões sociais, a exemplo da leitura e escrita, baixam a estima destes trabalhadores, alguns envergonham-se por serem da roça, isto por questões também de aparência, questões culturais, dentre outros aspectos. Em quase toda comunidade rural, os meios de comunicação de massa que os trabalhadores têm acesso é a televisão, em alguns casos, ainda o rádio. Isto os deixam com pouca opção de ferramenta intelectual crítica que lhes sirvam de apoio para conviverem no mundo contemporâneo, que por sua vez, é invadido pelas visualidades.

O embrião deste estudo, surge do interesse em contribuir, no que diz respeito a aspectos de conhecimento social, político, cultural, bem como de conhecimentos de mundo dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, tendo elementos da cultura visual como ferramentas que viabilizam tais conhecimentos.

Meu primeiro contato com estes trabalhadores rurais surgiu em uma visita à Associação dos Produtores da comunidade do Tapuio, entidade esta que favoreceu o desenvolvimento da pesquisa. Durante esta reunião, notei o rico discurso presente na fala de cada um daqueles trabalhadores sobre os mais variados aspectos. Pude também observar naquelas falas, reflexões sobre os processos identitários desde aspectos que envolvem uma angústias por não terem tido a oportunidade do estudo até elucubrações sobre questões políticas e sociais. Isso me fez perceber a riqueza que um trabalho de campo, naquela natureza e com aquele público poderia me oferecer.

A Associação dos produtores foi fundada em 1998, com o propósito de prestar serviços que contribuam com o fornecimento das atividades agrícolas, a defesa das atividades econômicas, sociais, bem como, culturais dos seus associados que residam tanto na roça, quanto na área urbana, visando ainda, a agricultura familiar.

No primeiro contato como pesquisadora reuni os trabalhadores rurais do Tapuio, no dia 29/05/2016, na sede da Associação, tentei deixá-los a vontade, iniciando a conversa sobre assuntos do dia-a-dia deles. Na sequência, me apresentei e explanei o motivo do meu contato. Tentei mostrar de maneira simples, o interesse da minha pesquisa, e se os mesmos estavam de acordo em participarem. Mesmo sendo um público não alfabetizado, li todo material que havia preparado para reunião, sempre fazendo pausas para saber se estavam compreendendo.

Neste primeiro encontro não compareceram todos os trabalhadores rurais que foram convidados, por este motivo, solicitei outro encontro com eles, no dia 10/07/2016, também na sede da Associação. Fiz o mesmo procedimento que havia feito no primeiro encontro, porém com alguns ajustes necessários. Combinei com todos, o melhor dia e horário para que pudessemos nos encontrar durante as oficinas. Todos preferiram aos domingos, às 09h da manhã.

Inicie minha pesquisa de campo com nove (09) trabalhadores rurais, sendo cinco (05) do sexo masculino, na faixa etária de 26 a 65 anos de idade, e quatro (04) do sexo feminino com a faixa etária de 24 a 59 anos. Por questões éticas, a identidade dos participantes da pesquisa será preservada. Deste modo, serão mencionados durante este trabalho, por nomes de árvores e flores existentes na região do Tapuio: Jacarandá, Caraíba, Bromélia, Leucena, Flamboiã, Aroeira, Lírio, Catuaba e Ipê.

Para auxiliar no meu percurso em busca dos processos identitários dos trabalhadores rurais, tendo a cultura visual como elemento mediador, organizei oficinas, entrevistas narrativas e aplicação de questionários. As oficinas tiveram início no dia 04/09/2016, finalizando dia 25/11/2016, perfazendo uma carga horária de 60 horas.

A utilização de oficinas como uma ferramenta metodológica nas pesquisas de campo, me proporcionaram uma grande contribuição, pois elas são espaços de transação de significados, com potencialidade crítica de produção coletiva de sentidos. Partindo dessa

hipótese, afirmamos que esta transação de sentidos são compreendidas como um processo de construção interpessoal de identidades, capazes de fazer fluir a pluralidade entre versões sobre o campo pesquisado. Assim, segundo Vieira e Volquind, as oficinas se configuram como,

[...] uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combina o trabalho individual e a tarefa socializadora; garantir a unidade entre a teoria e a prática (2002, p. 11).

Deste modo, as oficinas não se restringem unicamente ao acúmulo de informações e observações com a finalidade para as escritas da pesquisa, elas vão além deste propósito. A oficina tem o poder de sensibilizar os seus participantes, engajando-os na temática abordada, possibilitando-os assim, a uma negociação de sentidos dos mais distintos possíveis.

Em qualquer área do conhecimento, torna-se um desafio a articulação entre a parte prática e a teórica. Um método eficaz para tornar menos doloroso este processo é a elaboração de estratégias de integração entre pressupostos teóricos e práticos, o que, basicamente, individualiza as oficinas.

Faz-se necessário mencionar que uma oficina, assim como qualquer intervenção pedagógica, implica planejamento (parte teórica), entretanto é na execução (parte prática) que ela adquire características individualizadas. A este modo, o planejamento prévio de uma oficina deve ser condescendente, de modo a ajustar-se em situações ou imprevistos que possam surgir ao longo da oficina, a partir de seus contextos reais de trabalho.

Outro instrumento eficaz para a minha pesquisa de campo foram as entrevistas narrativas. Através delas, assim como nas oficinas, pude identificar processos identitários de cada trabalhador rural que tive o prazer de entrevistar. Este tipo de entrevista tem como propósito, encorajar e instigar o sujeito entrevistado, no caso os colaboradores da pesquisa (informante) a compartilharem algo sobre determinado fato da sua vida ou do contexto social que julgue importante.

As entrevistas narrativas têm como alicerce, o propósito de reconstruir fatos e acontecimentos sociais, partindo do ponto de vista dos entrevistados. Algo que deve ser minuciosamente atendido é a pouca influência do entrevistador nas narrativas, pois se estes

forem tendenciosos, implicará diretamente na espontaneidade do entrevistado. Para que isto aconteça de maneira eficaz, designa-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias.

É importante nos atentarmos ainda, para a postura que o entrevistador tem que adquirir durante as entrevistas narrativas. Uma delas é priorizar a linguagem que o informante emprega, sem estabelecer qualquer outra forma, ou menos sem algum prejuízo de valor, pois este instrumento implica que, o ponto de vista do informante, se manifesta com mais veracidade, ao fazer uso da sua linguagem espontânea. Estas proposições se ajustam na compreensão de que a linguagem empregada, estabelece relações humanas e as atribuições de cada indivíduo na sociedade. Desse modo, “o pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos” (BAUER e GASKEL, 2002, p. 95-96).

Os autores salientam ainda, que as entrevistas narrativas são consideradas como uma forma de entrevista não estruturada, com características peculiares, de modo que, o entrevistado tem toda a autonomia e liberdade para narrar suas histórias, sem que haja interrupções por parte dos entrevistadores. O conceito da entrevista narrativa é gerada por uma crítica estabelecida ao método de pergunta-resposta da grande maioria das entrevistas. Nesta modalidade de pergunta-resposta, o entrevistador acaba estabelecendo e impondo estruturas em um sentido triplo. Os autores apontam este tripé das entrevistas em um método de pergunta-resposta, como: seleção dos temas e dos tópicos; preceituando as perguntas; e por fim, verbalizando as perguntas com sua própria linguagem.

Mesmo existindo algumas ressalvas com relação aos questionários estruturados, no que diz respeito a eficácia das entrevistas narrativas, por deixar o entrevistado à vontade para narrar suas histórias, durante as oficinas senti a necessidade de criar questionários visuais para me auxiliarem com os trabalhadores rurais. Para a criação destes questionários, selecionei imagens do cotidiano destes trabalhadores, tais como, cenas de novelas, de filmes, fotografias, dentre outros, que retratassem o dia-a-dia do trabalhador rural. A importância destes artefatos visuais contidos nestes questionários, nos serviram para percebermos aspectos identitários dos trabalhadores rurais, de modo que, estes não foram alfabetizados e precisavam opinar, bem como expor suas ideias com relação aos sentidos embrincados em cada uma daquelas

imagens, além de vídeos, filmes, novelas, dentre outras visualidades que também tiveram acesso.

Confesso que durante a aplicação desses questionários visuais, senti certa dificuldade em concluí-los, pois como eles foram estruturados tanto com alternativas escritas, como mesclado com imagens, certamente, vieram acompanhados por alternativas de múltipla escolha, para que dessa forma, elegessem aquela que mais lhe aparentasse verdadeira, sempre associando a leitura feita por mim da alternativa, com a imagem contida no questionário. Porém, tive que repetir este procedimento inúmeras vezes, pois sentiam dificuldade para entender e diferenciar as questões, ou mesmo associa-las às imagens, atribuindo-lhes um sentido crítico que tivesse algum significado para eles.

As imagens contidas nos questionários visuais foram minuciosamente selecionadas, todas conexas à questões que envolvem o trabalhador rural. Isto ajudou no entendimento e opinião dos participantes da pesquisa.

Um questionário pode ser descrito como um conjunto de questões, neste caso, também de imagens, com o intuito de gerar os dados necessários para averiguar se os objetivos de um projeto foram contemplados. Desse modo, elaborar estes questionários não é tão simples quanto possa parecer, ainda mais com algo inédito, como foi o questionário visual, por mim elaborado. Eles exigem tempo e dedicação em seu planejamento. Estes são requisitos fundamentais para alcançar os resultados esperados.

Além deste questionário visual, também foi utilizado o questionário tradicional, na tentativa de descobrir quais ferramentas digitais os trabalhadores rurais mais tinham acesso. Este por sua vez, me proporcionou uma precisão nos resultados, e a partir deles, escolhi com quais aparatos visuais iria trabalhar durante as oficinas.

Para registrar todos estes instrumentos que me auxiliaram na imersão em campo, além de gravações em áudios, ou mesmo em filmagens, utilizei um diário de campo para registrar todos os momentos da pesquisa. Este por sua vez, é um instrumento utilizado pelos investigadores para registrar e anotar todos os dados coletados susceptíveis de serem interpretados. Assim, afirma-se que o diário de campo é uma ferramenta que permite sistematizar as experiências, e posteriormente analisar os resultados.

4.2 TRABALHADORES/AS RURAIS DA COMUNIDADE DO TAPUIO: CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DE CADA UM.

O contato com os trabalhadores rurais, me fez perceber na simplicidade daquelas pessoas, o respeito e a valorização de um espaço tão esquecido pela sociedade. Pude perceber pequenos detalhes através de entrevistas narrativas, ou mesmo nas discursões durante as oficinas, que me fizeram refletir, tanto sobre suas vidas, como a minha própria existência, pois sou filha de trabalhadores rurais, que vivenciaram histórias muito próximas à daquelas pessoas. Ouvi relatos que me fizeram chorar e sorrir, mas acima de tudo, carregarei comigo experiências e ensinamentos que jamais esquecerei.

O mais prazeroso da pesquisa foi ver o interesse e a força de vontade da maioria, em receber o novo e compartilhar suas experiências de vida com uma pessoa, até então, estranha. Mostraram-se tímidos no início, mas logo percebi o quão a vontade eles estavam.

A pesquisa iniciou com 9 (nove) trabalhadores rurais, porém, no primeiro encontro, a esposa de um deles se interessou em participar, mas percebi que aquele seria seu primeiro e último encontro. Ela tinha problemas pessoais que a impediam de participar e interagir ativamente nas oficinas, mesmo eu tentando deixá-la a vontade, isso não a ajudou. Assim, desistiu no primeiro encontro, restando os colaboradores apresentados abaixo:

1- Aroeria é irmão de Caraíba, que também colaborou com a pesquisa, sempre muito brincalhão e sorridente. Tem 30 anos de idade e trabalha como caseiro na propriedade de uma senhora, próximo ao local das oficinas. Aroeria frequentou as séries iniciais, mas não aprendeu ler nem escrever. Assina seu nome, conhece as letras, mas não consegue formar palavras. Sempre com muita boa vontade, participava ativamente das discussões, dando sua opinião e trazendo fatos reais da sua vida para exemplificar e interagir com os outros. O que mais me deixou orgulhosa foi o fato dele ter permanecido na oficina, embora tenha se acidentado recentemente, machucando mãos e braços. Com muito esforço, pegava no lápis para tentar responder as atividades:



Figura 02: Trabalhadores rurais fazendo atividade. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

2- Flamboiã tem 48 anos, é uma pessoa muito tímida e nunca frequentou um espaço escolar, não aprendeu assinar seu nome nem qualquer outra palavra, ou mesmo fazer alguma leitura. Casado com a Catuaba, relatou ter uma vida muito sofrida.

Eu sou uma pessoa assim, que sou filho... eu não sou daqui, eu sou de São José de Jacuípe. Nasci lá e me criei até a idade de 11 ano. Com 11 ano fui obrigado a sair, devido família, tá entendeno? Me criei no mundo trabalhano, até hoje! A madrasta que eu vivia com ela, que meu pai arranjou só queria mal tratar, aí eu não aguentava, aí foi obrigado eu sair, com 11 ano. Aí eu ganhei o mundo, me criei no mundo. Trabaio até hoje, vivo minha vida na roça mesmo, os documento meu é de lavrador, então é isso que eu tenho pra lhe dizer...

Notamos no discurso feito por Flamboiã na entrevista narrativa a mim concedida, que o mesmo saiu de casa ainda muito jovem para tentar sua sobrevivência. Quando cheguei para entrevista-lo, o mesmo estava no quintal da sua casa capinando para plantar feijão:



Figura 03: Trabalhador rural arando a terra. Fotografia de Sírnia L. Sampaio, 2016.

Atualmente ele trabalha de diária, as vezes planta algumas coisas para ajudar na renda de sua casa. Flamboiã mora em uma casa de taipa³ que foi cedida (temporariamente) por sua vizinha. O mais comovente foi perceber que com tanto sofrimento relatado por ele, e mesmo com as condições difíceis de hoje, ele afirmou estar com a vida bem melhor que antes.

Hoje em dia, través de uns tempo pra traz, eu vivo hoje mais melhor, né? Trabaio mais é pra mim, né! Quando eu tava lá em baixo, morando lá em baixo, eu tinha meu terreno, minha arinha de terra, eu trabaivava mais era pra mim. Agora, na diária eu trabalho pouco, mas trabaivava. Criava meus bichinho, foi obrigado eu vender. Mas hoje eu tô aqui, trabaivando na diária novamente. Mas hoje, pra o tempo que... de antes, atrás, a uns tempo atrás de quando eu era mais novo, hoje a coisa é outra. O que a gente ganha, dá pra sobreviver, e antigamente não dava.

Em um de seus relatos, Flamboiã confessou que nem sempre consegue trabalhar de diária, e quando isso acontece, tenta sobreviver de algo que planta em seu quintal. Quando fomos conversar pela primeira vez para falarmos do trabalho de campo, o mesmo se mostrou bastante interessado pelas oficinas, e principalmente pela ideia de aprender a escrever seu próprio nome. Isso foi uma das motivações para comparecer às oficinas, caminhava cerca de 3 km até chegar ao local. Inicialmente, o percebi um pouco introvertido e envergonhado para

³As casas de taipa são construídas com paredes feitas com barro, sustentadas por estacas e não oferecem condições adequadas de moradia. São também conhecidas como casas de enchimento.

falar, depois de alguns encontros conseguiu interagir um pouco mais, porém, sempre mais retraído.

Passados alguns encontros, senti sua falta, perguntei aos colegas se sabiam notícias dele, ficaram meio receosos, mas falaram que ele estava com alguns problemas familiares. Tentei manter contato algumas vezes, mas nunca o encontrava em casa. Por fim, ele acabou não indo mais aos encontros. Fato que me deixou muito triste, pois percebia seu interesse e o avanço conquistados.

3- Jacarandá tem 63 anos, uma pessoa alegre e cheia de “causos” para contar. Ao realizar a entrevista narrativa, nos informou que mora no Tapuio há muitos anos. Atualmente está trabalhando de diária para alguns de seus vizinhos, pois ainda não conseguiu sua aposentadoria. Ao chegar em um de seus locais de trabalho, o mesmo estava capinando, depois foi dar comida às galinhas:



Figura 04: Trabalhador capinando. Fotografia de Sírnia Lima Sampaio, 2016.

Observemos seu discurso:

Primeiramente, boa tarde (risos). Eu cheguei aqui com quatorze ano de idade, entendeu? Aí fui tomar conta da roça ali de minha madrinha e tô aqui até hoje. Aí

agora depois de 42 ano, a dona pediu se podia vender, a gente disse a ela pra vender, aí ela vendeu a roça. Aí a gente foi pra rua. Aí quando o povo aqui quando viu eu saino, num deixou eu sair mais. Foi e mim doaro isso aqui, esse terreno aqui. Aí eu moro aqui até hoje. Esse terreno foi Teófilo que mim deu. Aí aqui é doação. Aí tô aqui até hoje, trabaio pra dona Conceição, trabaio pra Carlinho, trabaio pra Teófilo, trabaio pra Silvo alí, e tô aqui até hoje.

Observamos com o discurso de Jacarandá, que é uma pessoa muito prestativa com todos os seus vizinhos e conhecidos, muito trabalhador. Porém, uma confissão me chamou atenção; ele revelou sobre a falta de consideração das pessoas que ele presta seus serviços, pois em seu único dia de lazer (domingo), eles o chamam para trabalhar, sempre com o argumento que será algo rápido. Pude perceber essa falta de respeito durante as oficinas. Não foi apenas uma vez que tivemos a presença destas pessoas durante as oficinas. Mesmo vendo que ele estava ocupado e por ser dia de domingo, não foram motivos suficientes para deixa-lo aproveitar seu dia de lazer. Notamos este discurso na fala do próprio trabalhador durante uma das oficinas, pois eu havia levado cenas da novela da Rede Globo, “Eita Mundo Bom” e o Jacarandá nos esclareceu:

Quem trabalha mermo ni uma fazenda, o dia de domingo é nosso dia de descanso, o descanso é nosso, né? O patrão chega, vai mais a família pra lá, daí diz: “Ô Jacarandá, pega isso aqui pra mim, vem cá... Ajeitha um cano ali pra mim... oxente, mar menino!” Nois num tem sossego, a senhora mermo vê aqui como é, eles vem chamar mermo. (risos) E ói que eu trabaio na diária, pense aí se morasse mais eles! (risos).

Uma triste realidade, pois para que os patrões desfrutem do lazer com familiares e amigos, aproveitando o descanso dos finais de semana, que são seus por direito, sacrificam o lazer dos trabalhadores rurais, os obrigando a fazerem as tarefas diárias. Por morarem em seus territórios, ou mesmo por precisarem vender sua mão de obra, aceitam este sacrifício.

Estes momentos compartilhados com os trabalhadores rurais durante as oficinas, ou mesmo nas entrevistas narrativas, serviram para que os mesmos pudessem contar suas histórias de vidas, talvez nunca ouvidas antes, por nunca terem contado, ou mesmo, por nunca terem sido ouvidos. Assim, Rios (2011) afirma que:

Quando os sujeitos narram a si próprios, eles falam de suas experiências historicamente constituídas desde o lugar que ocupam, e são essas histórias que produzem uma identidade particular, diferente, não subsumida na identidade do sujeito da modernidade (p. 30).

Assim como este depoimento, outros ocorreram durante toda a pesquisa. Era como se eles estivessem sentindo a necessidade de contar/colocar para fora suas angústias, alegrias,

aventuras. Do mesmo modo que Jacarandá relatou acerca do final de semana, que nem sempre pode ser desfrutado, o mesmo ocorreu com outro colaborador da pesquisa, o Lírio que também relata não ter sossego no final de semana: “*lá é a merma coisa, ele sempre vai no final de semana, e quando num vai, os amigo vai e ele diz: pode ir que tem gente lá pra fazer as coisa*”. É triste ouvir este tipo de desabafo, pois é uma realidade que acontece com quem cuida das propriedades alheias.

Assim como a maioria, Jacarandá também não aprendeu a ler nem escrever, apenas memorizou a escrita do seu nome. Porém, isso não os impedia de participarem intensamente das discussões durante as oficinas, sempre trazendo o seu conhecimento de mundo. Desse modo, Freire (1987) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (p. 11). Complementa afirmando ainda, que a “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (p. 12).

Jacarandá afirmou também, durante a entrevista narrativa, que desde a época de sua mãe sempre trabalhou para ajudá-la, moravam e trabalhavam na roça, onde prestavam serviços também para a cidade (rua, como eles chamam). Vejamos o depoimento:

A gente criava um bucado de jegue aqui. A gente carregava material na rua, de areia né? Botava areia na rua. Aqueles calçamento foi tudo feito com a gente. Dr. Fernando num aceitava otas pessoa botar. Botava animal pra dá emprego, né? Fernando Dalto botarra a gente pra botar areia nessas rua todinha aí, como esse mercado de Dernival, aqueles negócio ali. Armem Paraíba, Nildinho ali. Tudo ali foi nós que botou material, tanto do aterro como a areia, entendeu? Era botado de animal, as caçamba era só pra puxar aquela areia da Bananeira, aquela areia branca pro calçamento, mas aquela areia de fazer a massa era carregada por a gente. Na Bananeira, Jacobina foi toda feita com aquela areia, era da Bananeira ali.

Histórias como estas, e muitas outras que fazem parte da história de Jacobina foram narradas por Jacarandá. Quando novo, também não teve uma vida fácil, seus pais derramaram muito suor para conseguir criar todos os filhos. Observamos que esta é uma cena que se repete com frequência na vida dos moradores da zona rural.

4- Outra trabalhadora que contribuiu para a pesquisa, foi Leucena que do mesmo modo que os outros, também não teve uma vida de regalias, desde muito nova trabalhou com os serviços domésticos nas casas de conhecidos, antes disso, morou com sua avó no Tapuio, onde trabalhou no que fosse preciso. Está com 33 anos, ficou viúva muito jovem, com um filho ainda de braço. Depois de alguns anos, conheceu o atual companheiro. Uma jovem

muito tímida e recatada, de poucas palavras, não participava muito das discussões durante as oficinas. Sua entrevista narrativa foi muito curta, mesmo que eu tentasse mais alguma conversa, ela não ia muito à frente. Quando fui fazer a visita em seus aposentos para a entrevista, notei que estava grávida de seu segundo filho, assim sua labuta na roça diminuiu por conta da gestação:

Hoje em dia, eu faço mais o trabalho de casa. Ele trabalhava na roça, eu ajudava a pegar uma água, fazemos as coisas... sabe? Mas agora que eu tô gestante, né, ele quem vai. Agora eu faço só as coisas de casa, cuidando nas obrigações de casa. Varro um terreiro, né, pegar uma lenha, cozinhar, arrumar a casa, cuidar do menino aqui. Só não mandei pra escola hoje, porque tava muito chovendo. Ele estuda lá na Catuaba, eu pago uma escolinha pra ele.

Mesmo estando gestante, os trabalhos são divididos entre ela e seu companheiro. Percebi certa satisfação e orgulho por parte da entrevistada, ao falar da escolinha do filho, tanto por poderem dar o melhor para ele, como por ter consciência da importância nos estudos, ela reconhece tal valor. A entrevistada lê e escreve razoavelmente, por este motivo, tenta fazer o melhor para seu filho, mesmo as condições não sendo as melhores, principalmente pela distância até chegar à escola onde ele estuda.

Sobre a estima das leituras na vida do ser humano, no livro “A importância do ato de ler”, Paulo Freire (1987) apresenta relatos de suas vivências com a leitura, principalmente com a leitura de mundo, bem como sua importância para compreensão do seu mundo particular. Assim, o autor relata que:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura “palavramundo” (p. 12).

Freire descreve exatamente a leitura de mundo feita pelos trabalhadores rurais do Tapuio durante as oficinas, bem como nas entrevistas narrativas. Estes colaboradores da pesquisa, mesmo a maioria não tendo acesso a leitura da palavra escrita, trouxeram suas leituras de mundo que fizeram toda a diferença, principalmente para minha formação enquanto pesquisadora e como ser humano.

5- Esta leitura de mundo apresentada por Freire, acontece com todos os trabalhadores que colaboraram para que esta pesquisa pudesse acontecer, a exemplo de Caráiba, o mais jovem da turma, com 26 anos, de uma alegria contagiante, sorria durante toda a entrevista

e em todos os encontros das oficinas. Estudou apenas até a 4ª série do ensino fundamental, e mesmo tendo este estudo, lê e escreve razoável. Um jovem que teve que escolher trabalhar para ajudar no sustento da família, ao invés de concluir seus estudos, pois seria impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Vejamos em seu relato feito durante a entrevista narrativa:

Eu estudei até os dezessete ano. Eu comecei a estudar com nove ano. Aí eu estudei até os dezessete e quando chegou um tempo eu fui pensar na minha vida e vê o que era melhor, se era estudar. Que no caso tava estudano eu e um irmão meu, nesse tempo a gente tava trabaiano no motor. Sabe o que é, não? Motor de sinsal. Aí eu trabaiaava de manhã pa mei-dia, meu irmão de mei-dia pa tarde e mãe trabaiaava o dia todo. Aí eu vi que num dava certo não, eu estudar pa mãe me sustentar. Então eu fui resolver a trabaia que no momento era mais futuro. O cara estudar sem ter como, num dá. Aí depende da oportunidade.

Notamos a preocupação de Caraíba em ajudar sua mãe e seus irmãos a sobreviverem, e a não deixar o serviço exclusivamente para sua mãe, uma escolha muito difícil para um jovem, porém, necessária para o momento. Ele foi uma das pessoas que mais participou das discussões durante as oficinas, sempre trazendo suas leituras de mundo para exemplificar e tornar verídica a sua fala. Caraíba sempre viveu na roça e desde muito novo teve que trabalhar para ajudar em casa. Ainda na entrevista narrativa:

A minha vida eu sempre nasci e fui criado na roça. (risos) Eu nasci e fui criado na região do Batata, ali. Cheguei aí pra faxa duns cinco ano e vim pra aqui pra Jacobina tinha uns treze, treze e pouco. Sempre, sempre foi labutano com gado mais, cuidano de roça, estudo, eu estudei até uma certa parte, até onde eu vi que deu, e depois...

Esta é uma realidade frequente para a maior parte dos moradores da roça, precisam fazer a difícil escolha entre o trabalho e o estudo, trocam o lápis e os brinquedos por uma enxada. Outros obedecem seus pais sem mesmo terem a chance de escolherem. Atualmente, Caraíba é o caseiro de uma propriedade próxima ao local das oficinas, onde é responsável pela casa e os serviços do campo, como, a lida com o gado ou qualquer outro animal que tenha, com o plantio, dentre outras obrigações. Durante a entrevista, perguntei para ele, dentre os serviços prestados, o que mais lhe dava prazer em exercer: “rapai, eu faço de tudo um pouco. Eu labuto com gado, eu roço, eu capino, eu distoco, eu faço cerca, mais da profissão que eu gosto mais mermo é muntar e labutar com gado.”

6- Mesmo com todo sofrimento relatado pelos trabalhadores rurais, por nunca terem tido uma vida fácil, pude perceber que exercem suas atividades laborais com muita satisfação e

orgulho, como relatado por Caraíba. Do mesmo modo, a trabalhadora Bromélia demonstra esta satisfação, a mais velha da turma, com 59 anos. Me recebeu de braços abertos em sua casa quando fui entrevista-la, se preocupou com a humildade de seu lar. Era uma tarde nublada, e quando a chamei na cancela, veio me receber toda sorridente, pediu que a acompanhasse e continuou a catar seu andu. Depois de concluída suas obrigações, me levou até sua sala. Me chamou atenção a mistura de cores em sua sala e a varanda cheia de plantas penduradas nos caqueiros.



Figura 05: Trabalhadora rural sentada na sala de sua casa. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

Iniciou seu relato de vida falando das dificuldades enfrentadas durante sua jornada, a exemplo da separação com seu esposo:

Nois se separemo, fiquei com 8 fio, tudo pequenininho, que podia botar debaixo de um balaio, eu me “murtifiquei” e levantava quato hora da manhã, fazia tudo dento de casa, deixava tudo feito, inté a comida ficava feita e me picava no mundo! Trabaiei ali no Curralinho um ano e quato mês na diária (quando achava) “trevessano” com água na cintura e um côfo cheio de trem na cabeça...

Bromélia relatou vários episódios durante a entrevista, sempre demonstrando mágoa pelo que seu companheiro havia feito. Se emocionou ao expor o desprezo por parte de alguns de seus filhos, mesmo depois de ter feito tudo que fez por eles:

Porque se eu tirar pa contar (Choro) eu não gosto nem de contar... nem a telça metade do que estou contano. Hoje, os fio é tudo criado e nenhum da fé de mim! Me murtifiquei tanto, e hoje nenhum dá fé de mim.

No decorrer da entrevista, pude notar que hoje, orgulha-se das conquistas alcançadas, está aposentada e não precisa mais da obrigação de trabalhar de diária, planta aquilo que desejar para o seu próprio consumo. Observemos o relato dela:

Eu já me matei muito, mas hoje, graças a meu pai do céu, tenho orgulho. Graças a Deus, meu Deus! Eu tenho o meu, viu? Tenho pra dar!!! Tenho pra quem chegar na minha casa e encher a barriga, quem chegar com fome. Chegar e dizer, me dê aí, ou me empreste aí cinquenta real, trinta, quarenta... Eu entro e digo, aqui, não é nada não, eu quem estou te dando! Porque eu já sofri muito!

Bromélia foi uma das colaboradoras da pesquisa que mais teve avanço e a que mais se mostrou interessada em participar. Nunca frequentou um ambiente escolar, nem teve o prazer de aprender a escrever seu nome. Em nosso primeiro encontro, o qual utilizei para falar sobre minha proposta de intervenção, a mesma disse: “*E nois papagaio véio, ainda presta pra aprender alguma coisa*”? (Risos) No entanto, conseguiu pela primeira vez, pegar em uma caneta e escrever seu próprio nome. Fato que me deixou bastante emocionada e orgulhosa, tanto dela, quanto do meu trabalho.

Todos os domingos, fazendo chuva ou sol, Bromélia colocava sua pasta em baixo do braço, seu lenço amarrado na cabeça, e caminhava cerca de 3 km até chegar ao seu local do curso. Muitas vezes, chegava antes mim, e dizia: “*Gosto de minhas coisa é cedo, pró*”! (Risos).

Este tipo de coleta de dados, a entrevista narrativa, me possibilitou ouvir as histórias de vida desses trabalhadores, pois elas “documentam experiências pessoais e subjetividades tanto quanto refletem estruturas sociais, movimentos sociais e instituições nas quais os narradores e seus interlocutores estão inseridos” (RIOS, 2011, p. 30).

Para o estudioso Bauer e Gaskell (2002, *apud* ROLAND BARTHES, 1993) toda experiência humana pode ser relatada por uma narrativa, a exemplo de um texto literário, ou não literário, em qualquer lugar, narrado por qualquer idade, por qualquer raça humana, e nunca vai existir um povo, uma nação, uma sociedade que seja ausente de narrativas.

7- Outra narrativa que chamou atenção foi da trabalhadora Catuaba, que ao contrário de Bromélia expôs apenas seu sofrimento durante toda entrevista e durante as oficinas. Foi a

única que relatou ter residido em outras cidades. Trabalhou muito em casas de família, hotéis, depois retornou para a roça, onde demonstrou não estar satisfeita com isso. Encontrar-se com 50 anos, e atualmente convive com Flamboiã, assim como a maioria, também não frequentou a escola, por conta disso, não aprendeu a ler nem escrever, mas memorizou a escrita de seu nome.

Ao chegar em sua residência para realizar a entrevista, a encontrei fazendo vassouras de palha na porta de casa, sentei ao seu lado e iniciei uma conversa:



Figura 06: Trabalhadora rural fazendo vassouras. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

Pude notar o sofrimento em sua face, ela sente muito por estar em condições financeiras desprivilegiadas. Quando iniciamos a conversa, começou a chover e envergonhada me chamou para entrar em sua casa, “*eita, nois vai ficar aqui na chuva mesmo? (risos) Vamos entrar. Pode sentar minha fia, aqui é simples, mas nessa cama aí não dorme ninguém não. Pode sentar*”. Os móveis que tinham em sua sala eram 2 camas de solteiro. Como havia relatado anteriormente, a casa deles ainda é de taipa, então, mesmo chovendo, notei pingos espalhados pelo chão e sobre a cama.

Ela não convive há muito tempo com Flamboiã, acredito que por este motivo, envergonhou-se de certas coisas por causa da presença dele em alguns momentos de sua fala. Por vezes, percebi baixar o tom da voz e olhar desconfiada para os lados. Catuaba sente a mesma mágoa que Bromélia por ter se separado do marido e pelo abandono dos filhos: “*Será que no meio de oito filho que tenho eu num vô tê um pra chegar no ponto de me ajudá? (choro) Eu vou viver toda a vida nesse sofrimento?*”

Algo que me deixou muito pensativa foi a disparidade nos discursos deles dois. Enquanto o companheiro se orgulhava por estar vivendo melhor hoje em dia, mesmo não tendo mais sua casa própria, em contrapartida, ela lamentava por viver na roça e da vida que estava levando:

Aí eu vou dizer que nois tem uma vida boa? Não! Nois que trabalha em roça é muito difícil, muito sofrimento. Qual é o jovem que veve uma vida boa que quer vim pra roça? Nenhum que ir!!! Como nois mermo, que foi criado na roça, mas foi porque nossos pai criou nois assim, na roça. A vida de quem é lavrador de roça é muito difícil, minha amiga!!! E se for contar a vida todinha do passado, dá pra você escrever um livro. Só sofrimento, num é vida boa não essa nossa vida que mora ne roça.

Durante os discursos de Catuaba, fui observando a presença das múltiplas identidades existentes, pois ao mesmo notamos que na narrativa acima, ela lamenta por morar na roça, em outro momento, na mesma entrevista, ela fala que prefere morar neste ambiente. Relata como era difícil a vida de quando morava na cidade. Observemos no seu depoimento a seguir:

Mas aqui na roça é melhor do que lá, lá o sofrimento é demais. Aqui a gente sofre bastante, mas lá a gente tem que ir com o escuro, tem que ir pro ponto de ônibus pra pegar carro pra ir pro trabalho, voltar novamente, mas na roça é só de dentro de casa pra roça.

Catuaba Sempre foi muito dedicada nas oficinas, sempre muito comunicativa e atenciosa, porém, depois de alguns encontros, do mesmo modo que seu companheiro, ela desapareceu das oficinas. Perguntei várias vezes por ela, vizinhos relatam que havia ido embora.

Ao contrário de Catuaba, Lírio orgulhava-se de viver na roça, e repetiu várias vezes que não pretendia sair de lá. Perguntei sobre sua família, ele relatou que moram na rua⁴ e quase não vão visita-los:

É difíci. Até a mulé é difíci vim. Fica lá também, porque elas trabáia e no domingo, quando num vai discansar, sai pra fora ou a mulé mermo tem os negoço da igreja, frequenta a igreja, sai pra aqui, pra aculá. Aí num vem aqui direito, é difíci mermo. Todo final de semana quando dá certo eu vô, quando num dá, eu num vô. Fico aí. Fico aqui sozinho. Mas dia de sábado quando dá, eu vô.

Segundo seu depoimento, passa boa parte do tempo sozinho, pois é o caseiro de uma fazenda próxima ao local onde aconteceram as oficinas. Atualmente está com 62 anos, e também não conseguiu se aposentar, sobrevive do salário que seu patrão paga. Mesmo estando razoavelmente estabilizado, também não teve vida fácil, do mesmo modo que todos os outros trabalhadores. Mesmo estando em uma idade avançada, seus serviços continuam os mesmos. É responsável por todas as tarefas da casa:

Eu faço o capim, eu moio, pranto, pranto grama, podó, moio, faço tudo. Trabaio com tudo. Tem umas égua aí, só num é dele, é de Jorge Vitoro, mas é eu que cuido, tem as galinha dele que eu que cuido, tem um cachorro... aí tem três novinha que é minha ali, eu cuido tombém...

O relato de todos os trabalhadores é semelhante, fazem o serviço grosseiro da roça, principalmente quando são os caseiros ou vaqueiros da propriedade que moram, como é o caso de Lírio. Notamos que mesmo com a meia idade que tem, continua com as mesmas atribuições. Pude perceber sua satisfação ao me contar sobre os trabalhos prestados na roça.

Lírio nunca frequentou um espaço escolar, assim como a maioria, também não sabe ler nem escrever. Com ele, pude sentir o mesmo orgulho que senti com a Bromélia. Em nosso primeiro dia de oficina, quando pedi que escrevessem o alfabeto em seus cadernos, Lírio tremeu tanto a mão, que teve que ajudar a segurar o lápis com a outra mão. Quando me aproximei, ele envergonhado disse: “*Eita... parece que não vou conseguir.*” Então, me afastei para deixa-lo a vontade. Demorou, mas conseguiu fazer. A cada encontro, tinha uma surpresa diferente, toda semana ele avançava em alguma atividade, tanto na parte da escrita, como na oralidade.

⁴ Os moradores da zona rural chamam a cidade de rua.



Figura 07: Trabalhador em primeiro dia de oficina. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

Além dos trabalhadores Bromélia e Lírio, todos avançaram e tiveram resultados positivos durante toda a pesquisa de campo, além de terem se mostrado interessados e satisfeitos com a participação e o aprendizado adquirido com a troca de conhecimentos durante as oficinas.

Deste modo, exponho com orgulho que todos foram de fundamental importância para o resultado desta pesquisa. Além do interesse dos trabalhadores rurais pela leitura e escrita,

pude realizar um rico trabalho com elementos da cultura visual que me proporcionaram identificar processos identitários de cada um deles, tanto nas oficinas, nos questionários, como nas entrevistas narrativas. Para organizar e contribuir com a análise dos dados, elenquei algumas categorias que foram percebidas durante a permanência em campo. Estas por sua vez, cooperaram para as considerações e análises desta pesquisa.

4.3 O TRABALHADOR RURAL E AS REPRESENTAÇÕES DE SI

Conviver com os trabalhadores rurais do Tapuio, desde o primeiro contato até o fim desta pesquisa de campo, me fez perceber que estes, mesmo que inconscientes, através das entrevistas narrativas, oficinas, ou através dos questionários visuais, estavam a todo tempo fazendo representações de si, no que se refere ao processo de pronunciar sobre o seu próprio processo existencial, bem como representações sobre suas condições.

Por muito tempo, o espaço rural foi visto como um lugar inferior, quando comparado à zona urbana. Os moradores da zona rural fazem parte do grupo minoritário que compõe uma sociedade, grupo este que foi e ainda é silenciado, onde teve por muito tempo seus direitos sociais, econômicos e políticos negados.

Salienta-se ainda, que a história dos trabalhadores rurais na busca por seus direitos é rodeada por momentos de conflitos, lutas pela posse da terra, pela sobrevivência e por melhores condições de vida. Historicamente falando, os trabalhadores rurais estão em condições desiguais. Durante toda sua trajetória, permanecem as evidências das desigualdades sociais e as cicatrizes da exclusão social que permeiam as suas conquistas no campo do direito social.

É inegável afirmar que o tema, urbano e rural, levante questionamentos e que aborde aspecto que envolvam pensamentos dúbios e acima de tudo, desconforto com relação a suas possíveis definições. Na visão de Gerhardt (2004) com embasamento referente a estas constatações, parte-se da conjectura de que uma análise que adote como objeto de reflexão, os métodos de construção de representações sociais acerca do termo “rural” no âmbito das

ciências sociais, ou mesmo por meio da sociologia rural, acabam contribuindo no sentido de especificar alguns subsídios intrincadamente ligados a determinadas alocações que, por sua vez, retrataram realidades, populações e processos qualificados como rurais.

Deste modo, paramos para refletir se realmente existem diferenças entre estes dois espaços. Numa tentativa de responder a esse questionamento, apontamos que tais diferenças seriam, de certo modo, fatos empiricamente observáveis, acontece que, na maioria dos casos, não se compreende, não se leva em consideração ou, mesmo, não se coloca em questão o fato de que estas mesmas diferenças necessitaram ser socialmente estabelecidas (GERHARDT, 2004).

No espaço desta pesquisa, os trabalhadores rurais passaram a ocupar o papel principal, ou seja, falaram de si, através da exposição de visualidades presentes nos meios de comunicação de massa, passando a protagonizarem suas vivências, numa perspectiva envolvendo processos identitários sobre cada um. No entanto, na vida social, continuam sendo os sujeitos silenciados e oprimidos.

Bauman (2003) faz um trocadilho com as identidades, comparando-as com o termo “comunidades cabide”. Esses cabides, por sua vez, são baseados em identidades móveis, que são auxiliadas por objetos que identificam modos de vida e possuem tempo determinado de validade, acompanhado pelo ritmo impaciente das mudanças no mundo contemporâneo globalizado. Assim,

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. É discutível se essas ‘comunidades-cabide’ oferecem o que se espera que ofereçam – um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro [...] pode fornecer um momento de alívio da solidão (p. 21).

Esta prática em fornecer este momento de alívio citada pelo autor, foi algo realizado com os trabalhadores rurais do Tapuio no momento em que, coletivamente, ou mesmo estando apenas de frente com a entrevistadora, penduraram em seus cabides, as suas angústias, seus anseios e suas mágoas.

As representações identitárias dos trabalhadores rurais do Tapuio foram concebidas por este complexo processo de enunciação dos meios de comunicação de massa, de modo que, mesmo estes não sendo detentores nem tendo o acesso exigido pela contemporaneidade, puderam ter contato com um espaço envolvido pelas visibilidades, que proporcionaram a eles outro olhar diante do artefatos que lhes foram apresentados.

Seja de modo subjetivo, seja por trocas sociais, a questão identitária transpassa a vivência humana. Desse modo, a identidade não é exclusivamente uma construção inerte composta pelas expectativas dos outros, ela vai muito além, pois a identidade do sujeito é construída também como um resultado de uma luta para ser reconhecida por outras pessoas.

No que refere-se a compreensão das identidades como algo relacional, afirma-se que para a sua existência, faz-se necessário a presença de uma outra identidade, ou seja, ela é caracterizada pelas diferenças, que por sua vez, é instituída por uma marcação simbólica concernente a outras identidades. No entanto, não estamos aqui afirmando que a identidade é antagônica da diferença, ela torna-se condicionada no que refere-se aos sentidos e as práticas de relações sociais. Outrossim, é por meio desta marcação simbólica que as relações sociais adquirem sentido, Silva (2000).

Assim, afirma-se que a identidade tem um esclarecimento próprio para uma dada coletividade, e ainda a expressão pessoal de cada integrante pertencente a esta coletividade.

Foi observado este processo identitário dos trabalhadores rurais, que as representações de cada um, apresentavam um processo de atualização de seus valores convencionais, estabelecidos pelas diferentes configurações comunicacionais, através de artefatos da cultura visual.

No que se referente a estas representações, salientamos que as mesmas se fundam como aquisições qualitativas, avaliativas e valorativas, todas estas, responsáveis por estabelecerem as percepções da mente e as ações/reações anatômicas. Ou seja, o comportamento de alguém diante dos outros e do meio social, torna-se simbólico. De modo que, “a categoria conceptual da ‘representação’ é também muito importante para a compreensão da lógica das culturas, pois que as diferenças culturais se explicam por diferentes dinâmicas representacionais” (PERUZZOLO, 1998, p. 83).

Após as oficinas, entrevistas narrativas, questionários visuais e as observações do diário de campo, pude elencar algumas categorias que, ao meu ver, representam o trabalhador rural, bem como questões que estabelecem relações identitárias de cada um deles.

No que refere-se aos processos identitários, os trabalhadores rurais notam que as identidades são móveis, mesmo que inconscientes, eles apontaram em várias falas, as mudanças ocorridas ao longo do tempo, modificações entre o período em que viveram quando crianças, fazendo relação com a atualidade. Esta categoria foi intitulada como **Identidade móvel: visão/consciência de mudança.**

Outro aspecto que pude perceber foi a **As tecnologias contemporâneas e o campo: o que as mídias representam?** Por vezes, eles afirmaram perceber que a tecnologia avançou ao longo do tempo, principalmente no espaço rural, que segundo eles, mal escutaram um rádio na infância.

Foram inúmeras as vezes que os trabalhadores rurais deixaram escapar entre uma fala e outra, seus sofrimentos por morarem na roça. Sempre relatando o quão pesado é o serviço de quem depende do trabalho braçal da zona rural. Assim, outra categoria observada foi, o **Trabalhador rural como sinônimo de sofrimento: vergonha ou orgulho em ser da roça?**

Por fim, mesmo relatando todo este sofrimento citado acima, os trabalhadores rurais mostraram-se sensíveis e corajosos diante das dificuldades encontradas. Assim, travam uma luta diária pela sobrevivência, nunca deixando morrer a esperança por dias melhores. Esta última categoria foi nomeando como, **Sensibilidade e coragem do trabalhador rural: lutas pela sobrevivência.**

4.3.1 Identidade Móvel: Visão/Consciência de Mudança.

“[...]eu me alembrei do meu tempo, que nossos pai botava a gente pra fazer essas coisa tudo aí... no pilão pra fazer cuscuz. E hoje não tem mais isso aí. Pode até existir em alguma região por aí, mas...”

(Lírio 2016)

O estudioso Zygmunt Bauman (1998), propõe em seu livro, “O mal-estar da Pós-modernidade”, reflexões diante das inquietudes que assolam a pós-modernidade, caracterizada pelo ininterrupto anseio de liberdade adicionado às modificações sociais, no que se refere aos avanços tecnológicos, transformações econômicas, sociais e culturais. O autor afirma ainda, que na modernidade tardia ou pós-modernidade, existia uma busca por consumidores com fortes sensações e experiências inovadoras, numa intensa movimentação de experimento de identidades.

O indivíduo pós-moderno tem o anseio em abolir qualquer forma de impureza que possa colocar em perigo os padrões sociais estabelecidos. Aquilo que, de alguma forma, venha a comprometer a segurança do cotidiano, deve ser evitado. Assim, a diferença deveria ser transformada em semelhança, bem como, controlar as dissemelhanças culturais, ou mesmo linguísticas existentes (BAUMAN, 1998).

Diante disso, o indivíduo que não se encaixa nos perfis contemporâneos seria aquele impossibilitado de compartilhar desse jogo de vivências de novas probabilidades, ou seja, pessoas que não desempenhavam a sua liberdade, e que não eram consideradas tão importantes para o mercado consumidor, tendo em vista que não eram consumidores em potencial. O homem pós moderno sente uma extrema necessidade de estar em constante movimento. Esta oscilação representa o desejo de liberdade para escolherem suas próprias identidades.

Bauman (1998) sinaliza ainda, que a modernidade tardia vem acompanhada com uma preocupação que ainda persiste; a “destemporalização” do espaço social. Povos modernos viveram num tempo-espaço com uma estrutura sólida, estável que protestavam e restringiam o caráter volátil da vontade humana, bem como a segurança e proteção das estruturas enraizadas. No cenário pós-moderno, as estruturas invariáveis foram supridas por estruturas de fáceis mudanças, assim como as identidades, que poderiam ser adotadas e substituídas de forma rápida e sem complicações, evitando assim estruturas fixas. Desse modo, afirma-se que a base central da vida pós-moderna é a instabilidade das identidades, evitando que elas se tornassem excessivamente firmes e de aderência rápida ao indivíduo.

Para complementar este pensamento, Stuart Hall (2006) aponta um progresso na discussão das identidades culturais na pós-modernidade. As velhas identidades que por muito

tempo consolidaram o mundo social, agora encontram-se em decadência. O surgimento de novas identidades está deixando o indivíduo moderno fragmentado. Hall questiona trazendo em seu discurso esta possível existência de uma crise de identidade, investiga também em que se baseia esta crise e, que rumo ela está tomando.

Durante as fases desta pesquisa, pude observar que, mesmo inconscientes, os trabalhadores rurais do Tapuio perceberam estas modificações nas identidades presentes nos sujeitos pós modernos. Seus discursos afirmaram que as identidades são móveis, eles apontam esta consciência de mudanças ao longo do tempo, como afirmaram os autores citados acima.

No primeiro dia de oficina, exibi o curta-metragem “Vida Maria”, lançada no ano de 2006, com aproximadamente 9 minutos de duração. É uma produção cearense de Joelma Ramos e Marcio Ramos, que também foi o seu diretor, editor e roteirista. O curta se passa no sertão nordestino e retrata a vida de Maria José, uma menina de cinco anos que teve sua infância interrompida, tendo que abandonar os estudos e trabalhar para auxiliar no sustento de sua família. A história tem início com a menina apoiando um caderno sobre o parapeito da janela, no qual está segurando um lápis, tentando escrever seu nome. Em seguida, sua mãe, Maria Aparecida, a impede de prosseguir, obrigando-a a ajudá-la nos afazeres de casa. Seguindo sua difícil trajetória, a menina cresce, casa, tem vários filhos, executa sua rotina de múltiplas tarefas, envelhece e em meio a tudo isso, vai se tornando uma pessoa mais rude, mesma postura herdada de sua mãe. A baixo, segue a imagem dos trabalhadores rurais assistindo ao vídeo:



Figura 08: Trabalhadores rurais assistindo ao vídeo “Vida Maria”. Fotografia de Sírnia L. Sampaio, 2016.

Foi notável a percepção dos trabalhadores rurais diante da exibição deste curta, pois como as cenas eram transmitidas na roça, mostrando o dia-a-dia daquele povo, todos afirmaram ter se identificado com cada parte apresentada. Sobre os aspectos identitários aqui citados, o trabalhador Jacarandá afirmou e questionou que determinados costumes que foram herdados de geração a geração desapareceram com a chegada da modernidade. *“Hoje essa obrigação que passou aí, o povo não faz mais. Hoje em cinquenta casa, só faz dois. [...] O pilão, um pai hoje não é doido de botar um fio no pilão, ele até bate nele. E mais várias coisa”* (Jacarandá). Nota-se na fala de Jacarandá, que o mesmo indaga sobre a postura dos filhos, que não seguem os ensinamentos dos pais, relata até agressões se acontecer de um pai pedir para o filho trabalhar no pilão.

Observa-se que ele faz esta referência ao pilão, pois no curta metragem do vídeo “Vida Maria”, a filha trabalha no pilão para ajudar sua mãe no sustento da família, tradição que foi passada de geração à geração, havendo mudanças nas gerações atuais. Podemos mencionar estas mudanças no que se referem aos processos identitários citados pelos autores, de modo que, estes processos herdados dos familiares, pertencem as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, e atualmente encontra-se em declínio (HALL, 2006). É notório na fala de Jacarandá, que as identidades são móveis. O trabalhador continua seu

questionamento: “*Ninguém mais vê um fio dando uma bença aos pai, nenhum! Se deixar, ele que é bater (risos). Pois é, a coisa mais importante é a bença! A bença é a coisa que eu acho de maior respeito.*”

A bênção é uma tradição que pertenceu, e ainda pertence, a muitas sociedades. Jacarandá menciona esta herança, pois no vídeo também mostra os filhos de Maria pedindo para que sua mãe os abençoasse. Tradição que, na visão de Jacarandá, não existe mais. Ou seja, são as novas identidades móveis do sujeito pós moderno, citada por Hall e Bauman.

O curta metragem nos apresenta um cenário culturalmente inserido em um ambiente bastante humilde e sofrido, na medida em que, Maria José segue os passos da mãe e guia sua filha na mesma direção. O tema fundamental da narrativa fílmica é precisamente esta difusão, não somente um modo de vida, mas igualmente aos valores e hábitos, processo que se designa uma herança cultural. Herança esta, tão apreciada pelos trabalhadores rurais durante a exibição do vídeo. Como bem argumenta Bromélia: “*Então... hoje eu sou mãe, tive um mundo de fio, oito fio. O que ela me ensinou eu tô fazendo hoje, e dei uma boa dona de casa.*” Notamos que ela segue os ensinamentos deixados por sua avó, que foi quem a criou, e fez o mesmo com seus filhos, porém, nenhum seguiu os ensinamentos deixados por ela, pois estes também fazem parte das mudanças existentes nos sujeitos pós modernos.

Este processo da cultura como uma herança dos antepassados e o modo como ela é igualmente conduzida é precisamente o que vemos representado em “Vida Maria”, e conseqüentemente, representado através dos discursos dos trabalhadores rurais do Tapuío. A ideia de não ser importante o contato com a escrita e de que a criança deve ajudar nas tarefas e não precisar brincar, foi assimilada por Maria José, pois, a ela também foi negado o direito de estudar e de brincar e, em consequência disso, é assim que ela age com sua filha.

O curta não é entendido unicamente como um produto cultural, ele também traz, de maneira subentendida em sua narrativa, litígios referentes à cultura e como esta é transmitida, ponderando que “o cinema desempenha uma função cultural que vai além do prazer da história” (TURNER, 1997, p. 69).

Outras questões apresentadas na narrativa fílmica também foram observadas pelos trabalhadores rurais, bem como, o fato das “Marias” não poderem estudar, pois precisavam

ajudar nos afazeres de casa. No entanto, afirmam ser necessário. “Desde aquela época que os pai num tinha nem estudo nem emprego como se tem hoje, então, todo mundo tinha que ajudar pra num morrer tudo de fome, por isso que ninguém podia estudar” (Lírio).

Assim como os outros aqui citados, Lírio também reconhece que nos dias atuais, os sujeitos vêm sofrendo alterações no que dizem respeito aos processos identitários, exemplifica isto quando afirma que na contemporaneidade as oportunidades são maiores, pois o sujeito pós-moderno conduz um modo de vida diferente e também pensam de modo distinto dos seus antepassados, tanto com relação ao trabalho, quanto aos estudos.

Com relação a estes aspectos citados acima, Bromélia relata que,

Mas hoje minha fia, os fio da gente não quiere nada. Nem estudar nem trabaiá, minha fia, não querem nada! E é só xingano. Eu digo qualquer coisa com os neto, a resposta vem logo: “ahh vó, vai pa merda”! “Ou diz, eu vou se eu quiser”, como os meu lá... “Num vou não, quem manda na minha vida sou eu” !!

Notamos certa revolta no discurso de Bromélia, pois em sua época existia um respeito com os mais velhos, respeito este que hoje não existe mais. “Ahh minha fia, se eu caísse na besteira de falar uma coisa dessa com minha avó, ela quebrava meus dente na hora (Bromélia).” A trabalhadora argumenta também que os filhos de hoje em dia têm mais oportunidade que na sua época, e muitos não dão valor para estas oportunidades. Este mesmo relato surgiu em vários momentos da pesquisa, não só da Bromélia, como de outros trabalhadores rurais.

Desse modo, notamos no curta metragem “Vida Maria”, exibido no primeiro dia das oficinas, que existe este processo onde a cultura é representada como uma herança recebida dos antepassados e o modo como ela é ao mesmo tempo transmitida. Esta herança culturalmente observada também é entendida como representações identitárias, pois os trabalhadores bem observaram esta diferença existente entre os costumes de sua época, comparando-as com o comportamento dos sujeitos pós modernos.

Outro aspecto que merece destaque é a ideia de não ser importante a relação com o mundo escrito, bem como a obrigação que as crianças devem ter em ajudar nas tarefas, ao invés de aproveitarem o lazer de sua infância. Estes aspectos foram assimilados por Maria José, pois a ela também não foi dado o direito do estudo nem das brincadeiras durante a infância, que em decorrência disso, é desta mesma maneira que ela age com sua filha. Isto nos

faz retomar a ideia da existência de uma herança cultural, pois, o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os distintos comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são igualmente produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. Toda esta herança cultural foi notada pelos trabalhadores rurais.

Uma das razões para facilitar esta percepção crítica dos trabalhadores rurais durante as oficinas, em observarem aspectos identitários, notando que estes são móveis e que determinadas mudanças vieram acompanhadas pelo sujeito pós moderno, bem como terem tido a percepção da existência de uma herança cultural, tudo isso foi possível com o auxílio de ferramentas da cultura visual.

Realizar este trabalho sobre as identidades a partir da cultura visual com os trabalhadores rurais do Tapuio, serviu como mote para colocar em prestígio como o visual está presente, de forma plural nas sociedades contemporâneas e os múltiplos significados e definições que são lançadas a partir dos artefatos visuais, tornando compreensível e, ao mesmo tempo, dando visualidade aos seus experimentos, aprendizados, suscetibilidades, valores, representações, instruções, referências simbólicas, dentre outras questões. Esta prática adquiriu caráter político, de afirmação e reconhecimento identitário, bem como reconhecimento de identidade como algo móvel.

Os trabalhadores rurais puderam perceber a partir de artefatos da cultura visual, elementos que estão presentes em sua memória individual e coletiva, conferindo-lhes assim, um caráter histórico. Outras questões a serem considerados foram a recuperação e valorização de aspectos culturais e identitários que serviram de motivação para o desígnio de afirmação e propagação estética da sua identidade.

Concordando com o pensamento de Pires e Silva (2014) quando salientam que esta percepção diante dos artefatos visuais foram possíveis através do imaginário, pois ele é integrado por representações do real e de elementos não concretos. A memória social do indivíduo é capaz de retomar condições para se legitimar. Desse modo, o sujeito ordena ideias a partir do real que se explanam em imagens, discursos, bem como, em práticas sociais que não apenas classificam o mundo, como além disso, norteiam a percepção diante da realidade.

Realidades que foram retomadas e percebidas diante da exibição do vídeo “Vida Maria”, por exemplo, ou mesmo em contato com outros aparatos visuais.

Assim, a cultura visual valoriza a relação que o visual estabelece com outras linguagens, ao mesmo tempo em que torna visíveis os valores e identidades que são conquistados por meio das diversas práticas cotidianas. Neste ponto de vista, afirmamos que o visual é um fenômeno social e cultural que permite a construção de discursos e significados, capaz de divulgar definições sobre um determinado fato social, e assim, torna-se adequado captar os sentidos, sem prejuízo de valores, submerso no estudo crítico de suas particularidades. (PIRES e SILVA, 2014)

Representações visuais são fontes de produção e veiculação de significados estabelecidos em decorrência de episódios sociais e históricos. Diante disto, uma das hipóteses essenciais da cultura visual é a de discutir e cogitar sobre “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 27), rastreando, por meio disto, ponderar o formidável papel da reflexão da imagem como artefato da produção cultural.

Assim, estes artefatos visuais permitiram ao trabalhador rural a percepção de fazerem juízos de valores que envolvessem representações de si. No entanto, não podemos aqui expressar, que a identidade pode ser considerada puramente como uma construção, ela é uma parceria estabelecida a partir da coletividade das experiências. Desse modo, afirmamos que este é um processo de interação, pelo qual, a identidade do sujeito é construída em decorrência de lutas em busca de reconhecimento, frente a uma dada coletividade, e não somente através de uma expressão de reconhecimento livre, envolvendo outros sujeitos.

4.3.2 As Tecnologias Contemporâneas e o Campo: O que as Mídias Representam?

“Antigamente o povo tangia gado de pé, ou então no cavalo! Hoje em dia é de moto, é de carro. Isso é a evolução!!”

(Caraíba, 2016)



Figura 09: Vaqueiro tangendo o gado com uma moto. Disponível no Google imagens, 2016.

A evolução da tecnologia existe muito antes do que possamos imaginar. O que nos parece simples hoje, não é considerado tão singelo quando nos remetemos a época da caça ou mesmo a descoberta do fogo, pois foram avanços que fizeram toda diferença para a história da humanidade. Em cada época da história, novas invenções e descobertas vão surgindo, sempre na intenção de melhorar e otimizar as condições humanas, pois a cada dia surge uma necessidade distinta, e cada vez mais, somos surpreendidos com a capacidade da evolução tecnológica. “Em suma, essa tecnologia tem proporcionado uma proliferação da imagem sem precedentes que revolucionou por completo, aparentemente em um piscar de olhos, nossa paisagem visual” (MARTNS e TOURINHO, 2011, p. 17).

Se fôssemos falar de cada etapa importante que a humanidade presenciou, teríamos muito o que narrar, no entanto, este não é o foco principal desta pesquisa. Assim, faremos uma incursão inicial, a partir da chegada da televisão na vida dos seres humanos, não desmerecendo a importância dos meios de comunicação que antecederam esta ferramenta.

Para falarmos do termo cultura, inúmeras são as versões para tentar conceitua-la e chegar em uma exata definição. Destacando-se os principais pontos sobre esta discussão, inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro.

Tal discussão mostra, também, que a cultura pode ser dividida entre a erudita e a popular. Segundo alguns estudos, o erudito é uma cultura voltada para a elite, enquanto a popular pertence à cultura de massa. Neste caso, a televisão, em determinado momento da história, serviu a uma cultura elitizada. Somente na década de 60, que esta ferramenta digital tornou-se popular, servindo agora não somente a classe majoritária, isto por causa da inserção de programas populares. Com esta popularização, “a televisão colocou fim nessa separação social, e é aqui que dói o fundo estupor que a desordem cultural produz” (MARTIN-BARBERO, 1999, p. 22). Observamos a consciência desta realidade no discurso do trabalhador Jacarandá, ao relatar: “*Em 70, em Jacobina, só tinha três televisão, na cidade toda, só tinha três! Porque nessa época televisão era pra rico*” (risos). Consciência também por parte de Caraíba, quando confessa que, “*eu mermo, vim conhecer uma televisão de 2003 pra cá. Eu não sou tão veio assim*” (risos).

No Brasil, a televisão começou seu processo de produção e implementação somente na década de 50, diferente dos EUA, que iniciou este processo no final da década de 20. A princípio de conversa, a televisão propagava a cultura como meio de produção e incentivo. Com a consciência do multiculturalismo⁵ presente na sociedade, este meio midiático passou a assumir outra postura para além destes objetivos.

A partir da influência desta diversidade cultural, podemos afirmar que a mídia influencia no comportamento do indivíduo, afetando a sua cultura e com isso provocando efeitos de transculturação?

Seria ingenuidade da nossa parte não reconhecermos que a chegada da televisão no Brasil tenha causado alterações no comportamento humano, no modo de vida, nos hábitos,

⁵ “O multiculturalismo pretende contribuir para uma educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças.” (CANEN, Ana. **O multiculturalismo e seus dilemas**: implicações na educação *Comunicação & política*, v.25, n°2, p.091-107).

modo de pensar, dentre outras consequências. Nos dizia Martín-Barbero (1999) “essa transformação nos oferece graves desafios, que tornam obsoletos tanto os modos de análise e avaliação eruditos como os populistas” (p. 17). Notamos que a postura do autor é de extrema preocupação com a “invasão” dessa indústria e das experiências do áudio visual. O autor nos afirma ainda, que esses novos tempos são os tempos tecnológicos que tornaram-se parte da visibilidade cultural.

De fato, os meios de comunicação são formadores de opiniões e exercem grande influência na vida das pessoas, na política nacional, na cultura dos povos e na tomada de decisões no mercado.

A imprensa, tanto a sensacionalista, que surgiu como uma forma de trazer um novo nicho de audiência para as notícias, quanto a imprensa elitizada, são um grande referencial, individualmente aquela veiculada em rádio e em televisão. Esta última, desde o fim da década de 1960, mais concretamente a partir da década de 90, se tornou o meio de comunicação de massa com maior poder na vida da sociedade. Diante desta afirmação, podemos assegurar que há um novo significado para o conceito de realidade: existe a realidade das imagens e das notícias ao vivo que se expõem como verdade invariável para uma grande massa da população. Tão grande é sua influência, que apresenta impacto no direito e na democracia, demandando um pensamento acerca da sua regulação.

Com o embrionário nascimento das mídias de maneira persuasiva e tendenciosa, desde o princípio, notamos que estas nos mostram o seu poder diante das transformações culturais da sociedade, com o desígnio de alterar o modo de ser daqueles que a consomem pela mensagem subliminar e variações culturais proporcionadas em seu conteúdo. Diante disso, o ser humano busca a sua identidade nos personagens midiáticos, sejam ficcionais ou reais. É através deste material que nos é provido, por meio de programas televisivos, desde telenovelas, filmes e programas de entretenimento, os quais administram à alteração, inferência, e o multiculturalismo de um determinado grupo. É por meio deste campo de relações, meios e mediações, tendências midiáticas e tecnológicas, que surge a necessidade da sociedade repensar a sua comunicação e sua cultura, que infelizmente representa uma “educação” forjada para a convivência social e para a cidadania.

Na convivência com os trabalhadores rurais durante esta pesquisa de campo, levei como suporte para as oficinas diversos aparatos da cultura visual, a saber; cenas de telenovelas, curta metragem, cenas de filmes, fotografias e vídeos, todos tendo como pano de fundo o cotidiano do trabalhador rural, e a partir disso, saber como eles enxergam esta representação da figura do trabalhador, bem como, de que maneira ele se enxerga diante daquela representação.

Antes de iniciar as oficinas, apliquei um questionário⁶ individualmente, com perguntas referentes aos meios de comunicação eles têm acesso, ou em casa, ou na residência de algum vizinho, parentes, dentre outras opções. A resposta foi unânime, todos falaram que tinham televisão em casa, exceto um, pois a sua havia dado problema, e ainda não pôde ser consertada, mas há pouco tinha a TV em casa. Segue gráfico abaixo:

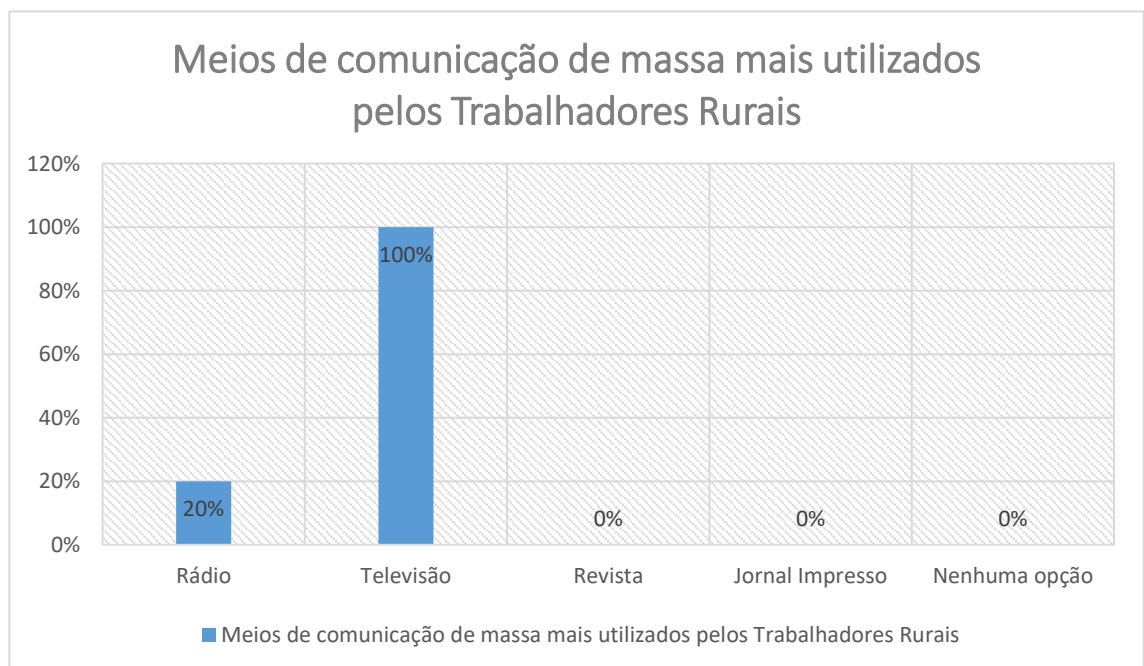


Gráfico 1. Meios de comunicação de massa mais utilizados pelos trabalhadores rurais.

Na pergunta seguinte, procurei investigar quais os tipos de programas que eles assistem. As telenovelas, programas jornalísticos e de auditórios, tiveram 100% da audiência, restando programas esportivos com 50% e apenas 10% assistem filmes. Na última pergunta indaguei sobre o sentido que atribuíam quando estavam assistindo a TV. Confesso que fiquei

⁶ Segue o questionário em anexo.

um pouco surpresa, pois 99% responderam que apenas olham aquilo que estão assistindo tão-somente como distração; 1% relatou que olhava a imagem para saber o que estava acontecendo, e qual o sentido delas. Acredito que esta última resposta tenha relação direta com o fato deles não saberem ler nem escrever, assim, fica mais fácil apenas olhar o que está sendo transmitido.

Em contrapartida, no decorrer das oficinas, não foi o que aconteceu, todos eles, mesmo que inconsciente ou sendo induzidos a isso, atribuíram sentido ao que lhes foram mostrado. Retomando a ideia de que os meios de comunicação de massa, a considerar o meio midiático, ficou mais que evidente o quanto que a mídia é tendenciosa e consegue influenciar, a opinião de quem está de frente a ela.

Em um dos encontros que tivemos levei cenas da telenovela “O Rei do Gado”, exibida pela Rede Globo em sua primeira edição no ano de 1996/97. A telenovela incorporou a luta contemporânea pela reforma agrária, bem como, exibiu questões políticas e partidárias. Ganhou destaque nas primeiras páginas dos jornais por todo país. Uma das cenas que foi exibida para os trabalhadores rurais foi o momento em que um funcionário do protagonista Bruno Mezenga vai até os Sem Terras (que tinham invadido sua propriedade) e entrega carne para todo aquele povo faminto. Quando recebem, apenas um deles, o chefe do MST, recusa, em contrapartida, todos os outros se aproximam e pegam aquele alimento com voracidade, até mesmo o próprio líder, minutos depois.

A cena é tocante, pois mostra um grupo de Sem Terras que não tem absolutamente nada para comer. Após exibir a cena, perguntei, *a priori*, o que acharam daquilo que haviam acabado de assistir. Lírio e Jacarandá fizeram um pequeno resumo da cena, na sequência, algo que me chamou atenção, foi a maneira com que eles se referiram aos Sem Terras. Me deparando com aquela situação, fiz o seguinte questionamento:

Entrevistadora: *Por que o Bruno Mezenga mandou aquela carne, mesmo sabendo que aquele povo invadiu as terras dele? Com que propósito, ou interesse vocês acham que ele fez isso? E no outro dia ainda mandar entregar mais carne, arroz e feijão?*

Sem hesitar responder, Jacarandá fala em alto tom, “*Esse povo de invasão num perde questão... Ninguém perde questão de invasão assim não. Eles têm o chefe, é coisa organizada*”. Complementando sua fala, Lírio questiona, “*Primeiro, quando eles vai, eles já*

foi no Fórum primeiro, tem escritura.”. Não entendendo esta fala de Lírio, eu o questionei: “Mas quem faz isso, o dono da fazenda? Ou os Sem Terras”? Então, surgiu uma fala que me deixou ainda mais pensativa: “Não. Os invasor” (Jacarandá). Lírio continua:

Os Sem Terra, os invasor. Aí vê tudo. Que terra que a pessoa tem. Oia a que já tem o INCRA, e a que não tem o INCRA é que eles vai entrar, invadir. Aí o fazendeiro num pode brigar com eles porque tá sem força pra brigar, porque eles tá sem o documento daquelas terra (Lírio).

Ouvir esta palavra “invasor” me fez refletir e me questionar, pois, de onde eles teriam aquela imagem a respeito do assunto. A partir desta fala, os questionei se haviam tido contato com algum Sem Terra. Eles responderam que não, como havia esperado. Então, continuei com meu questionamento, perguntando como eles ficaram sabendo daquelas informações. Então veio a resposta que atendeu a todos os questionamentos: “a gente vê pela televisão” (Lírio e Jacarandá).

A mídia, sem dúvida, atinge a população em todas as suas controvérsias, e por fazermos parte de uma sociedade capitalista centrada no belo, a mídia lança suas ideias para induzir a informação, o consumo e acima de tudo, vender sua imagem. Quando o telespectador está exposto a este campo minado, é de extrema importante que o indivíduo consiga filtrar, de maneira consciente, o conteúdo oferecido. Martin-Barbero (2001) aponta que parte da envergadura econômica cultural que adquiriram as tecnologias audiovisuais nos processos de globalização, almeja ponderar os meios na hora de construir políticas culturais que façam frontarias aos efeitos. Desse modo, torna-se quase impossível o pacto de intermédios entre a relação: comunicação, cultura, política articuladas. No entanto, parece-lhes conveniente que não haja uma conexão materializada, pois dessa forma, torna-se mais fácil colocar uma venda nos olhos, afetando assim, mudanças de comportamento do mercado da sociedade, pois, os intermediários constroem uma visão lado a lado dos meios que influenciam o modo de ser da sociedade.

Para afirmar que a mídia tem este poder de persuadir e alienar a mente humana, vejamos a fala de Jacarandá, quando questionado sobre a veracidade dos conteúdos transmitidos pela mídia, ainda sobre cenas da novela “O Rei do Gado”:

Mas vocês acham que, só porque a televisão mostra a figura do trabalhador rural, no caso os Sem Terras, dessa maneira, onde diz que eles invadem as terras apenas por invadir, e que ganham tudo do governo, a verdade tem que ser essa? (Entrevistadora)

Após este questionamento, os dois respondem que não, porém, confesso ter sido tendenciosa na minha pergunta, influenciando assim na resposta dos trabalhadores rurais. No entanto, para minha surpresa, segundos depois da resposta, Jacarandá complementa em baixo tom: *“Bom, mas a televisão não mente! E outras pessoa diz que é assim mesmo.”* Ele nos afirma que a televisão não mente, mas pelo fato de eu ter argumentado anteriormente, ele complementa dizendo que outras pessoas também asseguram a sua afirmação. Notamos na fala de Jacarandá que existe uma consciência que a mídia reproduz a verdade, ele toma aquelas representações como verdade. Assim, ele complementa, *“As novela é nosso dia-a-dia”*.

Bromélia também argumenta dizendo, *“assim como acontece na novela, acontece na vida real”*, mesma opinião de Catuaba, *“tem umas novela que é filmada na roça, aí eles amostra tudo sobre roça, né. Então aquilo ali, dedica a gente que já conviveu dentro da roça, que já trabalhou igualmente a eles na roça. Aquilo ali é realmente a verdade.”* Este depoimento de Catuaba foi apurado durante a entrevista narrativa em sua casa.

Diante destas declarações, notamos a nitidez com que a televisão, enquanto comunicação de massa, pretende estar no cotidiano da sociedade, persuadindo com suas propagandas e vendendo uma imagem que a ela interessar. Estas propagandas fazem parte de uma comunicação unilateral, ou seja, a comunicação de massa, tende a incentivar as mudanças, ativar o consumo e influenciar, de maneira direta na formação de opinião dos sujeitos.

Em outra cena de telenovela, agora, *“Êta Mundo Bom”*, também exibida pela Rede Globo em 2016, expôs uma trama revivida em outra época, com cenas grotescas, onde os personagens exageram no “cômico” para entreter os telespectadores. A história gira em torno do protagonista Candinho, um homem que não teve o convívio com sua família biológica, sendo criado por outra família. Não tendo uma recepção correspondente, Candinho sofria maus tratos e trabalhava incansavelmente na roça onde residia, em troca de abrigo e alimento. Cresceu naquele ambiente como um caseiro da família, ainda na adolescência, o personagem se apaixonou pela filha da matriarca, uma mulher rude e cheia de ambições, uma delas é a insistência em proporcionar para suas filhas, bons pretendentes e um casamento que as inserissem na alta sociedade da época.

Há mais de cinco décadas que as telenovelas têm ganhado espaço na mídia, bem como na vida dos brasileiros. Por ter ganhado este posto de importância, a telenovela adquiriu uma função social de formar e informar às pessoas sobre os mais diversos assuntos que permeiam a realidade da sociedade brasileira. Outro ambiente que também deu destaque a este assunto foram os meios acadêmicos, bem como as redes sociais, com temas de discussões, muitas vezes polêmicos, sobre o verdadeiro objetivo da exibição das telenovelas. Assim, estas seriam para fins benéficos à sociedade, ou uma forma de atrair mais telespectadores para elevar o índice de audiência, com o interesse especificamente mercadológico? Estas são questões que despertam o interesse de muitos estudiosos.

Esta realidade foi comprovada com a aplicação dos questionários, relatado anteriormente, onde 100% dos trabalhadores rurais afirmaram assistir as telenovelas. Após exibir a cena que mostrava o modo que Candinho era tratado, Bromélia mais uma vez, toma aquelas cenas como verdade, “*e assim como acontece na novela, acontece na vida real.*” Flamboiã também concorda com este pensamento, “*É verdade mesmo!! Uma coisa que eles mostra mermo do trabaaiador rural, é verdade*”! Na sequência, Caraíba complementa exemplificando para tornar seu discurso verídico:

No Sertão mermo, um vizinho onde mãe mora, tem uma fazenda lá, que os trabaaiador mora num galpão. Tem um depósito grande, que as família faz um barraco de lona e mora debaixo, e os dono tem casa desocupada. O chiqueiro, tem um chiqueiro de ovelha que é mais fechado que o depósito que os cara fica.

Caraíba aponta este exemplo, pois a cena da novela mostrava o protagonista dormindo em um local fora da casa e com acomodações desconfortáveis. É notável como todos os trabalhadores se comoveram com as cenas que mostravam a labuta diária dos trabalhadores rurais, sempre frisando que a vida deles era semelhante ao que estava sendo mostrado. De certo modo, as novelas acabam influenciando os telespectadores, pois de maneira geral mexem com suas sensações e emoções, motivando a proximidade e identificação com o que é passado.

Além de influenciar de maneira positiva com sua ficção, a telenovela suscita o pensar sobre a realidade do sujeito, não de maneira igualitária, mas de modo similar. Caberia aqui exemplificar, a semelhança com a literatura, pois são leituras que nos fazem adotar aquela história como verdadeiras. Esta semelhança não é, assim por dizer, identitárias, ela estabelece

os parâmetros de avaliação da mensagem. Desse modo, a semelhança é condição da verossimilhança⁷.

Outro personagem da novela que sofria das mesmas agressões por seus patrões foi Zé dos Porcos, um trabalhador rural que também recebia em troca de muito esforço e trabalho pesado, comida e um teto para dormir. A telenovela mostrou que a figura do trabalhador rural não precisava de salário pelo seus serviços prestados. Revoltado, Aroeira indaga: “*Zé dos Porco era tratado como escravo também, Zé dos Porco mais Candinho, porque ele não pagava a eles. Aí, eles ao invés de fazer as obrigação deles, fazia era montar nas costa dos outro, com orgulho, querendo ser rico.*” Complementando este pensamento, Bromélia compartilha do mesmo sentimento de Aroeira: “*E hoje em dia ainda acontece muito isso. Oxe, não acontece o que!! Muita gente ainda faz dos outro escravo!*”

Na maior parte dos discursos dos trabalhadores rurais a respeito da representação da mídia, notamos que eles afirmam, quase sempre, que ela representa verdades. Em contrapartida, mesmo que raros, em alguns momentos dos discursos, eles mostravam-se duvidosos com relação a isto. Em uma das conversas sobre a novela “Êta Mundo Bom”, os questioneei se tudo aquilo que estava sendo mostrado era de fato, a verdade. Desse modo, Aroeira responde: “*Assim... quase sempre ela mostra a verdade*”. Caraíba foi o mais seguro em sua resposta:

Na verdade, eles procura história e coisa que dê lucro a eles. Porque de tudo no mundo, já aconteceu. A pessoa sabeno, ou não, já aconteceu. Aí eles procura uma coisa assim, porque pra prender o leitor que assim, o cara fica interessado.”

Notamos que existe uma consciência no discurso de Caraíba ao relatar o interesse da mídia, ou seja, se preocupam com lucro que cada programa exibido poderá fornecer, independente do tema abordado, o importante é agradar o telespectador. É pertinente a fala de Caraíba, pois o que vemos na televisão, são criações ou representações de uma certa verdade, que emitem um julgamento de valor, e por mais que possa nos parecer que este julgamento seja realidade, e que esteja pressuposto nessa informação, ou nessa imagem, nós temos a

⁷ Qualidade do que é verossímil ou verossimilhante. São ligações, nexos ou harmonia entre fatos, ideias, dentre outras. Numa obra literária, ainda que os elementos imaginários ou fantásticos sejam decisivos no texto.

possibilidade de apenas, por ouvir ou por ver, formar opinião e não sabermos se de fato, é verdade. Desse modo, esse conceito de opinião não pressupõe verdades, não pressupõe o outro, ele pressupõe basicamente, a forma emocionada como a gente vai produzir, ou reproduzir conhecimento (SILVA, 2016).

Em outra cena da telenovela, Caraíba volta a argumentar sobre a representação da não verdade absoluta das mídias, sempre com seu bom humor e o sorriso estampado no rosto. Observemos seu discurso:

Porque ele estava trabalhano e não tava recebendo, nem sendo respeitado, e nem ganhava. Além de não ganhar, ainda não estava recebendo o valor que merecia. Intonci, se nois for oiá pelo que a televisão tá mostrano, nois aqui num trabaia de graça, nois num é relógio pra trabaia de graça. Nois sabe que tem gente que trabaia pelo um prato de comida, mais nem sempre é assim. Aí nois tem que pensar que na televisão nem tudo é do jeitho que é mermo.

Discordando da fala de Caraíba, Jacarandá indaga, “A rede Globo não bota nada na mídia, o povo não bota nada na mídia sem que num já aconteceu!!! Eles num pode mentir, se não, nêgo processa ela”. Notamos a ingenuidade no argumento de Jacarandá, ele toma todas as representações como verdadeiras, pois na visão do mesmo, a mídia não pode exibir nada que não seja verdade. Além de ter este posicionamento com relação a veracidade da televisão, ele ainda argumenta que após sua chegada, pelo menos na zona rural, as pessoas tiveram mais conhecimento das coisas, ou seja, atribuindo à televisão, uma importância na aquisição do conhecimento, um veículo de informação.

Depois que apareceu a televisão, muitos povo da roça aprendeu mais as coisa, ficou veno e sabeno mais as coisas. Mas muitos por aí, tem coisas que não enxerga, mermo a televisão mostrano, eles num quer ver. Porque vê e não quer acreditar no que vê (Jacarandá).

Sobre o argumento citado, há uma verdade que tem que ser ponderada, o fato de que os meios de comunicação de massa, a exemplo da televisão, contêm este caráter muitas vezes informativo, principalmente na roça, onde o único veículo de acesso às informações é a televisão. Porém, o sujeito precisa ter discernimento e saber digerir as informações recebidas, e ao mesmo tempo, dosa-las para não serem influenciados por ela, pois a mídia é tendenciosa e sobrevive da manipulação da mente humana, como acontece com o discurso de Jacarandá em dizer que a mídia não coloca algo no ar, que não seja verídico. Podemos observar ainda, que Jacarandá tem consciência da evolução tecnológica como algo benéfico, principalmente para os moradores da zona rural.

Em uma das oficinas levei para compartilhar com eles, uma série de fotografias que representavam, dentre outros significados, os avanços tecnológicos no meio rural. Uma delas foi um vaqueiro tangendo o gado pilotando uma moto, ao invés de estar montado em um cavalo, como era de costume. Percebi certa inquietação por parte dos trabalhadores rurais quando mostrava estas fotos. Vi os olhares curiosos, a exemplo, quando exibi uma casa ainda de adobo, com uma antena ao lado para captar melhor o sinal da TV. A seguir, a referida fotografia exibida durante a oficina:



Figura 10. Avanços tecnológicos no espaço rural. Disponível no Google imagens, 2016.

Após a exibição desta foto, todos ficaram curiosos e comentando sobre as condições da casa, e que isso não os impediram de ter uma antena. Assim, perguntei pra que servia esta antena e o porquê deles estarem estranhando. Alguns falaram timidamente, que a casa era “veia” e não poderia faltar uma televisão.

Após a exibição de algumas dessas fotografias, Carafba comenta:

Antigamente tinha um cara lá no sertão, que tinha a fazenda, que quando o povo ia pra lá, ele já perguntava logo, ‘você quer um cavalo ou uma moto’? Mermo que não

tenha o cavalo, mas tem que ter a mota pro pessoal ir botar saco. Eu mermo já cansei de selar a garupa do cavalo com 2, 3 légua e que o povo hoje em dia só quer ir se for amuntado numa mota.

Foi muito interessante a resposta que Caraíba deu para um questionamento que fiz. Os indaguei perguntando o que poderia estar acontecendo, para haver tanta mudança, não só na roça, como no mundo. Caraíba responde, com seu bom humor de sempre, *“isso é evolução! Oia aí, por exemplo, aí na foto a gente vê a casa de taipa e com uma antena. A modernidade tá chegando na roça.”* Quando os questionei, perguntando o que havia de errado com aquela antena ali na casa, todos falaram ao mesmo tempo, um falando mais alto que outro, necessitando serem ouvidos, e em meio a tantos questionamentos, o discurso de Leucena me chamou atenção, mais ainda por ela ser muito introvertida e opiar o mínimo possível: *“É que hoje em dia, pode faltar qualquer coisa numa casa, menos uma TV”*. Todos concordaram e Caraíba complementou, *“Isso é porque se o cara for viver só do trabalho, ninguém aguenta. Tem que ter uma coisinha para distrair o cara.”* (Risos).

Notamos que há uma consciência por parte dos trabalhadores no que dizem respeito aos avanços tecnológicos, mesmo existindo outras prioridades, ou mesmo a casa sendo muito humilde, nela haverá uma televisão, como bem colocou Leucena.

É notório que o espaço rural vem passando por modificações, comparado há algumas décadas atrás. Na contemporaneidade, no que diz respeito aos avanços tecnológicos, podemos dizer que existe um processo de urbanização da zona rural. Deste modo, como já havia evidenciado, *“já vimos que a mudança nesses termos é mudança no sentido da superação da polarização rural-urbano através da urbanização do rural”* (MARTINS, 1981, p. 34). Com isso, a identificação recursiva de um “mundo rural” em permanente crise continua a ser percebida e interpretada *“a partir da expansão da dominação do urbano sobre o rural, na medida que o conhecimento científico está fundado no mundo urbano e na expansão das cidades”* (MARTINS, 1981, p. 25).

Na contemporaneidade, não apenas na zona rural, como em qualquer outro espaço, a cultura de massa só conseguiu ter visibilidade e viabilidade através das formas de visualidades, fundamentalmente com o cinema e com a propaganda. Os primeiros instrumentos da indústria cultural se dão basicamente nessa forma de comunicação massificada. O cinema, assim como a televisão ou mesmo o rádio, são meios, são mídias, mas

são mídias unidirecionais, eles não atendem a uma demanda ideológica, ele apenas emite, pois ele é o meio através do qual você forma opinião, por exemplo, ou se tem uma visão geral das coisas. Esse conceito monológico está muito pressuposto naquilo que é conceituado na filosofia, como opinião pública (SILVA, 2016).

4.3.3 Trabalhador Rural como Sinônimo de Sofredor: Vergonha ou Orgulho em Ser da Roça?

“Eu fico só oiando, tem muita gente que não quer demonstrar que é da roça, que as vez tem vergonha de morar na roça, pra ser melhor que os outro, pra não mostrar que é pobre... Ta pensano que quem mora ne roça tem vida fáci? Tem não! Quem mora ne roça tem uma vida muito sofrida”.

(Caraíba, 2016.)

Estudar, pesquisar e analisar o perfil dos trabalhadores rurais não é uma tarefa simples, tendo em vista que existe uma diversidade muito grande, tanto regional, quanto cultural, mencionando ainda uma existência na diversidade identitária. Cada região possui um passado em comum, no entanto com especificidades construídas historicamente por homens e mulheres no seu fazer-se.

Uma das peculiaridades adjuntas à visão de rural é a sua associação com a terra, com a natureza e com os processos naturais. Sabe-se que o universo do trabalho rural é extremamente diversificado, de tal modo que são múltiplas as formas de contratação do trabalho rural, seja este remunerado ou não, assalariado ou não, sempre de acordo com os costumes e as peculiaridades culturais e econômicas existentes de cada região.

Por muito tempo, e ainda permanece, só que em uma nova roupagem “vestida” pela modernidade, as ruralidades foram idealizadas e vividas por oposições campo-cidade, em dualidades discursivas causadoras de conceitos e valores apresentados, como: superiores e inferiores, tradicional *versus* moderno ou, incivilizado - civilizado. O trabalho rural sempre

foi visto como inferior, durante muito tempo, o morador da roça foi invisibilizado pela sociedade.

Na contemporaneidade, a roça tem outro valor: serve de lazer. Quem sobrevive do plantio e da colheita, não é visto da mesma maneira de quem vai à roça para passar o domingo, ou mesmo para o descanso durante a semana. Eles vão em busca de refúgio, saindo da vida, muitas vezes corrida e estressante na cidade, numa tentativa de repouso e lazer junto à natureza. No entanto, muitas vezes, para que este lazer aconteça, os patrões sacrificam o descanso de seus funcionários.

Como já relatado anteriormente, a maioria dos trabalhadores rurais não conseguem ter o dia de domingo para seus lazeres, pois acabam prestando serviços para proporcionar o lazer de seus patrões, para quem mora nas fazendas, ou mesmo os auxiliando no que for preciso, mesmo não morando com eles.

É lamentável esta realidade que muitos trabalhadores rurais enfrentam, ainda nos dias de hoje. Como relatado anteriormente a respeito dessa exploração da mão de obra do trabalhador rural nos finais de semana, Jacarandá presta serviços de diária, e mesmo assim, ele lamentou que por vezes, os vizinhos o chamam, mesmo em dias de domingo, ou melhor, principalmente aos finais de semana. Aconteceu esta interrupção duas vezes enquanto estávamos nas oficinas.

Nos dias atuais, notamos que existe uma busca constante da “apropriação” rural em espaços urbanos. Vemos utensílios domésticos agora serem apreciados em espaços não rurais, um exemplo disso, o uso de fogões a lenha, agora por opção e não por necessidade como antes, panelas de barro, decorações em residências ou mesmo em estabelecimentos comerciais, fazerem parte da nova realidade brasileira. No entanto, nos questionamos se isso seria uma nova ruralidade, como bem aponta Moreira (2010), ou esta seria uma inversão de localidades, que foram por tanto tempo criticada e vista como inferior pela sociedade capitalista vigente. Para esta abordagem sobre a possibilidade de novas ruralidades, Moreira aponta que:

É a constituição cultural da imagem do rural na modernidade, lançando, ao mesmo tempo, elementos para a compreensão das novas ruralidades contemporâneas. Defende-se a ideia de que está em curso uma mudança cultural dos sentidos

atribuídos ao rural na modernidade, fazendo emergir, em nossa contemporaneidade, uma nova e complexa visão de rural e de mundo rural (2010, p. 249).

Segundo o autor, existe uma novidade enredada que assola a contemporaneidade no meio rural. Uma dela é dessemelhança nas formações sociais modernas, bem como a compreensão do rural e as ruralidades como elementos que compõem os procedimentos de legitimação e de ascendência do que se diz “urbano-industrial e internacional da modernidade e da atualidade” (MOREIRA, 2010, p. 249). Esta visão do autor submerge movimentos de modo que, o campo analítico é visto como diverso, bem como o rural e as identidades rurais e as relações culturais e políticas.

Historicamente falando, os trabalhadores rurais fazem parte de uma resistência de luta de classe que foi relegada, até pouco tempo, pelos estudos históricos. Estes trabalhadores quase que todo tempo, foram marginalizados por uma sociedade, onde eram notados de forma pouco positiva. Foram avaliados do ponto de vista da modéstia à sociedade envolvente, não deixando transparecer quaisquer formas de organização e resistência que pudessem dar uma identidade a tais sujeitos sociais.

Esta marginalização do trabalhador rural começa a ser posta em xeque quando entramos em contato com estudos que nos dão a dimensão do que foi a participação do trabalhador rural na sociedade, colocando em ambiguidade a colaboração do homem do campo em meio à sociedade conservadora e elitista.

Esta realidade aqui exposta, também foi percebida pelos trabalhadores rurais do Tapuíto, tendo em vista que, em vários momentos das discussões durante as oficinas, ou mesmo nas entrevistas narrativas, eles expuseram a existência desta heterogeneidade entre o espaço rural e o urbano. Em uma das oficinas, a ferramenta visual exibida para um diálogo com eles, foi o vídeo “Aqui na roça é diferente”, do cartunista e empresário Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica. O vídeo tem duração de 7min e 33 segundos, e narrou a história do primo Zeca que foi passar suas férias na roça na casa do Chico Bento. Toda a animação girou em torno da falta de conhecimento do Zeca com o espaço rural, pois o personagem é morador da cidade e todo aquele espaço desconhecido lhes pareceu inóspito.

O trabalhador Caraíba, após a exibição do vídeo, foi o primeiro a se manifestar: “*E aí que é diferente mermo. O cara acostumado na modernidade e não sabe nada do campo, né*”.

Bromélia complementa em seguida, “*tudo acostumado no luxo.*” Notamos na fala de ambos, que fazem uma agregação com relação às questões sociais, principalmente nos tempos modernos. Durante a exposição do vídeo, tudo para o Zeca era desconhecido, até mesmo questões do dia-a-dia, como por exemplo, não saber de onde vinham os ovos, o leite, e outras questões. Assim, Caraíba comenta:

Na rua, quando o cara quer alguma coisa, é só ir lá e comprar, e na roça não. Você vai plantar, tirar, vai colher. O rapaz estava acostumado a tudo que precisar, ir lá e comprar, ir no mercado. Quando chegou na roça, não sabia de onde vinha o leite, de onde vem o ovo, não sabia de nada.

No discurso de Caraíba fica nítido a consciência com relação a diferença gritante existente entre a zona rural e urbana. Mesmo sendo um vídeo de animação, conseguimos extrair dele uma crítica explícita sobre o preconceito impregnando por parte da sociedade que elitizada, realidade que acontece não apenas nos vídeos de animação, mas também, na vida real. Para que esta percepção aconteça, entendemos que as ferramentas visuais são plurais no que dizem respeito às suas interpretações e partem de necessidades sociais. Esta percepção foi nitidamente compreendida pelos trabalhadores rurais, de modo que,

As necessidades e expectativas sociais são igualmente importantes. Eis que a proliferação de imagens, ao mesmo tempo que resulta de novas tecnologias, é também motivada pela combinação de demanda econômica e necessidades humanas assentadas sobre novos arranjos sociais (MARTINS, TOURINHO, 2011, p. 17).

Partindo desse pressuposto, Sandelich complementa a ideia citada por Martins e Tourinho, afirmando que cada um interpreta as visualidades de acordo com o seu conhecimento e suas experiências. Assim,

Não há receptores nem leitores, mas sim construtores e intérpretes, na medida em que a aproximação não é passiva nem dependente, mas sim interativa e de acordo com as experiências que cada sujeito tem experimentado em sua vida cotidiana (SARDELICH, 2006, p. 214).

Em outra passagem do vídeo, de acordo com sua experiência de vida e conhecimento de mundo, Caraíba esclarece:

Vemo a falta de educação dele. Isso porque falam que quem é da roça que é mal educado. No caminho ele já vai com ignorância, porque ele é acostumado a andar de carro, e tem que ir de carroça de burro, e o burro vai devagarzinho. Até pra entrar dentro de casa, quando chega na roça, ele larga Chico Bento com as tralha tudo. No caso dele, é acostumado com a energia, e a fazer as coisa tudo na modernidade.

Nesta passagem, também fica claro que Caraíba deixa transparecer em seu discurso, a existência de espaços desiguais, referindo-se a roça e a cidade. Ele afirma ironicamente da falta de educação por parte do Zeca, pois segundo definições equivocadas, a elegância, gentileza, e educação, no sentido de comportar-se bem, partem de moradores da cidade, o que para Caraíba ficou claro não acontecer com o Zeca.

Um aspecto muito marcante nos discursos dos trabalhadores rurais foi exatamente a existência dessa desigualdade referente as localidades, na maioria das vezes atribuindo o que for de positivo aos moradores da cidade, e o que for de negativo para os moradores da zona rural. A fala dos trabalhadores estava a todo tempo, impregnada com a existência de uma inferioridade por morarem na roça, principalmente com questões de aparência, algo que me deixou surpresa, pois todos eles têm esta mesma visão com relação a exterioridade dos moradores da roça. Vejamos nos discursos a seguir:

Entrevistadora: No início do vídeo, a gente observa que Chico Bento está no ponto de ônibus aguardando a chegada de seu primo, mas observamos que não fala que ele mora na cidade ou na roça, fala? A gente só fica sabendo que ele mora na cidade, porque do meio do vídeo em diante é que vai mostrar. Mas, por que a gente imagina que o primo Zeca não seja da roça?

Caraíba: A gente já sabe logo mode o jeito dele falar e o jeito que está vestido também.

Entrevistadora: Qual a diferença da forma de se vestir? Como Chico Bento está vestido?

Caraíba: Com aqueles trapinho de roça, tudo sujo, rasgado, remendado...

Entrevistadora: E é assim mesmo na roça?

Todos: Sim.

Bromélia: Na roça é bem assim.

Caraíba: Na roça, a pessoa só troca e bota uma roupa mais ou meno quando vai sair.

Bromélia: só quando vai sair, que sai organizado. Mas na roça... é tudo chujo, no lodo...

Aroeira: Se deixar, anda igual a um porco.

O discurso deles é muito forte e carregado de preconceitos, porém, acabaram justificando que andam dessa maneira por falta de tempo, pois o trabalho na roça é puxado e não conseguem ter na rotina, outros a fazeres que não sejam o trabalho sobrecarregado da roça. Assim, Bromélia explica a rotina de vida de quem mora na roça:

E a gente vai ter tempo de ficar tomam banho? A gente só tem tempo de tarde, as veis, meio dia... assim, se tiver muito suada, que aí tem que tomar um banho. Mas pra ir pra rua? Tem que ir chic e cheiroso. Quando é homem, é pras menina vê, quando é muié, arrumar o cabelo... que é para os garoto dizer, oh onde vai passando a gata ali. (Todos riram).

Bromélia inicia seu discurso falando da falta de tempo para quem mora na roça, na sequência, com um tom bem humorado, ela faz um comentário sobre a ida deles à cidade, pois me chamou atenção também, o fato de todos eles argumentarem que não vão à cidade vestidos com as roupas que usam na roça. Isso nos deixa perceber que os trabalhadores rurais se preocupam com a aparência quando não estão em suas moradias, mostrando assim, que não podem ir vestidos de qualquer jeito, em contrapartida, a preocupação não é apenas porque pararam seus afazeres na roça, mas sim, por questões de aparência. Eles querem ficar apresentáveis quando vão à cidade.

Após esta fala de Bromélia, Aroeira faz um comentário que comprovou ainda mais esta preocupação com questões de aparência: “*Ingual a ela ali, colocou brinco, batom, tá toda nos pano*” (risos). Ele estava se referindo a minha pessoa, querendo dizer que por eu ser da cidade, estava arrumada. Isto se confirma quando Caraíba rebate o comentário do irmão: “*Aí tu responde, ‘eu não! Sempre fui da rua, sempre fui vaidosa, é diferente’*”! Notamos claramente a consciência que os trabalhadores rurais têm da existência de uma desigualdade com relação aos moradores da cidade.

Continuo fazendo minhas observação diante das falas dos trabalhadores rurais no decorrer do vídeo. Assim, Bromélia e outros afirmam ainda, que qualquer um, apenas em olhar, já sabe que é um morador da roça. Vejamos nos discursos a baixo:

Bromélia: *Pois se passar uma, o povo vai dizer, aquela ali é da roça, ohh lá como vai, oh!*

Entrevistadora: *Mas por que é que o povo fala isso?*

Bromélia: *Porque conhece!*

Entrevistadora: *mas conhece como???*

Bromélia e Aroeira: *Por causo da vestimenta, do vestuário.*

Bromélia: *Não é? A pintura, do cabelo...*

Entrevistadora: *Mas vocês não falaram que quando uma pessoa da roça vai à cidade, ela não vai arrumada? Por que vão saber que ela não é de lá?*

Todos: *Porque conhece!!*

Entrevistadora: *Mas por que, se está todo arrumado?*

Ferreira: *Não! A pessoa da roça é mais quieto, é mais apocada, mais simplesinho.*

Entrevistadora: *E a roupa, mesmo quando você vai para cidade, a roupa é diferente?*

Ferreira: *Depende. Depende até do tipo da pessoa que está vestindo a roupa também. Porque tem gente que apesar de ser da roça, quer andar todo no luxo, todo na marca.*

Aroldo: *Mas sempre com uma brechinha diferente.*

Estas falas me deixaram muito surpresa e entristecida, pois mesmo eu forçando uma outra visão a respeito disso, eles insistiam e sustentavam seus julgamentos a respeito do assunto. O que foi ainda mais curioso, foi o fato de no vídeo, o Chico Bento não apresentar-se

“mal trapilho”. No entanto, eles observaram a diferença nas vestimentas, sempre enfatizando que conseguem diferenciar as roupas dos moradores da cidade. Outro aspecto observado por eles foi a fala de quem mora na cidade. Vejamos: *“Eles sempre tem um sutaquezinho diferente. É porque o povo da roça fala mais errado do que certo”* (Aroeira).

Além de demonstrarem inferiorizados com a aparência, também se mostram com o mesmo sentimento com relação a fala, pois argumentam que os moradores da roça falam errado, todos eles concordaram com a fala de Aroeira.

Muitos foram os artefatos visuais exibidos para trabalhar nas oficinas, pois a cultura visual tem se apresentado, na atualidade, como um campo de estudos transdisciplinar, cuja sua referência encontra espaço nas mais diversas áreas do conhecimento, como a Educação, a Arte, a História, os Estudos Culturais, dentre outras. Assim, torna-se importante a compreensão das definições que circulam em torno do campo da cultura visual. A busca minuciosa deste campo de estudos permite mais que uma ingênua análise estética dos seus artefatos visuais, de modo que adequa uma compreensão crítica de seu papel e de suas funções sociais, bem como das relações de poder que se constituem dentre estes artefatos e os sujeitos no meio social onde estão inseridos.

Outro artefato apresentado aos trabalhadores rurais como uma ferramenta de discussão durante as oficinas, foi a cinematografia. Este aporte visual está presente em nossas vidas há muito tempo e pertence a uma cultura que pode ser sonora, visual ou mesmo imaginada. Esta, por sua vez, faz parte de uma indústria cultural, onde toda sua lógica de funcionamento se constitui numa reprodução de uma cultura, cultura esta que não pode ser considerada espontânea, ela vai se transformando em algo vivo, pois a mesma é industrializada. Nesse aspecto, por exemplo, se pensarmos a origem do cinema, ou a origem da fotografia, ela atende justamente a este processo de indústria cultural, pois é marcado por uma reprodutibilidade técnica. Mas, este conceito de cinema e fotografia não surgiu a partir de uma demanda de tecnologia, ele é fruto de inovações e mudanças do conhecimento tecnológico, que vão se espelhar no que se havia antes para reproduzir a sua verdade, pelo menos a sua verdade técnica (SILVA, 2016).

Nem tudo que aparece em um filme é perceptível aos olhos do espectador. Nem sempre conseguimos notar as imagens fílmicas tal como elas aparecem diante de nós, pois

existem objetos, pessoas e acontecimentos que são representados nestas imagens que facilmente não são percebidas por nós, não porque tenhamos alguma limitação que nos impeça visualizá-los, mas sim por não as percebemos.

Estas percepções fílmicas foram notadas pelos trabalhadores rurais do Tapuio a partir da exibição de cenas do filme “Abril Despedaçado”, um drama dirigido por Walter Sales, com estreia nos cinemas no ano de 2001. O filme se passa na região desértica do sertão brasileiro, em abril do ano de 1910, e nos mostra uma tradição que gerou conflitos entre duas famílias que perdurou por várias gerações, caracterizado por um ritual, no qual o filho mais velho de cada família, para defender suas terras, vinga seu antepassado num ritual de morte. Abril Despedaçado mostra a repercussão desta prática na história de vida dos personagens, principalmente em relação ao protagonista *Tonho* e seu irmão *Menino*.

Uma das cenas escolhidas para ser exibida na oficina foi a do pai de Tonho indo levar as rapaduras para serem vendidas no comércio, único sustento da família. Eles observaram que o pai trocava de roupa cada vez que ia à cidade:



Figura 11: Cena do filme Abril despedaçado. Tonho e o pai indo à cidade. Disponível no Google imagens, 2016.

Bromélia espantada, ressalta: “*Oxe, não pode ir com a mesma roupa! Tem que ir com outra roupa. Uma limpa e arrumada. Ninguém vai com a merma que está na roça, né?*” Jacarandá complementa, “*ali ele deve ter uns oito dia com a merma roupa chuja, ou até mais.*” Os trabalhadores rurais fazem a mesma associação do vídeo do Chico Bento, com relação as roupas que os moradores da zona rural utilizam quando vão à cidade.

Com relação a troca de roupas ou ao banho durante o dia, Lírio defende o mesmo argumento feito na exibição do vídeo do Maurício de Sousa, expõe novamente a falta de tempo para quem trabalha na roça: *“Ali ele fica usando todo dia no trabalho a mesma roupa. Não pode ficar tomando banho, porque tem horário pra tá ali no trabalho, tem que acordar mais cedo, preparar as coisas”*. Observamos novamente a presença de uma justificativa envergonhada, numa tentativa de esclarecer o porquê de não usarem a mesma roupa quando vão à cidade. Mesmo tendo esta consciência que passam dias usando a mesma roupa no trabalho, se justificam dizendo que são por motivos relacionados ao pouco tempo que têm e ao excessivo trabalhado que a roça lhes exigem.

O termo vergonha em ser da roça acabou surgindo durante a exibição deste filme, quanto no vídeo do Chico Bento. Caraíba ao ver o pai de Tonho, personagem do Abril Despedaçado, se ajeitando timidamente antes de entrar no armazém para deixar sua mercadoria, relembra de sua infância e de como se envergonhava por questões relacionadas a pobreza por morarem na roça:

Nois passou por muita privação. Eu mermo, ninguém me conhecia em Jacobina, porque eu me escondia do povo quando ia lá com meus pai. A pobreza era grande demais. Muita pobreza na gente. Era uma roupa só! Não tinha cinco ou seis muda de roupa não. Pegava o couro do boi e cortava um pedaço para fazer o chinelo. Ninguém podia comprar uma havaiana não. E isso agora, é de 60 mais ou meno. Eu ficava pra morrer de tanta vergonha... parecia bicho do mato.

Complementando esta fala, Lírio também relembra de sua época de infância:

Essas coisa aí no computador mostra tudo mermo. Eu acho que eles não esconde nada, é tudo do mermo jeito que nois viveu. Nois ficava com vergonha se alguém aparecesse. A gente corria e se escondia. Era um chinelo só e pra ir pra rua. Na roça era descalço ou couro véi cru. Ou então fazia de borracha véa. É minha irmã, tu pode num saber do que nois ta falando, porque sempre viveu na cidade, mas nois que veve na roça é que sabe o tanto de coisa que nois já passemo. Quem viveu naquele tempo na roça era tudo quase passano fome.

Bromélia também se impressiona e faz seu comovente relato sobre suas dificuldades, principalmente por morar na roça:

Ninguém tinha direito a nada... Se passasse em algum lugar, todo mundo dava fé por causa das percatas. Era só “chap chap chap... E eu, quando trabalhava aqui em Ubirajara, amarrava um pedaço de pano pra não sair nua. Ganhava quanto naquela época?? Na época eu ganhava cinco cruzado pra criar oito fio. Os oito não, que já tava tudo criado, mas eu e Arlan, esse mais novo. Eu mais ele dentro desse Tapuio, que as vezes não achava um dia de trabalho, um pingo de água não tinha! Ia pegar água na valeta. Eu não tenho vergonha de dizer. As menina diz, num fala isso não!! Pois eu digo, eu mais Arlan foi o que passemo mais fome. Se as tã falasse,

falava tudo que nois passou. Quando ele levantava que dizia, mãe, eu tô com fome. Ali me vinha as lágrima. Eu dizia, ôh meu fio, aqui eu só tenho duas culé de açúcar, então levante, esfrie o sangue que eu vou fazer uma garapa pra você beber. E assim era, e era com isso que ele dormia. Ele estudava lá na creche da Ladeira, e passou umas 3 semana sem ir, porque eu não ia mandar o menino com fome e chegar lá ele dá uma coisa e levare pra o hospital e chegar lá o médico dizer que era fome. A vergonha não deixava, daí ia tudo dizer, esse povo da roça só veve tudo morreno de fome.

Notamos que os trabalhadores rurais fazem uma associação ao sofrimento que tiveram no passado, por a roça ser um lugar tão difícil para o sustento da família, principalmente para quem trabalhava de diária, como era o caso de Bromélia. O discurso dos três trabalhadores rurais está conduzido por muito sofrimento que eles atribuíram a uma pobreza constante. Esta falta de recursos financeiros era motivo para terem vergonha por serem moradores da zona rural.

Voltando ao filme, na cena onde o pai de Tonho vai até o armazém entregar as raspaduras, o mesmo é surpreendido com a desonestidade do comerciante, pagando mais barato pela mesma quantidade de mercadoria que sempre recebeu. Quando o personagem vai tentar argumentar, a resposta do comerciante foi dura e decisiva, que ele recebesse se quisesse. Esta cena chama atenção de Bromélia, que faz um desabafo com relação a desonestidade dos moradores da cidade.

É verdade, receba se quiser! Se quiser deixar por esse preço, deixe, se não quiser, deixe lá! É que nem a gente aqui na roça, a gente vai pra rua, dibuíá o que? Cinco lito de andu, a gente vai dizer, eu vou vender esse andu a seis real, se achar quem comprar a 6,00 a gente vende, e se achar a quem comprar por 2,00 a gente vorta. Quando chegar em casa, bota no fogo e come!! É... porque a gente não vai dar o andu de graça!!! Porque o que a gente tem a gente não vai dar de graça. Mermo assim é eles, num que dar a rapadura deles de graça (risos). Mais a vida é assim minha fia... quando a gente precisa, a prosa é bem diferente. Hoje graças a deus eu tô aposentada, mas já me mortifiquei muito pra dá di comer a esses fio meu. E eu num conto as veis, nem esses dois real eu achava...

É tocante o discurso de Bromélia, pois ela narra hoje, com alegria, que se não achar o valor justo em sua mercadoria, ela volta para casa com seu andu, porém, relembra que os tempos de hoje são outros, mas quando vivia do plantio, muitas vezes se obrigou a receber o valor injusto por necessitar do dinheiro, assim como o personagem do filme.

Faz-se necessário reafirmarmos a importância dos aparatos visuais para a construção identitária dos trabalhadores rurais do Tapuio. Através destas visualidades, foi possível observar a necessidade que os trabalhadores tinham em narrar suas histórias, contando suas

angústias, anseios e conquistas. Se pensarmos que o cinema ou a fotografia, ferramentas visuais utilizadas durante as oficinas, em certa medida, é ou foi arte e artes visuais de maneira geral, entendemos que este símbolo cultural da imagem está presente em ambos artefatos, ou mesmo em uma escultura, uma tela de quadro, em uma fotografia, ou mesmo no cinema. Desse modo, afirmamos que a imagem é este ícone de referência estético, que nos dá uma ideia de que a imagem não existe como fato, mas como processo. O fato da imagem ser uma construção discursiva, certamente a fotografia ou mesmo o cinema, também são construções discursivas (SILVA, 2016). Tais construções possibilitaram a riqueza no discurso de cada trabalhador rural durante o contato estabelecido, a partir da existência da referência destes artefatos.

Foi perceptível nestes discursos dos trabalhadores rurais, que os mesmos se caracterizaram também como sinônimo de sofredores. A todo momento, durante esta pesquisa de campo, seja por meio das entrevista narrativas ou das oficinas, observamos através de seus discursos, que principalmente no passado, ser morador da roça é unívoco ao sofrimento. É de conhecimento alheio que a sociedade marginaliza estes sujeitos que não pertencem ao território urbano, assim, tal sociedade criou uma linha imaginária que separa estas duas zonas, ficando assim, a zona rural para as pessoas de baixa renda que sobrevivem do que plantam e fornecem o alimento para a cidade.

Em uma tarde nublada de quarta-feira, ao chegar à humilde casa de Catuaba para realizar a entrevista narrativa, percebi que minha presença foi notada pelos poucos vizinhos que ali moravam. Enquanto conversávamos no passeio estreito da sua casa, um dos vizinhos estava dando ração ao seu cavalo, que neste momento, parou para observar ao seu redor. Catuaba não mostrou-se intimidada por estar sendo observada, a mesma me recebeu com um anseio estampado na face em discorrer sua história de vida. Foi cuidadosa ao narrar os detalhes de cada etapa de sua existência, desde a infância até os dias atuais, emocionando-se em vários momentos da entrevista:

Se a gente for contar toda a vida da gente, a história da vida, de quando a gente começou, de quando que viveu, de quando comecei enfrentar a luta, né... Porque a minha vida foi muito sofrida. Porque eu fiquei sem mãe, desde seis ano, né. E a partir de seis ano por diante, só foi sofrimento, nunca encontrei vida boa, a vida era de viver na casa de um, na casa de outro, porque a minha vida foi começada assim, né, labutano com roça desde nova.

Aí eu vou dizer que nois tem uma vida boa? Não! Nois que trabalha em roça é muito difícil, muito sofrimento. Qual é o jovem que veve uma vida boa que quer vim pra

roça? Nenhum que vim!!! Como nois mermo, que foi criado na roça, mas foi porque nossos pai criou nois assim, na roça.

A palavra sofrimento foi citada em vários momentos de sua entrevista. Catuaba, ao contrários de outros trabalhadores, ainda lamenta por viver na roça, pois segundo ela, o sofrimento ainda existe: “*A minha vida foi sempre assim, de sofrimento, só de roça. Porque a minha infância quase toda foi só em roça até chegar a idade em que estou. Hoje eu vou completar cinquenta anos, né. E ainda vivo nesse mermo sofrimento*”.

História semelhante a de Catuaba é o relato de vida de Bromélia, que do mesmo modo, foi compreendido o desejo em ser ouvida, e da mesma forma, também se emociona ao detalhar a vida de sofrimento que já teve quando vivia do trabalho pesado na roça para sustentar seus filhos.

Então, a minha vida, minha fia, já foi muito, muito e muito sofrida!!!! Minha fia, eu sofri! E quando eu entrei uma vez ali pra Ubirajara, quando era uma hora dessa eu vinha era com a roupa amarrada, coivarando calumbi, toda rasgada. Ahhh se eu for contar minha vida... eu vou dizer... hoje tô aqui catano esse andu pra botar no fogo pra comer amanhã!

Quando cheguei para iniciar a entrevista narrativa, Bromélia estava catando andu no terreiro ao lado da sua casa, em uma tarde ensolarada, com um vestido florido, lenço amarrado na cabeça e um bocapiu⁸ pendurado em seu ombro para jogar o andu que conseguisse arrancar do pé:

⁸ Um tipo artesanal de bolsa, feita da palha do licurizeiro, contendo uma alça para ser carregada. Muito utilizado para fazer feira, principalmente nos interiores.



Figura 12: Trabalhadora rural catando andu. Fotografia de Síría L. Sampaio, 2016.

Quando concluiu seus a fazeres, convidou-me para entrar em sua casa, lá continuou seu discurso emocionante:

Então, eu trabaiava o dia todinho de baixo do sol quente, freveno o juiízo de um e quando chegava aqui, e abria a porta, pegava o de comer de tarde, dá o de comer das galinha, ia pisar mio pa pinto. Então, tudo isso aí eu já sufri, como eu sofri e como eu passei inté fome mais eles. Mais esse Arlanilton eu passei fome. Ele é meu fio mais novo, nessa época os outo já não tava mais dento de casa, já tava tudo sobre si.

Bromélia precisou trabalhar muito na vida para alimentar seus filhos, pois como já foi relatado, a mesma vivia de trabalhos prestados de diárias quando encontrava, ou mesmo do seu próprio plantio e ainda assim, nem sempre conseguia compradores para sua mercadoria.

Esta é uma infeliz realidade que assola a vida dos trabalhadores rurais em todo território nacional, cada um com suas singularidades. Percebemos através dos discursos aqui mencionados, que está realidade teve sua efervescência em um passado não muito distante, porém, sabemos que muitos ainda vivem em condições desprivilegiadas, pois nem sempre conseguem um trabalho de carteira assinada, os obrigando a continuarem com a incansável luta diária em busca de serviços nas roças de conhecidos ou por indicações de amigos.

Para sustentar a fala citada acima, notamos no discurso de Flamboiã este sentimento de alívio com relação ao passado obscuro que viveu. Ao chegar em sua casa para realizar a entrevista narrativa, o mesmo estava capinando nos fundos de sua casa. Notei certa timidez em sua fala, ainda mais por chamar a atenção de vizinhos que estavam ali por perto. Mesmo com o pouco sol a pele avermelhada e o suor escorrendo no rosto enquanto puxava a terra com a enxada, não deixavam esconder o cansaço em sua face. Ainda assim, me recebeu de maneira muito prestativa e desculpando-se pelos trajes que estavam sujos por conta da lida diária na roça.

Flamboiã morava em outra região, também na zona rural, por motivos pessoais, acabou vindo para Jacobina sem ter aonde ficar, foi então que uma amiga emprestou a casa desocupada de uma de suas filhas, para que pudesse permanecer até conseguir construir a sua. Mesmo com estas condições financeiras desfavoráveis, durante a entrevista, Flamboiã relata estar melhor de vida nos dias atuais. Assim:

Aqui é melhor do que lá. Comparado aos tempo que já passei, hoje eu sou outro!! Hoje eu tô bem, graças a Deus! É melhor... porque a gente vai chegando a idade... e vai apresentano pobrema, mas, isso é coisa da vida. Quando a gente pranta em novo, na idade vai coiê. É isso que eu digo... graças a deus eu tô bem, tô mais calquiado, que antigamente eu não era. O cara novo não pensa bem na vida, mas a vida quando vai chegano, vai amadurecer... mas hoje não, hoje eu tô bem! As veis eu acho trabaio na diária, num sabe. Eu pranto minhas coisa aqui... e a gente vai se virano como pode. Vou construir meu barraco, com fé em Deus!

A partir do comentário acima, observamos que mesmo com as dificuldades que persistem, Flamboiã é grato pelas conquistas alcançadas, pois elas podem aparentar singelas para quem permanece do lado de fora, mas para ele que já passou por momentos ainda mais difíceis, segundo relatos, as conquistas são consideradas em uma proporção favorável.

Várias foram as discussões em relação ao tratamento desumano que os dois personagens da novela da Rede Globo, “Êta Mundo Bom”, recebiam de seus patrões, gerando em todos os trabalhadores rurais, uma manifestação em prol da causa dos dois, sempre argumentando e exemplificando com outras histórias semelhantes sobre a telenovela, que acontecem no cotidiano deles. Notamos que os artefatos visuais que estão ao nosso redor conseguem interagir com nossos pensamentos, quase sempre, modificando a maneira da compreensão dos mesmos, pois “o campo da cultura visual busca e realiza mudanças nas maneiras como compreendemos os fenômenos visuais, especialmente nos fazendo pensar sobre os usos que damos às imagens e artefatos (MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 7)

Sobre a utilização destes artefatos e destas imagens, em outro momento da oficina, levei para dialogar com os trabalhos rurais, cenas do filme “Vidas Secas”, lançado no ano de 1963, com a direção de Nelson Pereira dos Santos. A cinematografia é baseada no livro homônimo, do clássico de Graciliano Ramos, publicado em 1938. Ambos narram a saga da família de Fabiano em busca de terras e de sobrevivência, numa peregrinação afugentada pela seca. Após a exibição da cena em que a família sai em busca de melhoria de vida, tendo em mãos uma cuia com farinha, e sobre a cabeça da esposa de Fabiano, alguns panos e poucos pertences.



Figura 13: Cena do filme Vidas Secas. Disponível no Google imagens, 2016.

Muitos dos trabalhadores rurais, emocionados, relatam situações semelhantes que passaram para não morrerem de fome. Bromélia inicia seu discurso: *“Aqui está bom agora, mas era uma avareza que fazia medo... Só tinha caju e côco. Aqui eu conheço tudo que é pé*

de pau”. Caraíba complementa: “*Eu já vi mãe contar de uma época, que pra o povo sobreviver, comia aquele miolo do mandacaru. Que era onde achava água*”.

Bromélia menciona ainda, que neste mesmo período de seca relatado no filme, “*tinha também, o brito do licurizeiro. Minha vó disse que em 32, já era moça feita e o que eles comia era caroço de jaca cozinhada pra num morrer tudo de fome*”. Após relatar sobre este período da sua avó, ela menciona muito emocionada a respeito de sua dificuldade para sustentar seus filhos:

O meu mermo, comeu também foi licuri. O pai passava era pela porta de casa com suas feira e não dava nada. Arlan passou mais de dois mês sem ir pra escola ali na ladeira vermeia porque eu não tinha nada pra dar pra ele comer, o que tinha era a água do pote. E isso sabe por quê? Porque eu não achava nenhum dia de serviço. Eu trabalhava de diária naquela época e ganhava cinco conto, nera o real não, era o cruzado.

É visível e ao mesmo tempo compreensível, a partir de relatos feitos através dos trabalhadores rurais, o motivo deles associarem a figura do trabalhador rural ao sofrimento por morarem na roça, pois notamos que nenhum deles teve vida fácil, tudo que conseguiram na vida foi a troca de muito custo, esforço e suor no rosto. E por conta de vivermos em uma sociedade preconceituosa e cheia de regras, isso faz com que os mesmos sintam-se fora dos padrões e fora de contexto.

Desde modo, sinto-me à vontade para expressar que a convivência que tive com cada um deles durante esta pesquisa de campo, me fez enxergar, na simplicidade daquelas pessoas, mesmo estes não tendo intimidade com a leitura do texto verbal nem com a escrita das palavras, uma riqueza no conhecimento de mundo de cada um deles. O conhecimento particular de cada um, a experiência de vida relatada com riqueza de detalhes. Como bem exemplifica Paulo Freire (1987) em suas sinceras palavras: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra. [...] Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente” (p. 11-12).

A dor e o sofrimento que cada um deles relatou é resultado da disparidade social, histórica e cultural entre estes dois espaços: O urbano e o rural. “*A gente vê uma diferença muito grande da cidade pra roça, tudo que é de bom, só vai pra cidade, nois que moremo na roça, só vem trabaio e sofrimento!*” (Lírio).

4.3.4 Sensibilidade e Coragem do Trabalhador Rural: Lutas pela Sobrevivência

Eu sou muito cedeiro. Acordo cedo pra fazer as coisa, porque num dá tempo não, pra saí 7h, num dá tempo. Ou você corre ou num adianta, entendeu? Que tem arroz pra cunzilhar, um café pra fazer, né? Um negócio de um cuscu, um negócio... A vida é desse jeito. (risos) Nois que veve da roça não tem moleza não, é muito trabaio o dia todo. Por isso que tem que acordar com o dia crariano.

(Jacarandá, 2016)

Ainda na contemporaneidade, árdua tem sido a lida dos trabalhadores rurais com questões referentes a sobrevivência cotidiana. Mesmo com a presença constante dos meios de comunicação de massa em nossas vidas, principalmente como ferramenta de auxílio para as distintas áreas do trabalho humano, a realidade dos moradores da zona rural é desigual. Me reportando em especial aos trabalhadores rurais do Tapuio, colaboradores desta pesquisa, pude presenciar a rotina de vida de cada um, desde a lida com os animais, a providenciar água para o próprio consumo.

As ferramentas de trabalho que são utilizadas pelos trabalhadores rurais do Tapuio são as mesmas do seus antepassados: enxada, foice, o animal como meio de transporte, dentre outras. A mão de obra rural serve como fornecedora da matéria orgânica enviada à zona urbana. Matéria esta, que serve de alimento para milhões de brasileiros. Partindo deste pressuposto, afirma-se que o homem tem total livre-arbítrio de escolher com quais materiais e ferramentas irá exteriorizar/materializar seu trabalho. Contudo, no atual modo de produção capitalista, o trabalho passou a ser concretizado como atividade fecunda de valor, passando, deste modo, à subsunção do capital, pois necessitam do dinheiro para sobreviverem, e isto os tornam reféns do Capitalismo, independente se suas escolhas de ferramentas de trabalho (MONTAÑO e DURIGUETTO, 2011).

Mesmo com a Revolução Industrial⁹ ocorrida entre nos séculos XVIII e XIX, em muitas regiões do país, a inexistência de novas ferramentas tecnológicas com o intuito de

⁹ Uma transição para novos processos de manufatura. Tendo como principal particularidade dessa revolução, a substituição do trabalho artesanal/manual pelo assalariado e com o uso das máquinas.

auxiliar no trabalho, ainda encontra-se em larga escala. Este índice é maior, quase que totalitário, na zona rural, de modo que, a mão de obra dos trabalhadores rurais torna-se barata e desvalorizada. Muitos ainda se submetem a este regime de trabalho por não terem outro meio de sustento. Os mais velhos que conseguiram se aposentar, hoje podem disfrutar do campo e não precisarem trabalhar exaustivamente, porém, ainda existe a realidade daqueles que, mesmo com a idade propícia a receber o que é seu por direito, vivem a duras penas para terem o alimento de cada dia. No entanto, tratar da centralidade do trabalho é de certo modo, discutir a constituição das classes sociais e sua conformação na sociedade capitalista experiente, esta, de certo modo, abre espaços para as incompatibilidades sociais, tornando irregulares as relações que tem por alicerce as relações de produção, concebendo as analogias entre os seres humanos.

Deste modo, muitos trabalhadores rurais silenciam-se e seguem suas vidas na simplicidade do campo, renovando as esperanças por dias melhores. Para seguir com este diálogo referente ao silenciamento das classes trabalhadoras, Martins (2000) nos afirma que,

O silêncio dos pobres não vem apenas da clausura cultural em que vivem. Vem também da usurpação da palavra, do querer e do esperar por parte daqueles que, ao pretenderem generosamente ser solidários, acabam impondo-lhes um novo e mais grave silêncio, o da fala postiça e inautêntica, anônima (p. 69).

O convívio com os trabalhadores rurais do Tapuio durante esta pesquisa de campo, me fizeram perceber que este silenciamento existente não é algo apenas cultural, vai além desta afirmação, de maneira que a sociedade é a principal colaboradora para esta mordança. Além dos trabalhadores rurais observarem através dos aparatos visuais durante o contato nas oficinas, que seus processos identitários percorrem caminhos, como por exemplo, o sofrimento por serem moradores da roça, outro processo também foi observado; eles se sensibilizam com questões de seu próprio cotidiano, bem como, das lutas diárias que necessitam enfrentar para sobreviverem em meio a este modo de produção que a cada dia, nos tornam reféns da sociedade.

Para tratar de questões que envolvam a sensibilidade do trabalhador rural, faz-se necessário deixar claro, que por vezes, esta sensibilidade foi interpretada pela sociedade burguesa, como ingenuidade, ou mesmo ausência de discernimento crítico de determinados fatos ocorridos. O comportamento e entendimento do ser humano, não somente do trabalhador rural, em grande quantidade, é induzido pelo que vemos. Em contrapartida, surge

um questionamento acerca daquilo que vemos. De que maneira estas visualidades estão sendo mostradas para nós?

Podemos retomar um conceito que pode nos ajudar a tornar compreensível, ou mesmo facilitar nosso entendimento acerca deste questionamento: A indústria cultural. As identidades são efetivadas “basicamente a partir de um reconhecimento modelado ou estereotipado, com base na observação das grandes tradições (SILVEIRA, 2001). Um termo responsável pela efetivação destas identidades é a Indústria Cultural.

Este conceito foi criado em 1947, pelos filósofos alemães, Max Horkheimer e Theodor Adorno, observando esse novo momento do fazer artístico, nomeando assim, como “indústria cultural”. Este é o termo empregado para designar este modo de fazer cultura, a partir da lógica da produção industrial. Antes mesmo de sua criação, o embrionário conceito já refletia demandas e questionamentos concernentes a uma noção do nacionalismo alemão dos anos 30, ou seja, quando surgiu o socialismo na Alemanha, o que se justificou com a formação do pensamento nazista, o que voga hoje em dia, nesse pensamento único e fundamentalmente massificado por uma cultura, era aquilo que definia claramente uma cultura de massa (SILVA, 2016).

Na Indústria Cultural, tudo pode se tornar negócio, e enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados através de sistemática e programada de exploração de bens considerados culturais. Um exemplo disso, são as telenovelas. Que tem como pano de fundo um mecanismo de lazer, no entanto, ela é responsável por um meio eficaz de manipulação da mente humana. Assim, podemos dizer que a Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual concede sentido a todo o sistema.

Para exemplificar o poder persuasivo que os meios de comunicação de massa possuem, como citado no parágrafos acima, em uma das oficinas realizadas com os trabalhadores rurais, levei como aparato visual outra cena da novela da Rede Globo “Êta Mundo Bom”. A cena escolhida tratava de questões relacionadas ao trabalhador rural e as condições de trabalho a qual eles se submetiam, como relatado no tópico anterior. No entanto, eles observaram algo que eu não havia notado, a fala do personagem Candinho com o burro, nomeado Policarpo:



Figura 14: Cena da novela Êta Mundo Bom. Disponível no Google imagens, 2016.

Este episódio foi compreendido como inteligência por parte do protagonista. Vejamos na fala de Leucena: “*Candinho conversa com os animal, e assim como ele, muitos conversa também. Ele tem o Policarpo como um da família.*” Complementando o seu pensamento, Bromélia afirma fazer o mesmo com os seus animais:

Eu sou mermo assim. Quero ver eu chegar pra dar de comer as minhas galinha pra num vim tudo atrás deu: co co co... aí eu já sei que é chamano eu pra dar logo o de comer. Aí eu digo: “espera, deixa de agonia que já tô ino”. Pois, você pode crer, são minhas companhia. Se eu chegar um dia e num falar com elas, pode da fé que fica tudo trstinha. É verdade...

Bromélia demonstra que assim como na telenovela, ela também possui o mesmo carinho e sensibilidade que o personagem Candinho tem com o seu burro Policarpo. Notamos que a trabalhadora rural faz questão em comparar-se ao personagem televisivo. Em contrapartida, a novela não mostra essa sensibilidade interpretada por Bromélia, mas sim, o representa de maneira ironicamente cômica e grotesca, expondo em rede nacional a figura do trabalhador rural ao ridículo, visto por muitos, como um ser “ingênuo” por ser da roça.

A partir do exposto, podemos falar com precisão, o poder que os meios de comunicação de massa têm em ludibriar os telespectadores, pois assim como Bromélia, várias outras pessoas que assistiram esta telenovela, acabam não enxergando a crítica que tem por trás da ingenuidade do personagem Candinho. Isto pode ser justificável, por conta da Rede

Globo ser uma emissora com um índice de audiência tão elevado e ser considerada uma grande influente em questões sociais, políticas, históricas e identitárias.

No entanto, esta opinião de massa não é constituída por meio do ponto de vista que partiu do telespectador, mas sim, da mídia promotora que injeta, de maneira escancarada a opinião formada a qual lhe for conveniente. Desse modo, afirmamos que a opinião promove um sensorio na sociedade contemporânea. De maneira que, a emissão e a recepção de informação não pressupõem uma comunicação. Pressupõe uma instrumentalidade de informação a partir do qual você vai formar opinião pública. E essa opinião pública, necessariamente não é opinião livre, muito menos uma opinião espontânea, ela é uma opinião do público, mais especificamente, do público que fornece a mídia.

A manipulação da mídia é tão avassaladora, que posso confirmar esta informação com outra passagem desta pesquisa de campo. Agora, com a aplicação de questionários visuais, já mencionado anteriormente. Levei imagens do personagem Candinho ao lado do seu burro, nomeado Policarpo, imagem escolhida justamente por causa da observação deles com relação a suposta amizade do personagem com o seu animal. A partir desta imagem, fiz o seguinte questionamento: “Na imagem da novela ‘Êta Mundo Bom’, como você acha que o trabalhador rural é representado”? Dentre as múltiplas alternativas, a mais cogitada foi a opção associando o trabalhador rural como inteligente, pois falava com os animais. Esta inteligência foi observada pelo viés emocional, algo caracterizado como uma inteligência sensitiva.

A partir do exposto, fica nítido que mesmo com outro aparato visual tratando do mesmo assunto, pelo fato de ter sido mostrado pela mídia, os colaboradores da pesquisa associam esta sensibilidade do trabalhador rural em falar com os animais.

Em outro momento, agora no vídeo exibido do Chico Bento, também durante as oficinas, os trabalhadores rurais fazem esta observação com relação ao seres humanos se comunicarem com os animais. Mesmo o vídeo sendo em animação, eles fazem associações com a vida real. Em uma das cenas, o vídeo mostra a maneira como o Chico Bento se comunica com os animais, sempre falando com muito carinho, educação e gentileza, semelhante ao tratamento que Candinho tinha com o Policarpo. O animal do Chico Bento também é um burro e foi batizado pelo nome de Onório.

Algo interessante que me chamou atenção, foi o fato deles notarem dessemelhanças em relação ao que acontece no cotidiano deles, isso me causou estranheza, pois ambos os artefatos possuem cenas que são muito próximas. Os trabalhadores rurais não apontaram nada como negativo na telenovela. Observemos na fala de Aroeira, a partir do vídeo do Chico Bento: *“Eu acho que esse vídeo aí exagerou um pouco, assim, no sotaque, no modo de falar com o animal. Porque geralmente, o animal, ele vai mais pelo modo de você falar e não precisa aquele carinho todo que mostra ali.”* Aroeira faz este comentário, pois na passagem do vídeo exibido, o personagem do Chico Bento trata os animais com muito carinho. Em contra partida, nenhum dos trabalhadores rurais fez esta, ou qualquer outra observação para o carinho que Candinho fez ao Policarpo. Isto nos mostra a influência que as mídias, nos referindo neste momento a telenovela, possui diante das famílias brasileiras.

As telenovelas fazem parte do cotidiano de mais da metade da população, desde a população de massa a elitizada. É um reflexo da vida “perfeita”, em que todos os sonhos são realizados de acordo com o desejo do telespectador. De certo modo, torna-se um refúgio para muitos, viver imerso naquele cenário de fantasias, onde o único esforço que necessita é a nossa disponibilidade de tempo para sentarmos em frente à uma televisão, e de certa forma, deixarmos nossa mente “vazia” para a imersão das informações que são constantemente sedutoras aos nossos olhos. Desse modo, através das representações visuais, a exemplo das telenovelas, estabelecem uma identificação com o público e alimenta o imaginário social, atribuindo valores e atitudes.

Após a observação dos trabalhadores rurais diante do carinho exagerado do Chico Bento, e deixando de lado o afeto de Candinho pelo seu animal de estimação, levantei o seguinte questionamento: *“Então, todos concordam com a fala de Aroeira, quando afirma que o vídeo exagerou em alguns aspectos, ao representar o trabalhador rural?”*. Todos responderam que sim, na sequência, Bromélia complementa:

Oxe, acontece mais é de deixar o animal amarrado três dia, sem dar água nem comida, e ainda vai bater e espancar. Um dia desse aí, passou uma mulher aqui no Tapuio, amuntada num jegue, que ela deve chegar em casa com isso aqui doeno (referindo-se ao punho) de tanto ela bater. Eu que não posso dizer nada, porque não me pertence. Mas será se fosse nela, ela ia gostar? Ela num ia gostar. Então aí é o que? Maltratano os bicho. A gente não precisa do bicho não é uma vez só não!! Né?

É interessante fazermos a ressalva de que esta observação só foi feita no vídeo do Chico Bento, quando a telenovela mostrou o mesmo carinho pelos animais, todos os

trabalhadores rurais tomaram as representações televisivas como verdadeiras, como observado em tópicos anteriores. Para este aspecto, Costa (2000) afirma que:

[...] Os temas são nacionais, mas alcançam um grau de universalidade desejável em toda obra de ficção. [...] As paisagens, os tipos – já imortalizados da literatura, – o linguajar – entre o carioquês e o sotaque nordestino–, as situações, buscam alcançar o toque regional e nacional como em nenhum outro gênero (COSTA, 2000, p. 156-157).

Surgida na década de 50, com a chegada da televisão, a telenovela brasileira necessitou passar por um longo processo de modificação e aperfeiçoamento, até conseguir alcançar a população a nível universal que possui na atualidade.

Mesmo percebendo o poder persuasivo dos meios de comunicação de massa, não estou aqui tecendo tais críticas, no intuito de tirar o mérito que estes possuem. O que necessita ser colocado em cheque, é a capacidade do telespectador em não absorver tudo de maneira passiva, pois estes meios de comunicação de massa, se adquiridos de maneira crítica, tornam-se eficientes meios, capazes de aguçar o juízo de valores diante da exacerbada exposição visual que a contemporaneidade atribui. Além disso, convém também como um meio de entretenimento e lazer para quem assim almejar.

Outro aspecto observado durante este trabalho de campo foi a questão dos trabalhadores rurais atribuírem aspectos identitárias à questões de sobrevivência. Em todos os seus discursos, sejam eles por meio das entrevistas narrativas, questionários ou mesmo nas oficinas, eles a todo tempo associavam trabalho rural como meio de sobrevivência. Em um dos questionários visuais, coloquei a imagem da personagem Maria, do curta metragem “Vida Maria”, de pé em frente ao pilão. A mesma esta estava grávida, e ainda assim, fazendo os serviços diários:



Figura 15: Maria no pilão. Cena do vídeo “Vida Maria”. Disponível no Google imagens, 2016.

Diante desta imagem, elaborei a seguinte pergunta, na qual li individualmente para que eles pudessem dar a resposta que melhor compreendessem. “Como você acha que esta imagem representa o homem/mulher da roça”? Dentre as alternativas, todos eles responderam a primeira opção: “Está trabalhando porque precisa comer.” Exceto Leucena que além desta opção, marcou mais uma: “Como um grande trabalhador, pois na roça tem que se trabalhar de qualquer jeito.” Observamos a partir destas respostas, que os trabalhadores associam o trabalho rural como um meio de sobrevivência. Leucena complementa sua resposta, comparando sua jornada de trabalho com a do vídeo e com o questionário visual “Vida Maria”. *“Eu mermo, estou de barriga e faço os trabaio tudo tombém. Só as coisa mais pesada que eu já num faço mais. Mas eu só igualzinha a essa muié aí da foto e do vídeo.”*

Ainda na exibição do vídeo “Vida Maria”, notei aspectos observados pelos trabalhadores rurais, tais como, a necessidade do trabalho infantil para ajudar no sustento da família. Em uma passagem específica do vídeo, a personagem Maria José, ainda criança, está debruçada na janela de sua casa com um caderno e um lápis em mãos, quando sua mãe chega e a reprime por estar “desenhando nomes”, ao invés de ajudar nos à fazeres de casa. Neste momento, Lírio inicia os discursos, afirmando: *“eu achei tombém um erro dessas mãe aí. A menina tava escreveno e a mãe manda ela parar”*. Concordando com esta fala, Catuaba complementa:

*A mãe não deixa... era isso que eu tava prestano atenção, só aqui assuntano!”
Porque isso aí, tem a capacidade da gente falar e conversar com vocês também... no tempo dos pais da gente, a gente não teve a oportunidade de conseguir o que realmente a gente tinha vontade, né! Aliás, inclusive eu falo assim, porque eu falo assim de mim, né. Eu tive uma fase que passei, que não tive a oportunidade de estudar. Porque meu pai não colocava a gente na escola. Entendeu? Ele dizia o que pra gente? Que nós não precisava estar naquela escola perdendo nosso tempo, nós tinha que trabalhar e ajudar ele, pra ajudar a colocar alguma coisa dentro de casa. Era assim que a gente vivia.*

Notamos através da fala de Catuaba, que esta falta de estudo dos trabalhadores rurais, principalmente os de mais idade, é algo cultural, pois os pais necessitavam da ajuda de seus filhos para conseguirem o alimento de cada dia. “Então, o nosso dia-a-dia era mais na enxada, trabalhano... era numa roça catano feijão. Independente da idade, a gente ia catar mamona, era o que a gente fazia pra ajudar nossos pai.” (Catuaba). Assim, continua seu discurso:

É que nem essa história aí dessa menina. Disse: oh, o que você está fazeno aí nessa janela? Vá caçar o que fazer que isso aí não é o que você tá procurano. Então, vá carregar uma água, vá ajudar a fazer alguma coisa, vá ajudar sua mãe. (Catuaba)

É notório a presença forte nos discursos dos trabalhadores rurais com relação a questões do trabalho rural como meio de sobrevivência, até mesmo quando ainda criança. No entanto, eles reconhecem que isto é necessário e entendem o motivo pelo qual os pais fizeram isso. Mesmo Lírio tendo dito que não tinha concordado em a mãe de Maria ter arrancado a força o caderno da filha, ele justifica que: “Desde aquela época que os pai num tinha nem estudo nem emprego como se tem hoje. Então, tinha que botar os fio pra ajudar a sobreviver. Antigamente se vivia da roça, do que prantava.” Ainda sobre este aspecto:

É bom porque ela já está ajudano a mãe. Esse vídeo foi muito importante, ele recorda bastante as roça. Quando a gente vivia na roça, as mãe da gente era ali na roça trabaiano com a gente, ali arrastano uma enxadinha, saia com suas trouxinha na cabeça, “bora meus fio pra roça trabalhar!” Aí chegava na roça, botava a gente em baixo de um pé de umbuzeiro, ou do pé de mamona. Fica aí! Forrava com uns paninhos e dizia, fica aí que vou trabalhar! E era assim que ela fazia com a gente pra ir trabalhar. Só que aí nois era tudo pequenininho, depois de grande, nois foi tudo ajudar. E é a mesma coisa que fiz com os meus filhos (Catuaba).

Por mais que alguém, ou até eles mesmos possam criticar, é indiscutível a resistências por parte dos pais que moram na zona rural, em acharem melhor que seus filhos ajudem nos serviços da roça ao invés de estudarem. Tendo em vista que este é o seu único sustento, e como já foi relatado aqui, sabemos da exaustão do trabalho rural. No entanto, esta realidade

não é tão frequente quanto em tempos passados. Notamos isso através dos relatos dos próprios trabalhadores rurais, quando justificaram este método adotado pelos seus pais.

Em outra cena do filme “Abril Despedaçado”, o personagem Menino, assim como no vídeo “Vida Maria”, também estava com um livro, sentado em baixo de um pé de pau, folhando-o e tentando “ler as imagens”, quando seus pais o repreende mandando o garoto deixar de ficar olhando aquilo, pois iria dar problemas em sua visão, e o manda ir ajudar nos à fazeres de casa.

Esta cena também chamou atenção dos trabalhadores rurais, pois relembrou de seus tempos de infância, e da precisão em ajudar no sustento da família. Jacarandá relata emocionado: *“Quando o menino larga o livro, todo tristinho, e ele pega as cana, ele diz que não aguenta carregar, que é pesado demais. Aquilo ali é de cortar o coração. Porque o trabalho pra ele tava pesado demais. Mas nós sabe que tem que ser assim”*. Na sequência, Bromélia continua: *“O que ele disse é a pura verdade. Que muitas vez a gente tem o fardo mais grande que nós pode levar”*.

É nítido que os trabalhadores rurais reconhecem os dois lados da situação: a de ser criança e ter que trabalhar, bem como a necessidade dos pais fazerem isso. Diante desta situação, ele fez uma confissão durante a oficina, lembrou dos tempos difíceis para sobreviverem e de como os pais de antigamente tinham métodos severos com seus filhos, e relatou ter sofrido maus tratos quando criança:

Minha mãe vinha botar água de friguissia, na cidade todinha, porque Jacobina num tinha água, entendeu? A senhora pode procurar a qualquer um aqui dentro. A concorrência de côco aqui dentro era grande. Dentro dessa mata aqui, fazia era medo. E lenha, e lenha!!! Todo mundo atrás de lenha. E a dona mandando os vaqueiro correr atrás do povo. Os vaqueiro inrabava pra botar o povo pra correr. Pois é. Era assim. E quando nós era pequeno, a minha mãe pegava nós, abria um buraco no chão e nós ficava lá interrado, até na cintura assim, oh! Botava os pano e a gente ficava sentado ali, um irmão oiano o oto, quato irmão, cinco irmão e a gente ficava desse jeito aí.

Jacarandá fez esta confissão durante a entrevista narrativa. Quando cheguei em um de seus locais de trabalho, estava chovendo forte, era final de tarde, e o mesmo me recebeu com o sorriso estampado no rosto. Calçava botas longas e usava chapéu de palha. O cenário estava perfeito para iniciar sua fala, o barulho da água pingando nas poças de água, o cheiro do mato verde molhado e as gotas de água pingando naquela folhagem. Jacarandá estava aguardando

a chuva estiar para retornar ao trabalho, pois estava capinando ali mesmo, próximo a sua casa. Enquanto aguardava a estiagem, aproveitou para alimentar as galinhas, me chamando para acompanhá-lo enquanto ele narrava sua história de vida. Jacarandá justificou que sua mãe usava daquele método, pois eles eram muito pequenos e seus pais precisavam trabalhar na roça, por conta da pouca idade, necessitava de alguém para olhá-lo.

Em outra fala, Jacarandá desabafou e me relatou da perversidade que sua mãe fazia quando a desobedecia.

Aquelas perversidade que passa nas novela, que passa na televisão, num sabe? Aquelas merma coisa! Oxe! Eu... minha mãe... quando eu zuava muito, minha mãe marrava eu era no pilão. Eu ficava amarrado no sol ali oh, e o castigo era aquele. Marrado! Marrado os braço, marrado mão, marrado tudo. Aí quando eu vejo aquelas novela ali, eu só alembro dessas coisa.

Quando eu perguntei por que ela fazia isto, ele sorrindo respondeu, que ele era muito danado, mesmo assim eu insisti em perguntar se aquele método era o correto, ele disse que não, mas que não poderia fazer nada. A vida do trabalhador rural, principalmente os de mais idade, não tiveram uma vida fácil, comprovamos isso através dos relatos dos trabalhadores rurais do Tapuio, realidade não só na região jacobinense.

Outro relato interessante foi com a exibição do clássico nacional, “Vidas Secas”, eles fizeram relatos semelhantes ao curta “Vida Maria” e ao filme “Abril Despedaçado”, com relação ao trabalho infantil e a busca pela sobrevivência. Em outro questionário visual, levei uma imagem do filme, mostrando a família de Fabiano sobrecarregada com seus pertences, até mesmo seus filhos pequenos, e a resposta foi unânime, que estavam em busca de melhorias de vida, ou seja, lutando pela sobrevivência. Já na exibição fílmica, Caraíba comenta que os pais deram todo aquele fardo pesado para as crianças, pois ele não conseguem carregar tudo, e precisavam levar o que pudessem, pois não tinham o animal para ajudar com a carga pesada.

Os filmes exibidos neste período de “Vidas Secas”, se encarregaram de abordar, direta ou indiretamente, sobre temas relacionados com as questões concernentes ao nacional e ao popular que norteavam as grandes discussões principiadas pela esquerda brasileira. Neste contexto, a obra fílmica “conseguiu reproduzir na linguagem cinematográfica a densidade contida na obra de Graciliano Ramos, acrescentando-lhe o vigor de uma narrativa cinematográfica sofisticada e rigorosa” (LEITE, 2005, p. 99).

Uma observação inesperada que pude fazer diante deste contato com os trabalhadores rurais do Tapuio, foi a influência negativa que a ausência da figura paterna pode causar, principalmente quando atribuído ao fracasso e a desestabilidade familiar. Por vivermos em uma sociedade patriarcal e altamente machista, é como se o gênero masculino fosse o pilar para se constituir um exemplo de família social e culturalmente aceitável. Este modelo de estrutura familiar perdurou por séculos em nossa sociedade, não só a nível nacional, mas sim, mundial.

Sabemos que desde os primórdios, às mulheres cabiam basicamente, as atribuições de afazeres domésticos, trabalharem na lavoura e a maternidade. A nós foram relegados o direito de trabalhar fora do lar, de opinar, ou de qualquer outro direito, pois “quando falamos em relações de Gênero, estamos falando de poder. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal” (COSTA, 2008).

Vivemos hoje no século XXI, e podemos afirmar com orgulho, as conquistas alcançadas pelo gênero feminino, no entanto, ainda é presente a desigualdade com relação a esses dois gêneros. Ainda é forte a desestrutura emocional quando um pai ou esposo se ausenta da família, mostrando assim, a superioridade masculina. Em vários momentos distintos desta pesquisa de campo, pude perceber, através da fala dos trabalhadores rurais, este ranço na sociedade patriarcal. Vejamos a dor e o rancor no discurso de Bromélia ao falar do ex marido:

Ói minha fia, eu me separei mais esse homi meu e fiquei com oito fio pra criar, eu sozinha, eu e Deus pra oiá por nós! O pai passava aí dia de sábado na porta da minha casa com sua feira, e não dava um pedaço de pão, nem no lixo ou no terreiro ele jogava pra dar a eles. O indivíduo num me reconhece, nem os fio, por tudo já fiz por eles! Aí ele dizia, nunca preciso de você! Eu digo, vamo ver!! Aí é Deus, quando é agora, caiu doente do coração. A primeira casa que veio foi na minha!! E hoje me odeia, me odeia, me odeia!!!! Não sei por que ele me odeia. E nós se separemo não foi por causa de nada, só por causa da cachaça. Porque eu não suporrei a cachaça. Eu não suporrei! E eu te digo mais, esses menino passaro muita misérias assim, foi por conta dele num tá dento de casa pra mode ajudar nas coisa. Era eu sozinha pra fazer tudo e o infeliz não tinha coragem e dar um prato de comida a nenhum dos fio.

É nítido o estrago que a separação provocou na vida de Bromélia, pois, em quase todos os casos, até nos dias atuais, quando acontece de haver uma separação entre casais, sempre a mulher quem tem que deixar de trabalhar para cuidar de seus filhos, ou viver em

condições desfavoráveis, como foi o caso de Bromélia. É triste notar, que mesmo existindo o abandono, ela ainda se preocupa em saber o que houve para hoje, ele a odiar.

Situação semelhante aconteceu com Catuaba:

Eu criei sete filho, tudo sozinha. Porque o pai dos meus menino me largou e eu fiquei com tudo aqui pra acabar de criar tudo sozinha. Quando é depois de tudo criado, vem me dizer: “Eu não vou ficar mais aqui. Eu vou embora! Eu vou puntá meu pai.” Eu que criei! Vocês têm certeza meus filho, que vocês vai ser feliz com o pai de vocês? Nós passemo muita dificuldade porque ele abandonou nois! Olhe meus filho, vocês veve aqui hoje, quando vocês vivia junto comigo e cum o pai de vocês era uma coisa, hoje eu num vivo mais com seu pai, a gente vive sozinho, eu e vocês. A partir do momento que você for viver com seu pai e sua madrasta, não vai ser nunca que nem a mãe, sempre a madrasta vai tá judiano, sempre a madrasta vai tá escondeno as coisa de vocês pra não se alimentar, que tudo isso acontece cum eles.

Aqui, sentimos que Catuaba sente a mesma angústia que Bromélia, pelo abandono do esposo. Teve que criar seus filhos sozinha e ainda passar pela decepção deles optarem viver com o pai, depois de criados, mesmo sabendo que seu pai os abandonou.

Esta mesma observação foi feita por Caraíba durante a entrevista narrativa. Ao chegar na residência em que mora, fui recebida na cancela por três cachorros. De dentro da casa ele escutou os latidos e gritou: “*pera que vou segurar eles pra senhora entrar.*” Sentamos na sala da casa, ele foi logo dizendo: “*não tenho nada pra lhe oferecer a não ser o papo mermo*” (risos). Durante a entrevista, Caraíba, apesar de ser homem, relata sobre o abandono de seu pai e comenta ainda as dificuldades que passaram por conta deste abandono, tendo que deixar os estudos para ajudar sua mãe no sustento da casa. Assim,

Meu pai quando foi embora eu tava com quato ano. Saiu pa trabaia e... nunca mai voltou. (risos) E aí eu fui criado por mãe, pelo um tio meu e pelos menino mais véi. Nós lá em casa teve muita dificuldade, ainda mais quando pai saiu de casa e não voltou mais. Mãe tinha que faz das tripa coração pra nois ter o que comer. Por isso, nois teve que ajudar desde cedo para botar comida dentro de casa.

Partindo deste pressuposto, da ausência da figura paterna, Flamboiã também relatou e atribuiu o sofrimento que passou na infância, ocasionado pelo abandono de seu pai. Igualmente, também em sua entrevista narrativa, ele revelou: “*É cumade, se minha mãe vivesse com meu pai, eu não tava passando por essas hoje, mas... já passei por muitos momento... que a senhora não faz ideia.*”

Notamos nestes discursos aqui expostos, a presença marcante de um sofrimento e de uma luta incansável dos trabalhadores rurais pela sobrevivência, atribuídos a ausência da figura patriarcal. Culturalmente falando, este discurso é comum partindo das mulheres, pois elas são as vítimas do abandono. No entanto, notamos que a fala de Caraíba e Flamboiã é a mesma que o de Bromélia e Catuaba. Eles argumentam que precisaram fazer a tarefa que deveria ser de seus pais. Notei certa resolução no discurso de todos eles, e mesmo aqueles que não passaram pela mesma situação, apoiaram os outros trabalhadores rurais. Infelizmente esta é uma realidade presente na vida de muitos brasileiros, não apenas com os trabalhadores rurais, como em qualquer outro cidadão brasileiro.

Volto aqui a mencionar, a estima que esta experiência de campo me proporcionou, tanto profissionalmente, como na vida pessoal. Com ele, pude somar e compartilhar com a simplicidade de cada um, o conhecimento mútuo. Um dos pontos positivos que me proporcionaram a riqueza deste resultado, foi a presença da cultura visual em cada momento particular, bem como a colaboração de cada um deles.

Diante de todos os aparatos visuais, desde os filmes, telenovelas, fotografias, dentre outros, utilizados durante esta pesquisa de campo, notamos a influência e a riqueza nos discursos de cada trabalhador rural, desde um desabafo sobre sua vida pessoal, a uma observação crítica diante das visualidades. Deste modo, torna-se ainda mais evidente a importância da cultura visual como uma ferramenta capaz de desenvolver o senso crítico do indivíduo, bem como promover processos identitários, atribuindo-lhes assim, não apenas entretenimento na vida de cada um, pois “a tecnologia oferece os meios, não a explicação [...] é preciso que haja a necessidade de assumi-las e de usá-las com sabedoria” (MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 17).

Contudo, firmamos que a ficção midiática idealiza e transmite inverdades, pois ela é parte de um campo responsável pelas mudanças no modo de compreendermos estas visualidades, em particular, nos fazendo refletir sobre o uso e o sentido que atribuímos a elas. Pois, sabemos que esta é uma das exigências da contemporaneidade. No entanto, não tiraremos o mérito que esta pode proporcionar, assim, faço uma ressalva, pautada em questões positivas que esta ficção pode oferecer. É por meio de suas representações, em função do caráter de verossimilhança, que nos possibilita pensar e refletir sobre o real, vivido pelos sujeitos.

4.4 DO PRODUTO FINAL DA PESQUISA

A pesquisa em campo me proporcionou identificar em cada trabalhador rural, processos identitários através de oficinas e entrevistas narrativas, tendo elementos da cultura visual como mediadores destes processos.

Assim, como produto final desta pesquisa, após a imersão em campo, tendo como contribuintes as entrevistas narrativas, questionários e oficinas, me propus a elaborar, além deste texto dissertativo em que relatamos a pesquisa, um caderno de proposições pedagógicas para educadores do campo, intitulada: “**LIÇÕES DO CAMPO** – Breves Proposições sobre Ensinar e Aprender com as vivências de trabalhadores rurais”.

Sabemos que a realidade dos trabalhadores rurais de não terem acesso ao ensino é algo frequente em boa parte das zonas rurais espalhadas por todo território nacional, de modo que, vários destes trabalhadores acabam não tendo a oportunidade de frequentarem um ambiente de ensino. A partir deste esclarecimento, surge um questionamento: Por nem sempre haver um ensino direcionado aos trabalhadores do campo nos espaços rurais, estes trabalhadores não terão acesso a esta troca de conhecimento mútuo que o ensino possa lhes oferecer? Foi pensando em contribuir para preencher esta lacuna, que me dispus a elaborar este produto final, que será direcionado aos educadores do campo, tendo a pretensão de contribuir com o processo de ensino aprendizagem dos trabalhadores rurais.

Assim, os objetivos que nortearam para a elaboração das proposições pedagógicas foram: Colaborar no planejamento das aulas para a educação do campo; Propor estratégias de ensino no que envolvam as visualidades como elementos mediadores; Identificar processos identitários dos trabalhadores rurais por meio dos artefatos da cultura visual; Propor estratégias de leitura e escrita, através de ferramentas visuais.

Para contemplar os objetivos acima citados, organizei o material em eixos temáticos que foram observados a partir da minha imersão em campo: Eixo temático 01- Identidade; Eixo temático 02 - Representação de si; Eixo temático 03 - Elementos visuais como construtores de sentidos.

Este material poderá ser compartilhado em secretarias de educação de vários municípios, pois sabemos da dificuldade que os professores encontram para terem acesso à material pedagógico direcionado aos alunos do campo. Estas proposições são úteis para educadores que atuam nas escolas do e no campo, poderá ser utilizada de tal forma para a Educação de Jovens e Adultos, bem como para profissionais que desejarem contribuir com o ensino, mesmo que de maneira informal. Este material também constitui um documento encadernado à parte.

5 ENCERRANDO A CONVERSA...



Figura 16: Trabalhadores rurais do Tapuio. Fotografia de Daniel Carvalho, 2016.

O século XXI veio acompanhado por um desenfreado avanço tecnológico, que por vezes nos preocupa, pois com a superexposição das visualidades através dos meios de comunicação de massa, paramos para pensar como estas visualidades estão sendo mostradas e como a população as interpreta.

Explanar estas visualidades de modo crítico é uma das exigências da contemporaneidade. Assim, nos questionamos: todos os espaços e todos os cidadãos estão em níveis de igualdade, no que tange aos avanços tecnológicos? Sabemos que esta modernidade proporciona a uma criança, saber mexer em um celular antes mesmo de aprender a ler e escrever. No entanto, como podemos inserir as pessoas na sociedade atual, que mesmo em idade adulta não tenham sido alfabetizados? Ou mesmo, como o espaço rural, que veio conseguir luz elétrica há tão pouco tempo, pode acompanhar estes avanços?

Todos estes questionamos citados foram cuidadosamente pensados, com a finalidade de colaborar com o público da zona rural, em particular, com os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, colaboradores para o êxito desta pesquisa. No entanto, tenho consciência do estereótipo criado a partir das “diferenças” entre o espaço rural e o urbano. Por

muito tempo, e ainda frequente, a zona rural foi/é vista como um lugar inferior, inferiorizando do mesmo modo, os sujeitos que ali residem.

O fato de muitos ambientes rurais serem distantes da zona urbana, acaba dificultando o acesso as redes escolares, isso, pensando em ambientes rurais que não têm escolas próximas, em consequência disto, muitos acabam não estudando, pois possuem uma jornada exaustiva de trabalho na roça.

Durante a imersão em campo, foram observadas algumas categoria que me nortearam para a escrita da análise dos dados. Estas categorias foram responsáveis em atender a questão que norteou toda a pesquisa.

Do mesmo modo, a partir do trabalho com artefatos da cultura visual, no que se refere aos processos identitários, os trabalhadores rurais observaram que as identidades são móveis, mesmo que inconscientes, eles distinguiram em várias falas, modificações ocorridas ao longo do tempo. Esta categoria foi intitulada como “Identidade móvel: visão/consciência de mudança”.

Outro aspecto que foi observado durante a pesquisa de campo foi a “As tecnologias contemporâneas e o campo: o que as mídias representam?” Por vezes, os trabalhadores rurais afirmaram perceber que a tecnologia avançou ao longo do tempo, não apenas na zona urbana, como no espaço rural.

Por várias vezes, os trabalhadores rurais expuseram seus sofrimentos por morarem na roça, pois afirmaram a todo tempo a diferença existente entre os moradores da cidade com os moradores da roça. Sempre relatando o cansaço do serviço braçal da zona rural. Desse modo, outra categoria observada foi o “Trabalhador rural como sinônimo de sofredor: vergonha ou orgulho em ser da roça?”

Por fim, mesmo relatando todo este sofrimento citado acima, os trabalhadores rurais mostraram-se sensíveis e corajosos diante das dificuldades encontradas. Assim, travam uma luta diária pela sobrevivência, nunca deixando morrer a esperança por dias melhores. Esta última categoria foi nomeando como, “Sensibilidade e coragem do trabalhador rural: lutas pela sobrevivência.”

Como produto final desta pesquisa, além da escrita desta dissertação, organizei proposições pedagógicas direcionadas aos educadores do campo, intitulada: **LIÇÕES DO CAMPO** – Breves Proposições sobre Ensinar e Aprender com as vivências de trabalhadores rurais, tendo como objetivo: Colaborar no planejamento das aulas para a educação do campo; Propor estratégias de ensino no que envolve as visualidades como elementos mediadores; Identificar processos identitários dos trabalhadores rurais por meio dos artefatos da cultura visual; e por fim, propor estratégias de leitura e escrita, através de ferramentas visuais.

Assim, de modo geral, este estudo colaborará com processos de aquisição do conhecimento por meio de artefatos da cultura visual, bem como, com práticas de leitura e escrita, não só na comunidade do Tapuio, mas sim, com todas as comunidades rurais, no sentido de considerar a relação entre os indivíduos e o contexto social e identitário, ponderando os limites das diversidades existentes, bem como oportunizar e desenvolver aprendizagens subjacentes às imagens.

6 REFERÊNCIA

ALVES, Thelma Panerai Alves, SILVA, Ivana Maria Martins, CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. **Linguagens, tecnologias e educação: interconexões pedagógicas**. Recife: Editora UFPE, 2015.

ANDRÉ, Marli Ekiza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BARBERO, Jesus MARTÍN. **Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais**. In: *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: MEC/SEED, 1999, p. 17-40.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BUSQUETS, Maria Dolors. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. Trad. Cláudia Schinling. São Paulo: Ática, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARLOS, Erenildo João, VICENTE, Dafiana do Socorro Soares (Orgs.). **A importância do ato de ver**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPE, 2011.

CAPPI, A. (2004). **Apresentação**. In R. Petrelli. *Fenomenologia: teoria, método e prática* Goiânia: Editora UCG. 2004.

COLTRO, Alex. **A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 11. 2000. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/C11-art05.pdf>> Acesso em: 16 out 2014.

DIAS, Belidson. **O I/Mundo da educação em Cultura Visual**. Brasília: Editora da Pós Graduação em artes da Universidade de Brasília, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: **Ditos e escritos II** – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000, pp. 335-351.

GALLO, Sílvio. **Transversalidade e educação**: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERHARDT, Cleyton H. **OS “RURAIIS” E AS “NOVAS” RURALIDADES**: problematizando questões. CPDA / UFRRJ. Fevereiro de 2004.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Antenor Rita. **Linguagem Imagética e Educação**. Guarapari-ES: Ex Libris, 2008.

_____. **Ver e aprender**: proposições pedagógicas sobre educação e cultura visual. Salvador: EDUNEB, 2012.

_____. Gomes, Antenor Rita; Silva, Núbia Oliveira da. **Imagem E Conhecimento**: Sentidos Moventes, Emergências E Aprendizagem Reu, Sorocaba, SP, v. 39, n. 2, p. 451-461, dez. 2013.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Traduzido por Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes médicas, 2006.

HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor**. Coimbra: Atlântida, 1965.

INFANTE, U. **Texto**: Leitura e escritas. São Paulo: Scipione, 2000.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KEHRWALD, I. P. **Ler e escrever em artes visuais**. In: NEVES, I. C. B.; et al. (Orgs.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. 7. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LAJOLO, Marisa **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Ática, 2004.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro: das origens à Retomada**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2005.

LEMOS, André; LÉVY Pierre– **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

MACEDO, R. S. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A etnopesquisa crítica e multirrefencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Josemar da Silva; REIS, Edmerson Santos. **Proposta político-pedagógica da RESAB: A convivência com o semi-árido como norteadora do processo educacional no semiárido brasileiro (Rascunho-manifesto em andamento)**. Secretaria Executiva da RESAB, Juazeiro (BA). Anexo 3.Relatório Final da Consultoria COOPERFAJ/UNICEF - 2004.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação na Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2012.

_____. **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica a sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos, BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

MOREIRA, Roberto José. **Pensando o rural da modernidade e dos nossos tempos**. X Seminário Internacional sobre Território e Cultura. Universidad de Caldas - Manizales, Colômbia, 2010.

PETRELLI, R. (2004). **Fenomenologia: teoria, método e prática**. Goiânia: UCG.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. São Paulo: Papirus, 1996.

PIRES, Maria da Conceição; SILVA, Sergio Luiz Pereira. **Memórias e identidades entrelaçadas pela cultura.** Domínios da Imagem, Londrina, v. 8, n. 15, p. 139-158, jun./dez. 2014. ISSN 2237-9126.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidade e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Profissão docente na roça.** Salvador: EDUFBA, 2015.

SALES, Walter (2001). **Abril despedaçado.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wqzx1fWF2cY>. Acessado em: 23/04/2016.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza (org). 2ª edição. **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Édmea. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente.** Tese de Doutorado. PPGE-FACED/UFBA, 2005, 293 p.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa.** **Cadernos de Pesquisa**, volume 36, número 128, páginas 451-472. Agosto 2006.

_____. **Leitura de imagens e cultura visual.** *Educar*, Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006. Editora UFPR 203*Educar*, Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006. Editora UFPR

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Flrorianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira. Conferência: Da Indústria Cultural à Cultura Visual. UNEB, Campus IV, Jacobina - BA, 2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ensaio sobre Fotografia.** Lisboa, Dom Quixote, 1986.

STASIAK, Daiana; SANTIAGO, Vilso Junior. **Estratégias e identidades midiáticas: matizes da comunicação contemporânea – Dados eletrônicos.** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 156 p. Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-397-0082-0.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa.** Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

TAVIN, Kevin M. **Contextualizando a visualidade na vida cotidiana**: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: UFSM, 2012. p.225-239.

TRINDADE, Loretto da, SANTOS, Rafael dos. (orgs). **Multiculturalismo**: mil e uma faces da Escola. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TURNER, Graeme. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VIDA MARIA. Direção Marcio Ramos. 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, Trio Filmes, VIACG. DVD (8 min. e 34 seg).

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. Oficinas de ensino? O quê? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

XAVIER, A. C. A. Letramento digital e ensino. In: **Alfabetização e Letramento**. CEEL, 2005.

ZEMELMAN, Hugo. **Sujeito e sentido**: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado. SANTOS, Boaventura de Souza (org). 2ª edição – São Paulo: Cortez, 2006.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS/DCH

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE-MPED

CAMPUS IV - JACOBINA - BA

SÍRIA LIMA SAMPAIO

7 APÊNDICES

Jacobina – BA

2017

ROTEIRO DA OFICINA

JUSTIFICATIVA

A oficina intitulada **Lendo e Escrevendo por meio das Imagens** é uma proposta de intervenção a ser desenvolvida a partir do projeto apresentado ao programa de mestrado, Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, tendo como título **CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA – BA)**.

O intuito desta oficina é promover aos trabalhadores da comunidade do Tapuio, situada à 9 km da sede da cidade de Jacobina, contribuições nos processos identitários, educativos e pedagógicos no que tange práticas de leitura e escrita destes moradores. Mesmo convivendo nesse cenário atual com tantos meios de comunicação e informação de massa a disposição de muitos, sabe-se que esta realidade não acontece em todos os espaços rurais. Em se tratando de aspectos educacionais, somos tentados a pensar como colaborar com estes trabalhadores. Sabe-se da dificuldade que muitos moradores da zona rural encontram para terem acesso às escolas de ensino formal. Porém, sabe-se também, que a escola não é o único espaço capaz de produzir conhecimentos.

A oficina, além de proporcionar práticas de leitura e de escrita com os trabalhadores rurais da referida comunidade, que contará com elementos pertencentes à Cultura Visual durante as oficinas, terão a experiência de representarem suas identidades por meio destas representações visuais que englobam o cenário atual.

Na sociedade contemporânea em que vivemos, boa parte do que conhecemos, no que se refere ao conhecimento produzido, nos é proporcionado através dos meios de informação e comunicação, como afirma Sardelich (2006), quando diz que conhecimentos “também constroem imagens do mundo”. São imagens que adquirem os mais diversificados sentidos e interesses, desde o entretenimento ao uso de cunho informativo.

A Cultura Visual é um elemento mediador do ensino, capaz de promover aos indivíduos uma pluralidade de sentidos, pois sua interpretação é transversal. Foi pensando nesses sujeitos que não têm acesso às aprendizagens de cunho pedagógico, mesmo estando inseridos nesse contexto atual, a pensarmos como a Cultura Visual pode contribuir no processo de mediação das práticas de leitura e escrita nas aprendizagens educativas de cunho transversal. Isto por entender, que estes moradores, independente da comunidade a qual fazem parte, são esquecidos e invisibilizados pela sociedade, ou mesmo pelo fato do ensino escolar não chegar à estas comunidades. Assim, entendemos que outros espaços também são destinados para o processo de ensino/aprendizagem, pois diversos ambientes, a exemplo das comunidades, são propícios a esta prática. Outro fator relevante é a dinamicidade e autonomia que estes espaços nos possibilitam. Assim, confirma-se a relevância de um trabalho que contribua para as aprendizagens subjacentes às imagens, pois são elas que integram as massas.

Desse modo, através dos meios de comunicação de massa disponíveis na contemporaneidade, os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuío representarão suas identidades por meio de aparatos disponíveis pela Cultura Visual, bem como desenvolverão práticas de leitura e escrita.

PRINCÍPIOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

O ato de ler e escrever estão presentes na nossa sociedade há muito tempo. Porém, esta prática não foi algo acessível à todos, existindo um processo de hierarquização entre as classes sociais predominantes. Mesmo existindo este processo hierarquizado, compreende-se a importância da leitura para a construção e reconstrução do conhecimento dos artifícios da realidade, independente da classe social que o sujeito pertença.

Frago (1993, p. 23) nos esclarece que “a escrita é, juntamente com a roda e o fogo, um dos inventos que mais profundamente modificaram a mente e a vida humana”. Outrossim, é evidente sua contribuição para o desenvolvimento humano, por tudo o que foi adquirido a partir dela: mudaram-se as relações entre os seres humanos, a compreensão crítica de mundo,

as estratégias de percepção, de pensamento, facilitou a análise, a reflexão, dentre outros fatores.

Desse modo, aprender a ler e escrever não são apenas aprendizagens de um código, podemos acrescentar o conceito de Frago (1993, p. 107), quando afirma que tal aprendizagem, implica “adquirir e integrar novos modos de compreensão da realidade, do mundo, de si mesmo e dos outros. Ler e escrever são práticas culturais que reestruturam a consciência e a mente e como consequência disto, o comportamento”.

Dessa forma, sabemos o quão importante é a “leitura de mundo” para a formação de cada indivíduo. Para isso, Freire (1989) relata que,

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (p. 11).

Na visão de Freire, a leitura de mundo e a leitura escrita são práticas indissociáveis, consideradas como métodos democráticos e críticos. Uma estratégia para se obter êxito com experiências de leituras é fazer uso de temas que estejam inseridos na vivência diária dos educandos, não apenas aos conhecimentos ligados ao educador. Como acontece no relato de vida exposto por Freire, não foram apenas às vivências de seus pais que o fez adquirir conhecimentos, mas sim, com o auxílio de suas “palavras de mundo”.

Na verdade, não se pode apreciar leitura apenas como reproduzir o texto ou narrar uma história. Leitura é um procedimento que se inicia antes do contato com o texto, inicia-se com a leitura de mundo feita por cada indivíduo de modo particular, seja ele verbal ou não verbal, e vai além dele. O leitor participa do processo com toda a sua experiência de vida e de linguagem, num determinado contexto, com intenções e probabilidades específicas. A observação faz acreditar que um leitor, debruçado sobre um mesmo texto, porém em condições díspares, terá diferentes compreensões sobre esta leitura. Por isso mesmo, pode-se preferir que o aprendizado partiu de uma dada leitura.

Quando afirmamos que o conhecimento de mundo é indispensável para a produção do conhecimento humano, apontamos os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, que apesar de não terem sido alfabetizados em um ensino regular e tradicional, aquele

hierarquizado, terão suas vivências e experiências para auxiliarem no processo de aquisição do conhecimento nas práticas de leitura e escrita, bem como, socializarão suas representações identitárias.

Uma ferramenta que pode ser inserida nesse contexto educacional atual, tendo como propósito atender as práticas de leitura e escrita dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, é a transversalidade da Cultura Visual. Do modo que estas serão tratadas como “fenômeno, materialmente construído, presente no tempo e no espaço e portador de sentidos. Tratar da imagem, na sociedade contemporânea, obriga-nos, em grande parte, a ir além e até a criticar modelos epistemológicos importantes para a tradição filosófica” (GUEDES, *apud* Carlos e Vicente, 2011, p. 35).

No entanto, um questionamento se faz necessário para darmos o ponta pé inicial sobre o uso da Cultura Visual para as práticas de leitura e escrita com os trabalhadores rurais. Assim, qual a contribuição que estas representações visuais podem proporcionar para a produção do conhecimento no atual contexto social dentro das comunidades? Partindo desse pressuposto, afirmamos que “não existe produção do conhecimento que seja neutra” (GUEDES, *apud* Carlos e Vicente, 2011, p. 37), logo, qualquer ser humano tem a capacidade de criar sentidos.

Guedes, *apud* Carlos e Vicente, (2011) afirmam que, tanto a linguagem escrita, quanto a visual, ambas podem ser envolvidas e entendidas como uma valorização na mediação de releituras, proporcionando desse modo, novas significações do mundo.

Por vivermos em uma era, onde as imagens nos seduzem e nos cercam a todo instante, sejam elas impressas, ou expostas às novas tecnologias, como, em redes de internet móvel ou fixa, a multidisciplinaridade que estas linguagens nos permitem, garantem hesito na comunicação enquanto linguagem, bem como nos processos pedagógicos e saberes culturais.

Para retratarmos da diversidade e transversalidade na educação em espaços não-formais, direcionamos nosso olhar às comunidades, mais especificamente a comunidade do Tapuio, pois sabe-se do silenciamento existente para com estes espaços. Desse modo, entende-se a importância de um trabalho que envolva práticas de leitura e escrita, tendo como elemento mediador a pluralidade de sentido existente nas representações visuais. “A

possibilidade que a imagem tem nesse processo se assemelha aos outros meios de leitura do mundo. Assim como a linguagem escrita, a imagética pode ser compreendida como uma rica mediação de releitura e ressignificação do mundo.” (GUEDES, apud Carlos e Vicente, 2011, p. 46).

Assim, trabalhar com temas transversais, nos possibilita assumir uma postura, firmando um compromisso, onde asseguramos que qualquer espaço social pode se tornar um ambiente apto à aprendizagens, a troca de saberes e a circulação compartilhada. Desse modo, o local de trabalho, como as escolas formais, comunidades rurais, dentre outros espaços, podem se tornar ambientes suscetíveis para esta troca de saberes, através da transversalidade no ensino. Se faz necessário adotarmos esta postura, pois a contemporaneidade exige de nós um olhar voltado sobre as questões da educação, com muito mais comprometimento e ânimo de pensamento inovador.

Para entrarmos no aspecto da diversidade, no que tange o campo da educação, abordaremos, de antemão, que não se educa "para alguma coisa", educa-se por tanto para alguém, pois a educação é um direito de todos e, como tal, necessita ser confiável de forma igualitária. O escopo da educação e das suas políticas não se resume apenas em formar profissionais para o mercado de trabalho, para o vestibular ou, tampouco, alcançar os índices internacionais de alfabetização. O interesse fundamental são os sujeitos que fazem parte de uma sociedade, que são cobertos pelos direitos enquanto cidadãos.

“A roça é um espaço de diversidade” (RIOS, 2015, p. 66), diversidade esta que envolve pessoas, tempos, gerações, linguagens, raças, e acima de tudo, aprendizagens. O sujeito da roça constrói seus saberes a partir de um processo identitário, ético e moral, características presentes que marcam a formação familiar deste povo. Muitos destes sujeitos sobrevivem do que plantam, e é deste plantio que sustentam suas famílias. Papel destinado, na maioria das vezes, para o homem, característica patriarcal existente em boa parte das culturas, que utiliza-se da “lavoura e da pecuária para a própria subsistência (p. 47)”, assumindo assim, o papel de provedor.

Ao tratarmos de processos identitários, concordamos com Bauman (1998) quando este afirma que, a pós-modernidade é instituída por sujeitos envolvidos num intenso movimento de experimentação de identidades e experiências. Assegura ainda, que alguns fatores

contribuíram diretamente para os sentimentos adquiridos pelos indivíduos pós-modernos, como por exemplo, a desordem do mundo estabelecida a partir de múltiplas identidades, comunidades, grupos sociais, novas forças políticas; bem como, desenfreada liberdade, inclusive a liberdade do capital; ou ainda, incertezas que permeiam as estruturas materiais, sociais e da atividade política. Estes novos paradigmas entram em paralelo com as estruturas fixas onde geram conflitos, inclusive no campo educacional, desde a formação docente até às práticas educativas.

Dialogando com este pensamento, Hall (2006) afirma que existe uma crise que ronda o sujeito pós-moderno, quando afirma que estes indivíduos estão passando por uma “crise de identidade”. *Este sujeito* está enfrentando um processo de mudanças, que por sua vez, não possui uma única identidade, agora ela encontra-se fragmentada e composta não só por uma, mas por várias identidades, muitas vezes contraditórias ou até mesmo não resolvidas. Hall argumenta ainda, que tais mudanças também podem ser associadas ao processo de globalização.

Sabemos que a diferença é um fator primordial em relação a identidade. No entanto, nos perguntamos como essa diferença é marcada em relação a identidade. Segundo Silva (2000) ela acontece por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais. As identidades são marcadas por meio da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

OBJETIVOS

- ✓ Identificar contribuições da Cultura Visual para a aquisição de conhecimento em métodos de ensino, envolvendo práticas de leitura e escrita;
- ✓ Trabalhar com a diversidade de conteúdos subjacentes às representações visuais;
- ✓ Identificar as representações identitárias do trabalhador rural da comunidade do Tapuio, contidos nos artefatos da Cultura Visual.

CONTEÚDOS

No decorrer da oficina, para atender as práticas de leitura e escrita, foi pensado em inferências, interpretação de textos escritos e/ou por meio de artefatos da Cultura Visual, debates, dentre outros que forem julgados relevantes no decorrer das oficinas. Estes debates serão relacionados a partir da realidade e vivência dos trabalhadores rurais. Após os debates, o momento será destinado à escrita de palavras e frases.

O material utilizando durante as oficinas serão: artefatos da Cultura Visual, como: filmes, telenovelas, fotografias e vídeos. Para nos auxiliar com a exibição destes artefatos, utilizaremos: notebook e celular para fotografar e filmar os debates e interação dos trabalhadores rurais durante as oficinas; para as práticas de leitura e escrita: lápis, borracha, caderno, impressão de materiais, dentre outros.

METODOLOGIA

O espaço físico para a execução das oficinas será na casa da presidente da associação dos trabalhadores do Tapuio, na própria comunidade; o curso terá duração prevista de 3 meses, perfazendo um quantitativo de 50 horas, onde acontecerá uma vez por semana, aos domingos, (dia definido pelos próprios trabalhadores). Farão parte dessa oficina 09 trabalhadores rurais, sendo 5 homens e 4 mulheres, tendo uma faixa etária entre 62 anos a 25 anos de idade.

As oficinas iniciarão com a exibição de algum dos artefatos da cultura visual acima citados, na sequência, acontecerão os debates. Nesse momento, cada trabalhador rural irá expor seu ponto de vista acerca do que foi apresentado, a partir de então, será captado sobre a visão de cada um, acerca de suas representações identitárias. Este momento será registrado com filmagens, fotografias e gravações. Após o debate, será apresentada uma proposta de atividade que envolva práticas de leitura e escrita.

AVALIAÇÃO DA OFICINA

Este momento será destinado para uma avaliação após as oficinas. Faz-se necessário sabermos até quando os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio aprenderam com as oficinas; se teve êxito com as práticas de leitura e escrita, ou mesmo, se a proposta das representações identitárias destes trabalhadores foram positivas ou negativas.

Cronograma de execução

Identificação da etapa:
29/05/2016. Primeiro encontro com os trabalhadores rurais para apresentação da proposta de trabalho.
Identificação da etapa: Entrevistas narrativas
Data do início: 25/08/2016
Data do término: 01/09/2016
Identificação da etapa: Oficinas
Data do início: 04/09/2016
Data do término: 25/11/2016
Identificação da etapa: Encerramento das oficinas
Data do início: 25/11/2016
Data do término: 25/11/2016

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CARLOS, Erenildo João, VICENTE, Dafiana do Socorro Soares (Orgs.). **A importância do ato de ver**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPE, 2011.

FRAGO, Antônio Vinão. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 1ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. **Cadernos de Pesquisa**, volume 36, número 128, páginas 451-472. Agosto 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença** - a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE- PPEd
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – MPED
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, da pesquisa **CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA – BA)**. Apresento as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO: CULTURA VISUAL, DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS TRABALHADORES RURAIS DO TAPUIO (JACOBINA – BA)

OBJETIVOS:

- a) Identificar os elementos da Cultura Visual que estão presentes no cotidiano dos trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio;
- b) Identificar representações identitárias de trabalhadores rurais, veiculadas pela Cultura Visual;
- c) Descrever/mapear as interpretações/reações dos trabalhadores aos artefatos da Cultural Visual que retratam os trabalhadores;
- d) Elencar as representações dos trabalhadores rurais do Tapuio - na relação com as representações visuais - sobre suas identidades.

ESPAÇO: Comunidade Rural do Tapuio, Jacobina/BA.

SUJEITOS: Trabalhadores (as) Rurais da comunidade do Tapuio que não concluíram seus estudos.

***OBS:** Antes de iniciar com as fases da pesquisa, deixarei claro aqui neste documento, que será gravado ao ser lido pela pesquisado Síria, como prova de registro, após a leitura, será explicado a cada um dos participantes da pesquisa, uma vez que, não foram alfabetizados. Aqueles que souberem assinar seus nomes, lhes entregarei este documento, os que não souberem, pedirei que registrem com a digital do polegar direito. Só pedirei que façam isso, após terem entendido toda a proposta de trabalho.*

FASES DA PESQUISA:

1ª Etapa:

Inicialmente, acontecerá um contato com os trabalhadores rurais da comunidade do Tapuio, para assim, discutirmos as propostas do trabalho.

2ª Etapa:

- a) Encontros semanais na comunidade do Tapuio com as oficinas, intituladas “**Lendo e Escrevendo por meio das Imagens**” (ver projeto e sequência didática, em anexo), com os trabalhadores rurais, onde terá duração de 3 meses, perfazendo um total de 60 horas.
- b) Antes do início das oficinas, marcar com cada trabalhador rural, em dias da semana opostos, uma entrevista narrativa.
- c) Após a realização das oficinas e da entrevista narrativa, os dados e resultados da pesquisa de campo, registrados em um diário de campo, bem como fotografias e filmagens feitas durante as aulas dos trabalhadores rurais, que servirão de registros, serão sistematizados em uma dissertação que será entregue e apresentada ao final do curso do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED, pela Universidade do Estado da Bahia.

d) As fotografias, gravações, entrevistas narrativas e o material pedagógico utilizados durante toda a oficina estarão contidos no produto final, que serão proposições pedagógicas para educadores do campo, intitulada: **LIÇÕES DO CAMPO** – Breves Proposições sobre Ensinar e Aprender com as vivências de trabalhadores rurais.

I. Especificação dos riscos, prejuízos, desconforto, lesões que podem ser provocados pela pesquisa:

A pesquisa prevê possíveis riscos aos seus participantes, uma vez que os sujeitos expõem suas histórias de vida, através das entrevistas narrativas, ou mesmo constrangimento e situações vexatórias na publicização das histórias/narrativas de vida, mesmo diante da confidencialidade dos seus nomes, já que vocês estão participando de uma pesquisa em que trarão à tona em suas narrativas as suas trajetórias de vida, podendo revelar no percurso, situações do cotidiano que não gostariam em tese de partilhar ou revelar a ninguém. E mesmo considerando que não há confidencialidade total em torno das suas narrativas, vamos manter o sigilo de suas identidades, substituindo os seus nomes por fictícios quando da elaboração dos resultados e publicização, conforme orientação da Resolução 196/96 Conselho Nacional de Saúde.

II. Descrição dos benefícios decorrentes da participação na pesquisa:

- a) Oportunizar aos trabalhadores rurais, momentos para discussões sobre processos identitários de seu cotidiano;
- b) Contato com os artefatos da Cultura Visual, como processo de aquisição de conhecimentos;
- c) Contribuição nos processos de leitura e escrita, por meio das visualidades contemporâneas.

III. Esclarecimento sobre participação na pesquisa

A pesquisa será desenvolvida no período de outubro de 2016 a dezembro de 2016.

Não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira aos participantes;

Em todas as fases da pesquisa, a pesquisadora se deslocará em direção ao local onde o sujeito da pesquisa se encontra, não gerando dessa maneira, nenhum gasto financeiro e/ou prejuízo para o participante;

Os sujeitos da pesquisa poderão a qualquer momento retirar o consentimento dado para a realização desta pesquisa e publicização das informações.

IV. Contato das pesquisadoras

Síria Lima Sampaio – Praça da Liberdade, 10 Bairro Mundo Novo, Jacobina - Bahia, CEP: 44.700-000. Tel. (74) 99141-7286. Fixo (74) 3621-5942 (Mestranda responsável pela pesquisa)

Antenor Rita Gomes – Rua Graciliano Ramos, 556, Bairro Mundo Novo. Jacobina – BA, CEP: 44.700-000. Cel.: (74) 99199-0201 (Orientador do curso de Mestrado)

V. Contato do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEB. Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: (71) 3117-2445. E-mail: cepuneb@uneb.br

Nome _____

QUESTIONÁRIO 1

1 ° Qual dos meios de comunicação abaixo você tem acesso em seu dia-a-dia?

Televisão Rádio Internet Revistas Jornal Nenhuma das opções

Onde você tem acesso?

Minha residência Casa de vizinhos Casa de parentes Nenhuma das opções

2- Quando você assiste televisão, que tipo de programa você mais gosta?

Novelas Filmes Programas Jornalísticos Programas esportivos Programas humorísticos Programas de auditório Não assisto televisão.

3- O que você mais gosta quando assiste TV, Ver filmes, folheia revista, etc.

saber o que está escrito

Olhar as imagens

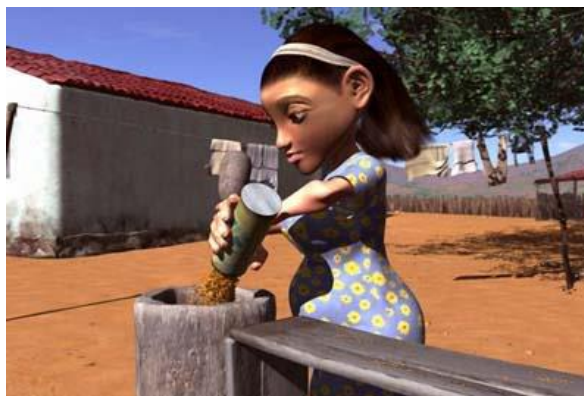
Olhar as imagens e saber o que está escrito

Não me interessa por nada disso.

QUESTIONÁRIO VISUAL – 1

Nome: _____

Quem é você? Como você se caracteriza?



Como você acha que esta imagem representa o homem da roça?

- Como um sofredor, pois mesmo grávida ela está trabalhando;
- Como um grande trabalhador, pois na roça tem que se trabalhar de qualquer jeito;
- Está trabalhando porque na roça não tem outra coisa para se fazer;
- Está trabalhando porque precisa ter o que comer.
- Outros _____

Diante dessa representação posta na imagem, como você se vê diante dela? Concorda com o que está retratado aí?

- Sim
- Não

Por quê?

QUESTIONÁRIO VISUAL – 2

Nome: _____

Quem é você? Como você se caracteriza?



Como você acha que esta imagem da Novela o Rei do Gado mostra o trabalhador rural?

- () Que a personagem Luana se aproveita porque Bruno é rico e ela é da roça;
- () Que os trabalhadores da roça são honestos;
- () Que a personagem só está bem vestida porque está ao lado de uma pessoa que tem dinheiro;
- () Como uma ingênua e pobre coitada.
- () Outros _____

Diante dessa representação posta na imagem, como você se vê diante dela? Concorda com o que está retratado aí?

- () Sim
- () Não

Por quê?
